

Centro de Dia da Pícuia. Projeto de Design de Interiores e Reabilitação de Um Espaço Preexistente Para a Terceira Idade.

Diana Sofia Xavier Pinto

Mestrado em Design de Interiores

*Orientadora: Armandina Désirée Tomás Pedro, Licenciada em
Arquitetura e Professora da Escola Superior de Artes e Design*



ESAD
ESCOLA SUPERIOR
DE ARTES E DESIGN
MATOSINHOS

Abstract

The aging population worldwide has driven strong debates and resolutions on the social sustainability of nations. On the national scene, two questions show up on this theme: society is eminently alienating to the elderly, while the increase in this age group with a new time of reform provides opportunities for more occupation supply and the need for more and better social facilities, so that they remain physically and intellectually active.

This master thesis project seeks to deepen knowledge about spaces designed specifically for seniors and create an interior design project oriented by studied themes on this matter. To this end we chose to work a set of old buildings of rural typology to frame a rehabilitation process with the demands and needs of a social facility for the elderly - the Day Care Center.

The case study is located in Águas Santas , Maia, and is inserted into Quinta da Pícuca. Before the establishment of the project intervention it was necessary to perform a survey study and diagnosis of the pre-existence for later analysis and framework of the under study theme.

Keywords

DESIGN

REHABILITATION

SENIORS

DAY CARE CENTER

Resumo

O envelhecimento populacional, à escala mundial, tem impulsionado fortes debates e resoluções sobre a sustentabilidade social das nações. No panorama nacional duas questões evidenciam-se sobre este tema: a sociedade é eminentemente excludente para os idosos enquanto o aumento deste grupo etário, com um novo tempo de reforma, proporciona oportunidades de mais oferta de ocupação e a necessidade de mais e melhores equipamentos sociais para que permaneçam ativos, física e intelectualmente.

Este projeto tese de mestrado procura aprofundar conhecimentos sobre os espaços projetados especificamente para a terceira idade e avançar com uma proposta de projeto de design de interiores orientada pelas matérias estudadas sobre este tema. Para tal, optou-se por trabalhar um conjunto de edifícios antigos de tipologia rural, para de forma ajustada, enquadrar um processo de reabilitação com as exigências e necessidades de um equipamento social para idosos – o Centro de Dia.

O caso de estudo localiza-se em Águas Santas, concelho da Maia, e está inserido na Quinta da Pícuca. Antes da elaboração do projeto de intervenção foi necessário realizar um estudo de levantamento e diagnóstico da pré-existência para posterior análise e devido enquadramento do tema em estudo.

Palavras-Chave

DESIGN

REABILITAÇÃO

TERCEIRA IDADE

CENTRO DE DIA

Agradecimentos

À Arquiteta Désirée Pedro, pela sua valiosa orientação.

Às arquitetas Luísa Lousan e Susana Carvalho e aos técnicos Diogo, Pedro e Sr. Carvalho da Câmara Municipal da Maia pela ajuda na escolha e no levantamento da Quinta da Pícuca.

Aos coordenadores Alice Azevedo do Centro de Dia de Crestins e José António Couto do Centro Social e Paroquial Apoio à Terceira Idade Nossa Senhora do Calvário pelas visitas aos centros e pela facilitação do contacto e intermediação com os entrevistados.

À minha família e amigos pela motivação e compreensão, em especial ao Diogo e à Daniela por me dedicarem tamanha ajuda.

Índice

13 1. Introdução

13 1.1. *Apreciações Iniciais*

14 1.2. *Objetivos do Trabalho*

15 1.3. *Metodologia*

21 2. Enquadramento

21 2.1. *A Terceira Idade e o
Envelhecimento Demográfico*

24 2.2. *O Design Ao Serviço
da Terceira Idade*

30 2.3. *Espaços Para a Terceira Idade:
Casos de Estudo*

31 2.3.1. *Centro de Dia de Vialonga (2008)*

34 2.3.2. *Lar de Idosos de Alcácer do Sal (2010)*

38 2.3.3. *Projeto de Habitação Para Idosos
Em Chur (1993)*

40 2.3.4. Centro de Geriatria Santa Rita (2008)

44 2.4. Reabilitar

51 3. Apresentação do Objeto de Estudo

51 3.1. Localização e Enquadramento Histórico

62 3.2. Levantamento Arquitetónico

70 3.3. Caracterização da Construção e do Estado de Degradação – Patologias

76 3.3.1. Exteriores

84 3.3.2. Habitação 1

92 3.3.3. Habitação 2

96 3.3.4. Habitação 3

100 3.3.5. Habitação 4

110 3.3.6. Habitação 5

116 3.3.7. Habitação 6

120 3.3.8. Habitação 7

126 3.3.9. Habitação 8

132 3.3.10. Habitação 9

136 3.3.11. Habitação 10

136 3.3.12. Habitação 11

140 3.3.13. Habitação 12

150 3.3.14. Anexos

156 3.3.15. Dependências Para Animais

162 3.3.16. Coberturas

166 3.3.17. Casa dos Caseiros

173 4. Proposta de Intervenção

174 4.1. Definição do programa

177 4.2. Estratégia de intervenção

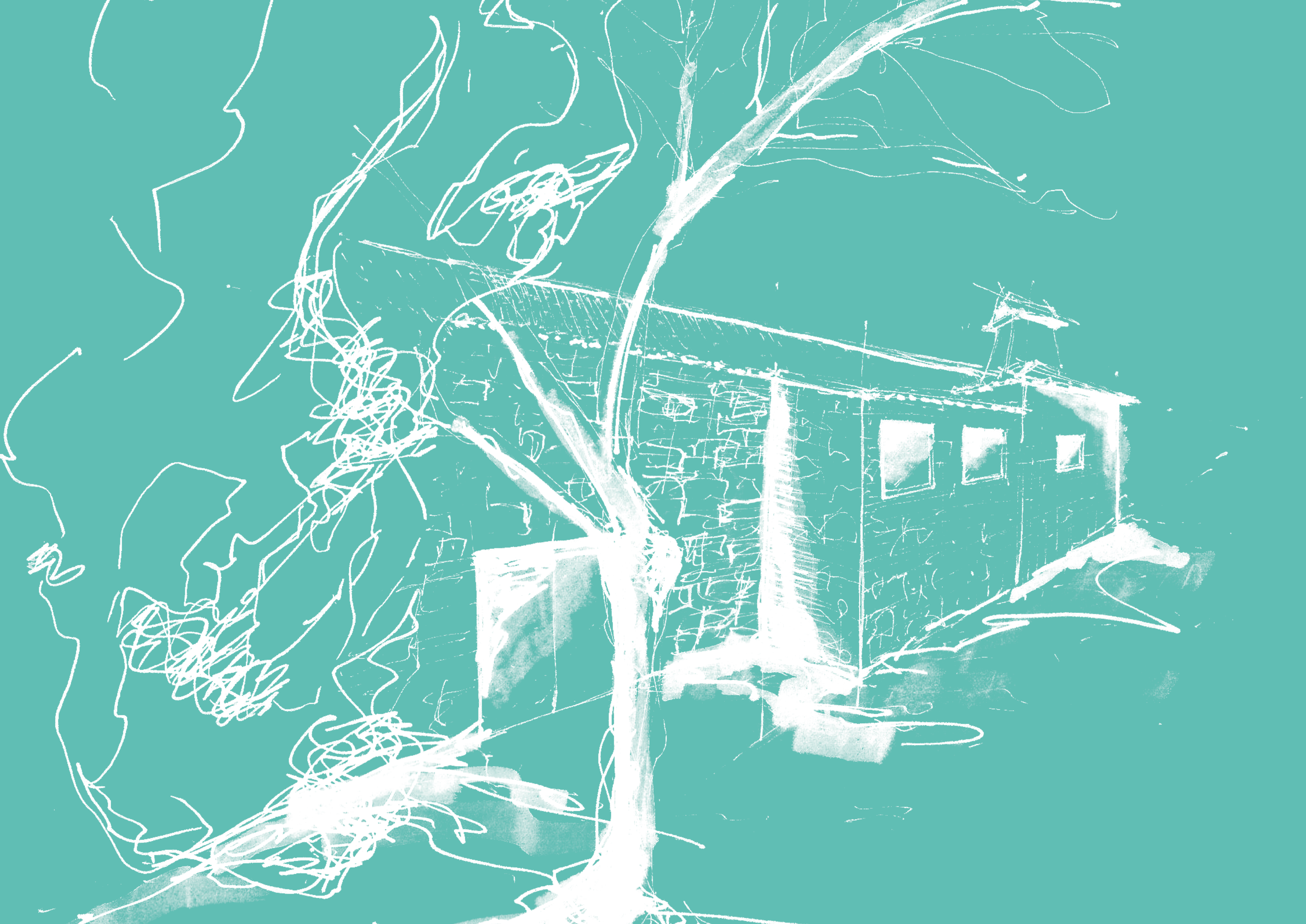
179 4.3. Proposta de intervenção

213 5. Conclusão

217 Bibliografia

223 Lista de Figuras

Anexos





1. *Introdução*

1.1. *Apreciações Iniciais*

Projetar para a terceira idade não é, por norma, uma tarefa fascinante no contexto da arquitetura contemporânea, que tem privilegiado obras mais ou menos marcantes, com temáticas ligadas à cultura e ao lazer. A maioria dos grandes nomes de referência no panorama mundial da arquitetura evidenciam-se mais pelas soluções técnicas inovadoras e dramáticas ou espetaculares construções, do que por projetos que tratam do fenómeno quotidiano do habitar. Apreciando-se as reais necessidades de uma sociedade contemporânea constata-se que não há, talvez, maior ou mais urgente tarefa para um projetista do que atender às solicitações da vida dos jovens, das famílias e das gerações cada vez mais envelhecidas.

12 • 13

O envelhecimento é assim uma temática importante no contexto social atual e a pertinência deste trabalho revela-se neste mesmo facto. Em Portugal a escassez de estudos teorizados sobre o design de interiores para a terceira idade demonstra como é importante debruçarmo-nos sobre este tema. Não se conhecem exemplos nacionais significativos de uma abordagem sistematizada dos problemas referentes aos espaços para idosos, sendo portanto fundamental o recurso a publicações estrangeiras. Entendendo-se a finalidade deste estudo, a apresentação de uma proposta de projeto para um local específico, estudamos centros de dia, lares e outros equipamentos semelhantes existentes dando particular atenção a exemplos que consideramos relevantes.

Neste âmbito, o presente trabalho, intitulado “Centro de Dia da Pícu. Projeto de Design de Interiores e Reabilitação de um Espaço Pré-existente para a Terceira Idade”, pretende contribuir para a regeneração urbana da cidade, com a reinvenção de espaços já existentes e assim, no âmbito da reabilitação, preservar e valorizar o património arquitetural existente e reafirmar a sua identidade. Acreditamos também que o projeto possa minimizar alguns dos fenómenos sociais que atingem a terceira idade como, por exemplo, a solidão e o isolamento, motivos pelos quais, cada vez mais idosos parecem sozinhos.



FIG. 1 CARTAZ ALUSIVO À DISTINÇÃO “CIDADE AMIGA DAS PESSOAS IDOSAS” PELA OMS

1.2. Objetivos do Trabalho

O presente trabalho de investigação pretende ser uma tese de projeto de design de interiores cujo método assentará na experimentação e desenvolvimento de uma proposta de intervenção, reabilitando uma pré-existência.

Entendemos que um projeto depende em muito do seu destinatário e, como tal, procuramos neste estudo orientar a intervenção para o público-alvo que, neste caso concreto, assume imensurável importância no contexto social e cultural da atualidade.

Assim o tema do trabalho divide-se entre a adição de conhecimentos na área da reabilitação e do design aplicado à terceira idade. Temos então como objetivo promover a reabilitação do edificado existente, onde ações de natureza material serão concebidas de forma integrada e ativamente combinadas na sua execução com intervenções de natureza social.

A simbiose das temáticas pretende-se numa intervenção de requalificação de um conjunto de construções rurais, abandonadas e em degradação, a serem convertidas num Centro de Dia para a terceira idade, um equipamento que exige uma análise particular sobre questões de conforto, interação social, acessibilidade, mobilidade e adequação de serviços e funcionalidades.

Pretendemos que a investigação reúna em si elementos que nos permitam conhecer e compreender os principais problemas da terceira idade geradores de isolamento e exclusão social e fundamentalmente, encontrar respostas inclusivas que sustentem a intervenção.

No contexto da reabilitação é importante enquadrar o processo a usar para que este seja concordante com as necessidades programáticas da proposta de intervenção e, em simultâneo, para que se enquadre de forma eficiente, o menos dissonante possível, às características tipo-morfológicas da pré-existência. Em reabilitação cada caso é singular e esta mesma singularidade exige uma análise, caracterização e resolução próprias em cada componente de um projeto. Desta forma, só o conhecimento do objeto a ser intervencionado na sua globalidade nos faculta os princípios necessários para uma correta prática de reabilitação.

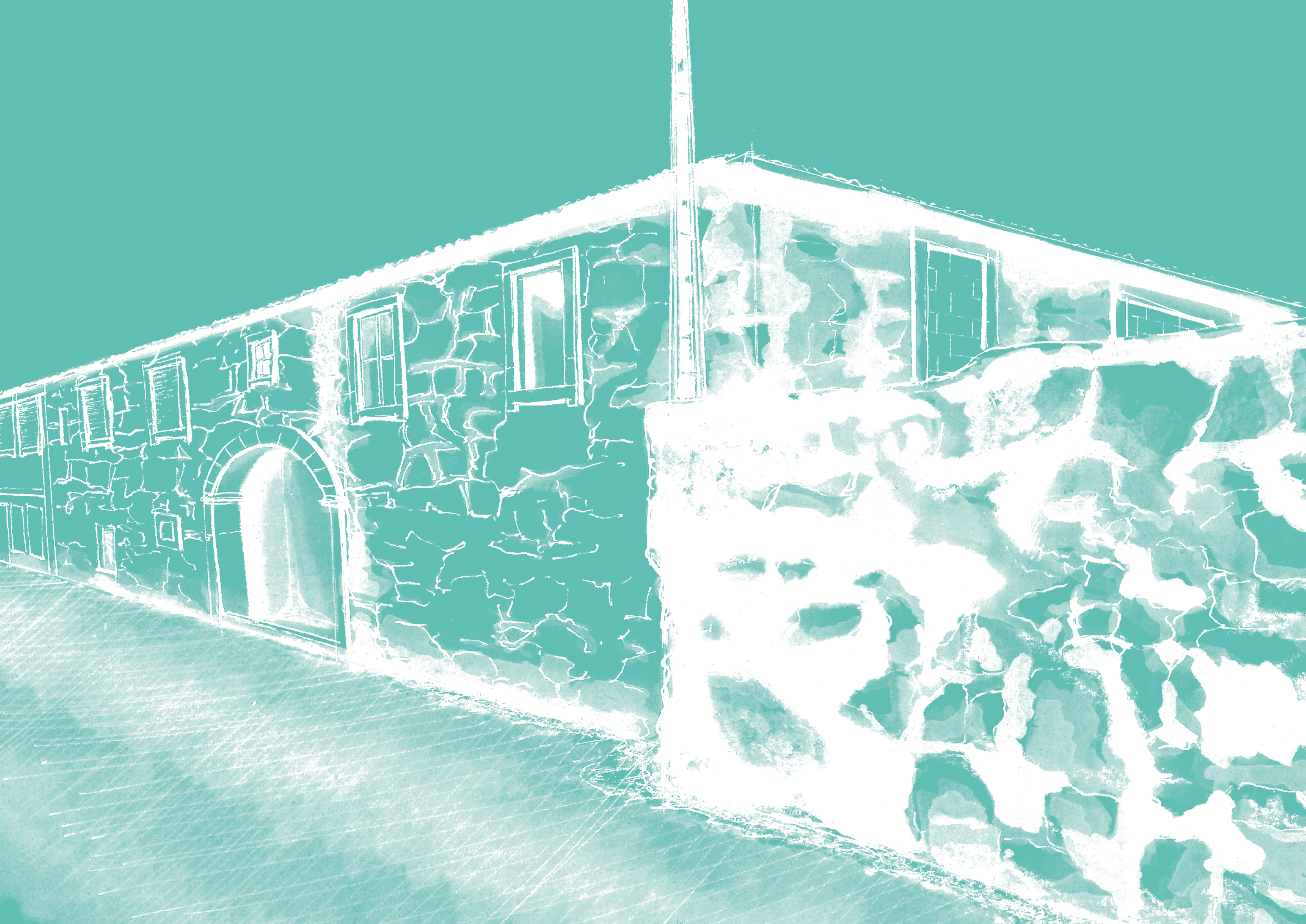
1.3. Metodologia

Para atingir os objetivos anteriormente apresentados empregaram-se as seguintes etapas: pesquisa bibliográfica, observação in situ com a de realização de inquéritos, levantamento e análise do objeto de estudo e realização do projeto de intervenção.

Desta forma damos a conhecer, no primeiro capítulo, o tema do presente trabalho, estabelecemos objetivos e apresentamos o percurso metodológico adotado. O processo de pesquisa apresenta-se no segundo capítulo, com o levantamento de estudos teóricos já existentes, com o enquadramento das temáticas abordadas e com a apresentação de projetos com temáticas semelhantes, que servem como referências programáticas e projetuais.

No capítulo terceiro faz-se a apresentação e enquadramento histórico do objeto de estudo onde figuram os levantamentos fotográfico e métrico para reconhecimento do local da intervenção. Ainda neste apêndice fazemos uma caraterização construtiva expondo as suas principais anomalias.

Será por fim apresentado o desenvolvimento da proposta de intervenção, tendo sido um processo centrado na pesquisa de formas e volumes com recurso a maquetização de ideias e conceitos, previamente explorados em desenho livre. Estes ensaios deram espaço a que fossem questionadas as opções formais e construtivas adotadas neste trabalho, posteriormente desenvolvidas por meio de desenho rigoroso.





2. *Enquadramento*

Design, no seu sentido mais alargado, é a disciplina que se dedica à humanização da tecnologia. Aos designers apraz-se-lhes a criação de produtos, sistemas e serviços que assistam as pessoas para que possam fazer mais coisas, de uma forma mais eficaz e de acordo com as suas necessidades para que, em última instância, sejam felizes (Alves, 2011). A esta necessidade e nas implicações que lhe possam suceder, o designer tem um papel ético a desempenhar, uma responsabilidade moral e política que adquire atualmente um novo significado (Flusser, 2010). De acordo com Papanek “a ética é a base filosófica para se fazerem as escolhas morais e de valores. (...) Os valores conferem sentido quando se tem de tomar decisões a respeito de vias de ação alternativas” (1995, p. 76).

As questões sociais emergentes são apenas um dos muitos temas passivos de uma análise moral. Estas multiplicam-se em inúmeras outras questões e cada uma delas representa um problema específico (Peres, 2007). Tomemos o envelhecimento demográfico, no contexto dos centros urbanos, a problemática social ponto de partida para este estudo.

20 • 21

2.1. *A Terceira Idade e o Envelhecimento Demográfico*

O tema do envelhecimento é de grande pertinência e atualidade pois verifica-se que o número de seniores é cada vez maior, causando isto uma mudança nas estruturas que regem uma sociedade, novos fenómenos e problemáticas sociais mas também novas oportunidades a explorar, envolvendo vários campos disciplinares (Casimiro, 2002).

O envelhecimento demográfico traduz-se no aumento dos indivíduos com mais de sessenta e cinco anos de idade em detrimento das camadas populacionais mais jovens, resultado de uma passagem de um modelo demográfico de fecundidade e mortalidade elevados para um modelo em que ambos os fenómenos se apresentam baixos. Este é o quadro evolutivo da estrutura etária portuguesa que nas próximas décadas estará profundamente envelhecida, à semelhança do que acontece em tantos outros países desenvolvidos (Rosa, 1993 & OMS, 2007). Segundo o Instituto Nacional de Estatísticas em cerca de quarenta e cinco anos a população portuguesa estará de tal forma envelhecida que a faixa etária com mais indivíduos será a de mais de oitenta e cinco anos (mulheres). Nesta altura, e pela primeira vez na história da humanidade, a população mundial terá mais pessoas idosas do que crianças e mais de metade viverá em cidades (OMS, 2007). Desta forma é imperativo questionar: estarão as cidades aptas a proporcionar meios de apoio e capacitadas para minimizar as mudanças físicas e sociais associadas ao envelhecimento? É certo que a esperança média de vida aumenta a par dos avanços científicos e tecnológicos e dos progressos nas áreas da saúde, nutrição, higiene e segurança mas esta evolução trás consigo o desafio consequente de uma sociedade com particulares, para não dizer debilitadas, habilidades físicas, sensoriais e cognitivas (Feddersen & Lüdtke, 2011).

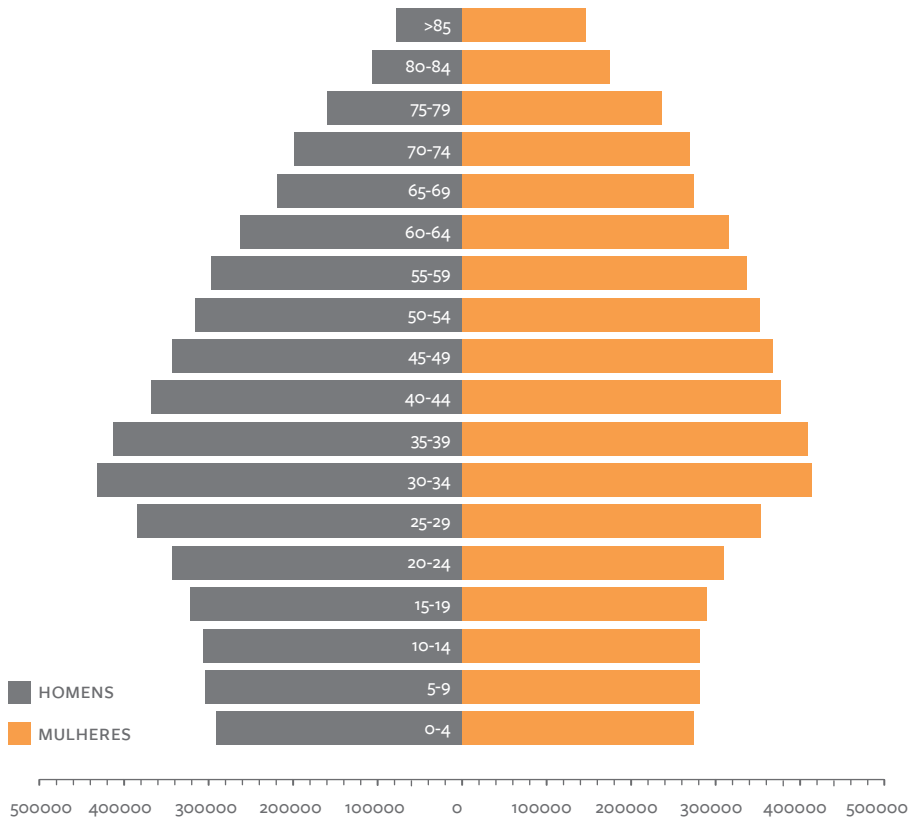


FIG. 2 PIRÂMIDE ETÁRIA PORTUGAL 2009

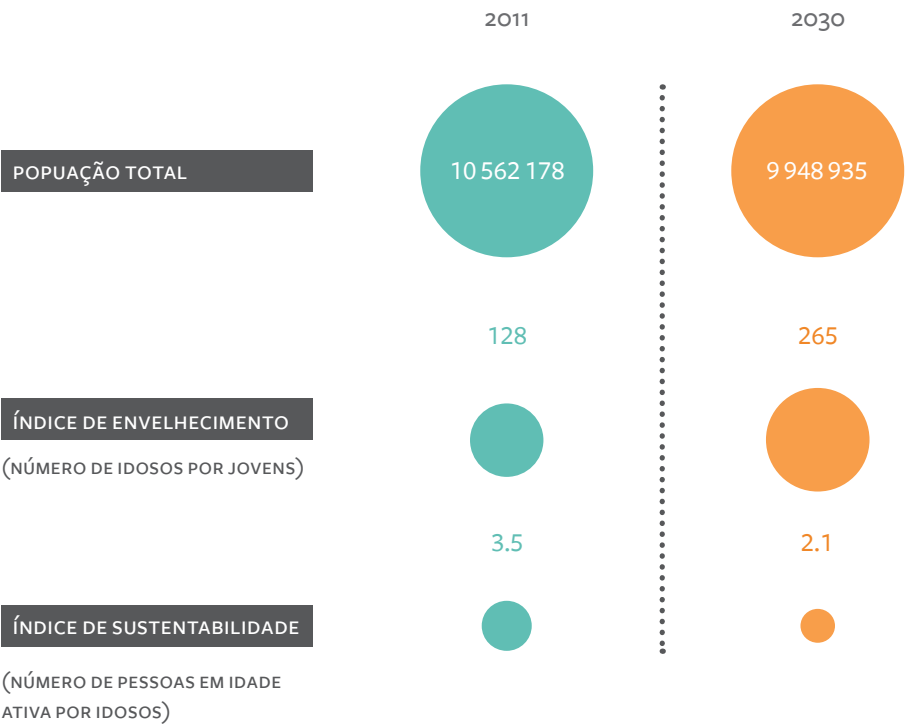


FIG. 3 GRÁFICO ESTIMATIVA PARA 2030

Este fenómeno social será, talvez, um dos desafios mais significativos do novo século, que remete para uma reflexão sobre questões fundamentais como a idade da reforma, as formas de subsistência, a qualidade de vida, o papel do idoso na sociedade, a cooperação intergeracional¹, a eficácia dos sistemas de saúde e segurança social, bem como, o plano social atual. Em contrapartida, podem surgir outras oportunidades inerentes a uma população mais vivida e experiente e às necessidades destas pessoas. Poderão ser geradas novas atividades e novos produtos, arquitetónicas e serviços à imagem de um consumidor com necessidades próprias (Casimiro, 2002).

No contexto atual, embora os apoios sociais e financeiros aos idosos se tenham desenvolvido e alargado nas últimas décadas, continuam a revelar-se insuficientes no nosso país, pois a sociedade contemporânea industrializada encontra-se dividida pelo mercado de trabalho, entre indivíduos ativos e não ativos, (Martins, 2006). É importante esclarecer que a atividade, por si só, não é fator de definição do envelhecimento ativo, sendo esta ideologia referente a atividades de utilidade social numa dimensão pública. Por outras palavras, o idoso pode ser “ativo” e

1. Práticas intergeracionais - são veículos que propositadamente fomentam o intercâmbio permanente de recursos e de aprendizagens entre as gerações mais velhas e as mais jovens, com o intuito de proporcionar benefícios individuais e sociais (Experimenta Design, 2011).

dinâmico mas socialmente apagado e isolado dos restantes membros de uma comunidade (Leleu, 1998 & Gaullier, 1999 em Silva, 2009). De acordo com Fortuna a cidade dos nossos dias é eminentemente excludente para os grupos sociais vulneráveis. Desde a era industrial a cidade tem proliferado graças à atividade, empreendedorismo e constante progresso tecnológico. Por conseguinte, deu-se a promoção da cultura, da educação e a natural aposta nos mais jovens e nas classes trabalhadoras. Assim, nas palavras do autor, deu-se a “morte simbólica de uma parte da cidade – a dos mais frágeis, pobres e incultos – às mãos da outra parte – a dos mais ricos, cultos e poderosos” (2002, p. 126).



FIG. 4

Em qualquer estratégia adotada, para satisfazer as necessidades dos de mais idade nos vários sentidos já mencionados, é essencial a atenção à individualidade de cada pessoa, respeitando os trajetos, as experiências e projetos futuros (Martins, 2006). O conhecimento desta dimensão temporal, socio-historicamente profunda, é essencial para proceder a análises sobre que atividades desenvolver para ocupação do tempo livre, nomeadamente daqueles que se encontram fora da idade laboral (Silva, 2009).

2.2. O Design ao Serviço da Terceira Idade

Atualmente com o despertar da consciência do bem-estar próprio em simultâneo com o aumento da esperança média de vida, que parecem incentivar o indivíduo a contemplar a qualidade de vida na fase sénior, surge um interessante espectro de oportunidades no campo do design específico a pessoas com mais idade ou limitações, tanto fisiológicas como cognitivas (Fedderseb & Lüdtke, 2011).



FIG. 5

Os espaços projetados para seniores devem oferecer níveis apropriados de ajuda e desafios em simultâneo, isto é, devem ser capazes de transmitir segurança e conforto mas, ainda assim, serem estimulantes a ponto de incutirem no idoso um sentido de utilidade, independência e controle sobre o ambiente. Seria errado supor que os idosos apenas necessitam de paz e tranquilidade, espaços de meditação e áreas comuns para convívio. Assim torna-se essencial a criação de espaços onde possam encontrar inspiração e motivação para viver, que incentivem e desenvolvam a actividade física e cognitiva, a criatividade e capacidades de expressão diversas (Fedderseb & Lüdtke, 2011). É por isso fundamental uma intervenção ponderada por parte do designer que deve, permanentemente, pensar na condição do ser idoso e na sua relação com formas, materiais, luz, cores, entre outros. (Carstens, 1993).

Ressalva-se que o aumento do número de idosos, uma maior esperança média de vida e a mudança da qualidade dos últimos anos contribuem para a dispersão do estigma dos espaços destinados à terceira idade. O próprio fenómeno do envelhecimento só recentemente começa a deixar de ser encarado como uma patologia (Martins, 2006). E atualmente, os novos espaços de resposta à terceira idade ainda se debatem com a “necessidade de superar a carga pejorativa atribuída aos antigos asilos e hospícios” (Martins, 2006, p. 136). O intento do designer, em particular o designer de interiores é, neste caso concreto, abolir estes estigmas do passado, através da manipulação do espaço em proveito do idoso.

O espaço construído surge devido à necessidade inerente ao homem de “ser social”, que o leva à construção de espaços materiais como cidades e casas, até aos bens pessoais (Martins, 2006). Para muitos idosos o design dos espaços interiores da sua casa, estabelecimento social ou de saúde pode ser um dos mais importantes aspetos da vida sénior. Para além da importância de um planeamento particular de sistemas de estruturas, mecânico-elétrico, em geral, o design do interior é fundamental para o sucesso da instalação de um ambiente apropriado para o envelhecimento, podendo até ser influente num processo de cura (Perkins, Hoglund, King, Cohen & Kliment, s.d.). Cabe ao designer o esforço de incluir intervenções capazes de compensar perdas físicas e cognitivas e de funcionalmente restaurar a independência do indivíduo, sempre que possível.

Como foi referido anteriormente, projetar para a terceira idade exige uma maior atenção na escolha de materiais, cores ou iluminação. Seguem-se alguns exemplos:

A superfície dos pavimentos deve ser mais lisa e plana possível, mas ainda assim, antiderrapante, com o mínimo de desníveis e preferencialmente, num material não refletor, sem grandes padrões ou manchas que possam facilmente ser perceciona-

dos como buracos ou degraus que dificultam a mobilidade daqueles que possam ter restrições na visão. Já o revestimento das paredes pode ser escolhido de forma a auxiliar a perceção de profundidade ou dimensão de um espaço através da cor, sobretudo se este for distinto do revestimento do pavimento, bem como ajudar na orientação e no reconhecimento do lugar. Tal como nos pavimentos o uso de revestimentos com padrões ou desenhos pode causar confusão ou interpretações erradas como objetos, rostos ou animais. No que respeita à gama de cores a usar ou evitar ressalva-se o uso de cores vivas e alegres, ainda que de forma controlada, pois excesso de cores garridas pode provocar confusão, desorientação ou levar a um estado de ansiedade. Deve ter-se atenção ao uso de azuis ou verdes pastel em excesso já que estas são por excelência as cores associadas à saúde e higiene e, por isso, muito frequentes em hospitais. Deve ainda evitar-se a utilização, novamente em excesso, de cores muito escuras próximas de preto ou tons muito pouco saturados e próximos de branco, interpretados como cores tristes e depressivas (Perkins et al., s.d.). O uso de contrastes cromáticos entre o mobiliário e os planos das paredes ou pavimentos poderá ser uma forma de dar destaque aos objetos, tornando-os mais visíveis (Dvorsky & Pettipas, 2004).



FIG. 6 CONTRASTE CROMÁTICO DOS OBJETOS NO ESPAÇO | NORRA VRAM. SUÍÇA, MARGE ARKITEKTER

No que se refere à iluminação é importante reter o facto de os idosos necessitarem de três vezes mais luz do que adultos entre os vinte e os trinta anos, para além de que, uma mudança brusca de luz ou grandes contrastes luminosos podem confundir

e, inclusive, paralisar momentaneamente (Perkins et al., s.d.). Durante este fenómeno é frequente a perda de equilíbrio e quedas, que continuam a ser a principal causa de morte accidental entre a população idosa (Dvorsky & Pettipas, 2004).

Ao nível dos equipamentos é também fundamental investigar como os idosos se relacionam com os objetos, quais os produtos desenvolvidos especificamente para eles e quais, no universo dos objetos comuns, os que devem ser alterados ou evitados, como objetos demasiado lisos, escorregadios ou brilhantes (Daré, 2006). Espaços que obriguem os idosos a andar são em simultâneo um estímulo e um desafio. Ter de percorrer longas distâncias pode dissuadir as pessoas de andar, por outro lado, é importante incentivá-las a que se movimentem, para assim, combater o sedentarismo a que tendem acostumar-se. Uma possível solução poderá passar pelo posicionamento correto de cadeiras ou bancos, para que possam descansar por momentos, ao longo do percurso (Dvorsky & Pettipas, 2004). O mobiliário deve ser escolhido e posicionado tendo em conta a promoção da independência do utilizador, assim, devem evitar-se cadeiras e sofás muito profundos ou sem braços que dificultam, no idoso, o ato de se sentar ou levantar sozinho (Perkins et al., s.d.).



FIG. 7 UTILIZAÇÃO DE COR E DIFERENTES TEXTURAS PARA AUXILIAR A ORIENTAÇÃO
HAINBURG NURSING HME. ÁUSTRIA, CHRISTIAN KRONAUS + ERHARD NA-HE KINZELBACH

A uma escala arquitetónica os edifícios devem ser lógicos e fáceis de compreender por idosos, devendo-se evitar percursos labirínticos ou dúbios. A distribuição deve ser clara e organizada segundo uma lógica simples e funcional, com linhas distintas de orientação, espaços devidamente sinalizados e com percetibilidade inclusiva (Dvorsky & Pettipas, 2004).

Espaços ao ar livre são por excelência locais propícios a que ocorram atividades e contactos sociais entre pessoas. Muitas vezes subestimados do seu real valor e, por isso, mal aproveitados ou negligenciados, estes espaços são fundamentais para fomentar, não só relações interpessoais, como se apresentam, no caso dos idosos, como o principal recurso disponível para realizarem alguma atividade física. Estudos apontam que um número crescente de pessoas de mais idade, com um reduzido raio de atividade, faz uso de jardins públicos e áreas verdes próximos de sua localidade de residência, para benefício da sua saúde (Fedderseb & Lüdtke, 2011).

O planeamento de jardins e áreas recreativas exteriores pode desempenhar um papel importante na escolha de um lar ou centro de dia a ingressar. A mudança para um lar, por exemplo, está quase sempre associada à perda da esfera privada e representa um momento negativo de abandono do ambiente familiar. Assim, espaços verdes atrativos e desenhados tendo em conta as condicionantes da terceira idade, podem ajudar a desviar a atenção destas pessoas da tristeza e dor que acompanham o período de adaptação a um novo ambiente e, em alguns casos, compensar esta perda inteiramente (Fedderseb & Lüdtke, 2011).

Projetar espaços exteriores assume muitas das diretrizes que orientam a criação de espaços e ambiências interiores e são, inclusive, influentes na sua perceção, por exemplo, através da criação de vãos que adotam o papel de elementos de conexão entre interior e exterior.

Os vãos exteriores têm de ser muito bem concebidos em termos dimensionais e funcionais ao serviço de fundamentais objetivos de melhor habitabilidade e vivência do interior (...) No que se refere à pormenorização dos vãos exteriores há que ter em conta que, muito provavelmente, eles serão tão importantes na satisfação em termos de vivência do espaço interior, como o próprio espaço interior em que se integram (Coelho, 2012, p. 1).

À parte da importância arquitetónica dos vãos exteriores, a sua relevância estende-se à forma como influenciam a vivência dos espaços pela terceira idade. Um estudo fenomenológico conduzido por Margaret Boschetti na década de noventa revela-nos essa ligação. Para a sua investigação Boschetti entrevista idosos questionando-os sobre as suas memórias relativas às habitações onde viveram, tentando perceber as ligações emocionais com os espaços ou características arquitetónicas particulares que tenham influenciado positivamente as suas vivências. Embora distintas, das memórias individuais foi possível extrair, por exemplo, uma propensão a evocar espaços interiores onde se destacava a relação com a vista para o exterior e

a importância que os vãos e a paisagem conferiam aos espaços. Um dos vários testemunhos que exemplificam esta ligação é o de uma senhora que recorda uma cozinha precisamente pelas janelas e vista que tinha. “Havia uma janela em cada extremidade e sentia-se que se estava mesmo lá fora no pomar quando se estava na cozinha ... É uma coisa de que eu gosto neste sítio, há uma janela na cozinha” (Boschetti, 1990, p.61, tradução livre).



FIG. 8A E 8B O ENQUADRAMENTO DA VISTA | MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA FUNDAÇÃO DE SERRALVES. PORTUGAL, SIZA VIEIRA

Tendo em conta que os espaços exteriores são particularmente atrativos para a terceira idade as vistas do interior para o exterior funcionam como convites que tentam os idosos a saírem para o ar livre. A inclusão de árvores, arbustos ou plantas que proporcionem a observação das mudanças sazonais reforçam a consciência dos ciclos da vida e estimulam os sentidos através das mudanças cromáticas e de aromas, por exemplo (Fedderseb & Lüdtke, 2011). No exterior podem também ser desenvolvidas atividades físicas, em percursos pedonais ou equipamentos de manutenção ou ainda atividades terapêuticas. A horticultura terapêutica² a título de exemplo, que tem vindo a ser desenvolvida sobretudo junto dos seniores,

2. Horticultura terapêutica - modalidade de tratamento centrada que utiliza atividades de horticultura para atender objetivos específicos terapêuticos ou de reabilitação dos seus participantes. O objetivo primordial é melhorar a saúde geral e bem-estar, maximizando o funcionamento social, cognitivo, físico e/ou psicológico (Haller & Kramer, 2006).

proporciona, para além de uma atividade ocupacional, um aumento da autoestima, a aquisição de novas competências, o estímulo das capacidades motoras e das perceções sensoriais e, em simultâneo, proporciona uma vertente educativa, bem como uma possível evocação de memórias (Silva, 2010).

Estes são somente alguns dos muitos exemplos de situações ou detalhes a ter em conta quando se projetam espaços para a terceira idade. É importante questionar e interpretar a forma como os indivíduos desta faixa etária interagem com os espaços e encontrar soluções adequadas que os ajudem a atravessá-la. Mais do que nunca a população sénior mostra-se recetiva a ser física e intelectualmente estimulada mas é necessário acompanhar e desenvolver este interesse com a oferta de espaços adequados às suas necessidades e exigências, ao contrário dos muitos lugares existentes que se limitam a pequenas adaptações, mais por via da força legislativa do nosso país do que pelo real interesse e preocupação no bem-estar destas pessoas.

2.3. Espaços Para a Terceira Idade: Casos de Estudo

Nos últimos anos, no sentido de dar resposta ao desafio do envelhecimento e da exclusão social nos idosos, têm surgido diversos mercados de ocupação para reformados, dos quais podemos destacar as colónias de férias e o turismo sénior, as universidades para a terceira idade, o desporto sénior, o termalismo, o apoio domiciliário e o aparecimento de equipamentos como lares, centros de dia e centros de convívio (Martins, 2006 & Silva, 2009).

Novamente, para a relevância deste trabalho, analisamos com mais atenção o conceito de centro de dia e estruturas semelhantes como lares e centros de convívio e expomos, em seguida, uma descrição e análise de quatro projetos concluídos, representantes dos mesmos e que oferecem diferentes visões/ interpretações por parte de projetistas de renome.

O centro de dia é uma estrutura de resposta social que presta um conjunto de serviços que contribuem para a manutenção dos idosos no seu meio social e familiar. Para

o bom funcionamento de um centro de dia devem estar reunidas todas as condições espaciais e de conforto próprias às condições físicas e psicológicas dos idosos (Bonfim & Saraiva, 1996). O centro de convívio e o lar são em muito conformes ao centro de dia diferenciando-se apenas em alguns pontos. Assim e de forma sucinta, um centro de convívio é um local de resposta social, desenvolvido em equipamento, para dar apoio a atividades sócio recreativas e culturais com o envolvimento dos idosos da comunidade. Já um lar representa um equipamento coletivo de alojamento, pode ser permanente ou temporário, e está direcionado para responder a idosos com perda de independência e/ou autonomia a vários níveis (Martins, 2006).

2.3.1. Centro de Dia de Vialonga (2008)

O arquiteto Miguel Arruda projetou para Vila Franca de Xira o Centro de Dia de Vialonga. O centro está enquadrado numa zona periférica de Lisboa, uma zona com alguma degradação e falta de coerência no planeamento urbano. Segundo o projetista apurou a população local distingue-se em dois grandes grupos: os ativos em idade laboral e a população mais idosa de reformados. Enquanto os primeiros deslocam-se para as cidades mais próximas (durante o dia), os idosos permanecem na vila, onde vão dividindo o tempo entre lides domésticas, conversas com vizinhos e amigos, encontros nos cafés do bairro ou nos escassos espaços verdes da vila. Desta forma, o espaço criado por Miguel Arruda a pedido autárquico pretende ser uma resposta de apoio à população mais idosa, onde estejam garantidos o conforto e a prestação de cuidados básicos de saúde e higiene presentes num lar, sem a institucionalização permanente.



FIG. 9 VISTA AÉREA | CENTRO DE DIA DE VIALONGA. PORTUGAL, MIGUEL ARRUDA



FIG. 10 ÁREA INTERIOR COMUM E PÁTIO CENTRAL | CENTRO DE DIA DE VIALONGA. PORTUGAL, MIGUEL ARRUDA

Este centro tem no seu programa um refeitório, uma barbearia, um gabinete de apoio de primeiros socorros, áreas comuns para convívio e atividades e um pátio central. A intenção do arquiteto terá sido criar uma peça arquitetónica de referência no contexto sócio cultural de Vila Franca de Xira que se destaca dos restantes edifícios envolventes através da sua forma, cor e inserção singular. Formalmente assemelha-se a um paralelepípedo de arestas altimetricamente distintas que permitem diferentes pés-direitos em conformidade com o objetivo programático no interior. Exteriormente o arquiteto consegue um dinamismo formal pela não ortogonalidade dos alçados que contrasta com uma “tradicional” cobertura de duas águas. Ainda no exterior surge uma área coberta resultante de uma inflexão do alçado norte que cria uma zona de resguardo contra as intempéries, para proteção dos utentes. O edifício destaca-se também pelo teor abstratizante da sua arquitetura tendo sido, desde logo, intenção do projetista utilizar um único material no revestimento quer de paramentos verticais, quer da cobertura. O pátio central, uma subtração da volumetria do edifício, permite uma distribuição de iluminação e ventilação naturais pelos espaços interiores organizados em volta, sendo um espaço com características térmicas particulares, com duas árvores que proporcionam proteção, sombreamento e incitam uma ação de cuidado e afeto por parte dos utentes do centro que as regam e tratam diariamente, vendo-as crescer e colhendo os seus frutos sazonalmente.

Pelo interior destacam-se o uso de revestimentos neutros e de leitura contínua, maioritariamente brancos, onde se destaca o uso da cor em paredes que demarcam mudanças programáticas. Sobressaem também as caixilharias, bastante demarcadas pelo contraste cromático e o mobiliário, em particular os equipamentos para sentar,

também eles coloridos, dentro de uma mesma gama de cor. A distribuição assegura que os serviços se encontram todos a norte deixando uma área generosa que engloba o refeitório e salas de convívio e/ou atividades em torno do pátio central. A disposição dos equipamentos evidencia a intenção de promover a interação dos utentes, sendo clara a demarcação de pequenas áreas pontuais de conversação através da colocação de duas ou três poltronas associadas em volta de uma mesa.



FIG. 11 ÁREA INTERIOR COMUM E PÁTIO CENTRAL | CENTRO DE DIA DE VIALONGA. PORTUGAL, MIGUEL ARRUDA

Em resumo, reconhecemos neste projeto a clareza na organização e distribuição do programa, o aproveitamento dos recursos naturais, a importância dada à promoção das relações sociais entre os idosos, a utilização de materiais e cores que facilitam o uso dos espaços e equipamentos e o recurso a elementos simbólicos que tornam o centro mais recetível. Consideramos serem estas as referências mais influentes do projeto e que tentamos introduzir na nossa proposta, sendo a mais evidente a reinterpretação de um pátio central com um elemento arbóreo, já existente na pré-existência.



FIG. 12 ÁREA INTERIOR COMUM (RECEÇÃO) E PÁTIO CENTRAL | CENTRO DE DIA DE VIALONGA. PORTUGAL, MIGUEL ARRUDA

2.3.2. *Lar de Idosos de Alcácer do Sal (2010)*

Para a Santa Casa da Misericórdia de Alcácer do Sal os arquitetos Manuel e Francisco Aires Mateus projetaram um lar de idosos que lhes valeu uma nomeação como finalistas do Prémio Mies Van der Rohe (2013) para a Arquitetura Contemporânea da União Europeia. Segundo os arquitetos o projeto foi concebido para um contexto rural particular: pessoas de idade, maioritariamente reformados, com carências económicas ou problemas familiares, e centra-se na valorização das vivências destas mesmas pessoas.



FIG. 13 ÁREA INTERIOR COMUM | LAR DE IDOSOS DE ALCÁCER DO SAL, PORTUGAL, AIRES MATEUS

O edifício marca a separação entre o espaço urbano e o espaço rural, estando no limiar da cidade e tendo como pano de fundo o campo. A sua geometria em harmonia com a topografia do lugar aconchega-se nela, de onde se eleva ao centro e volta a imergir numa das extremidades, quase desaparecendo na colina. Apesar de simples a sua estrutura é expressiva, articulada e pensada numa perspetiva funcional, com grandes aberturas e vãos para entrada de luz, reentrâncias para proteção solar e varandas individuais para cada quarto. O jogo de cheios e vazios cria na fachada um desenho semelhante a um tabuleiro de xadrez com brancos e sombras marcadas.

Para além dos cheios e vazios, público/privado foi um outro binómio explorado pelos arquitetos que o reconheceram no contexto de micro sociedade com necessidades,



FIG. 14 ÁREA INTERIOR COMUM | LAR DE IDOSOS DE ALCÁCER DO SAL, PORTUGAL, AIRES MATEUS

valores e regras próprias, respondendo por um lado à necessidade de vida em comunidade e por outro ao desejo de resguardo. Também a ideia de percurso marcou o projeto, de uma forma gráfica até, tendo sido pensado para ser percorrido como um estímulo à movimentação e como meio de promover a comunicação entre as pessoas. Nas palavras do arquiteto Manuel Aires Mateus, “a distância entre os núcleos independentes é medida e desenhada, transformando a ideia de percurso em vida, e o seu tempo em desenho”.

Os interiores seguem a mesma linguagem minimalista do exterior e refletem um investimento de qualidade nos materiais e equipamentos. As áreas públicas são tratadas com mármore branco com veios cinza claro nos pavimentos, com paredes e tetos integralmente brancos e com linhas de luz no teto dos corredores como a forma privilegiada de iluminação artificial. Destaca-se a utilização pontual de luminárias suspensas Castore da Artemide, ainda em áreas comuns. Nos espaços privados, correspondentes aos quartos, os arquitetos optaram por um piso liso, antibacteriano, comumente utilizado em hospitais, mostrando novamente o cuidado na escolha de materiais adequados às necessidades da terceira idade. Também nestes espaços a opção cromática recaiu sobre o branco sendo, inclusive, todo o mobiliário desta mesma cor.



FIG. 15 ÁREA INTERIOR COMUM | LAR DE IDOSOS DE ALCÁCER DO SAL. PORTUGAL, AIRES MATEUS

Este projeto figura entre os lares e centros de dia seleccionados para uma observação mais atenta, por ser um exemplo de uma solução que contraria um ponto já mencio-

nado anteriormente, de uma boa prática projetual para a terceira idade: a utilização de contrastes cromáticos para auxiliar a orientação e o reconhecimento de espaços e objetos. Entendemos que a opção dos autores se prenda com a coerência em manter uma mesma linguagem em todo o edifício e com uma interpretação arquitetónica minimalista transversal nos seus projetos e, portanto, profundamente identificativa da sua obra. Contudo, para efeitos deste estudo, não podemos deixar de focar a ausência de contrastes cromáticos. Reportando-nos novamente a Dvorsky e Pettipas (2004), o uso da cor auxilia o reconhecimento de objetos no espaço a pessoas de idade avançada, quando a visão e suas capacidades de reconhecer ou diferenciar o que veem enfraquecem. Assim sendo, o uso de uma mesma cor ou tons muito próximos em todas as superfícies e equipamentos, especificamente projetados para serem utilizados por idosos, compromete a interpretação do espaço e dificulta a ação do idoso, despromovendo a sua independência. Esta ideia é partilhada pela designer de interiores Marcia Argyriades (2011) numa publicação, sobre esta mesma obra dos arquitetos portugueses, para a *Yatzer*.

A escolha e a aplicação excessiva desta cor, no contexto da terceira idade, têm implicações que vão para além da funcionalidade dos espaços. Numa outra abordagem, esta de carácter mais simbólico, a cor branca usada em excesso perde a sua conotação calmante e de neutralidade e adquire impessoalidade, falta de vida e tristeza. Vários estudos, publicações e correntes de pensamento como o Feng Shui validam esta interpretação mas destacamos a de Pastoureau (1997) que afirma que o branco é também a cor da velhice (cabelos brancos), da esterilidade, da ausência, do frio e do medo (fantasmas e aparições associados à morte).



FIG. 16 ÁREA INTERIOR COMUM | LAR DE IDOSOS DE ALCÁCER DO SAL. PORTUGAL, AIRES MATEUS

Não deixa de ser louvada a atitude ousada dos arquitetos em propor uma solução tão marcada que claramente se destaca dos seus pares nacionais e internacionais na procura de novas ambiências para a terceira idade. Contudo, ao que respeita à nossa proposta de projeto e dada a revisão bibliográfica anteriormente apresentada, consideramos esta matéria da cor como uma não referência, mas ainda assim, retemos, deste projeto, a importância dada ao enquadramento dos vãos, à paisagem e à luz natural muito marcantes nos quartos mas sobretudo, ao tratamento das áreas que separam os diferentes espaços como percursos pensados para despertar vivências, mais do que simples ligações.

Para além destes pontos o contributo do estudo deste projeto faz-se essencialmente pela consciência da importância do conforto visual para a terceira idade, considerando também a cor e os contrastes cromáticos como uma ferramenta no auxílio da orientação.



FIG. 17 INTERIOR DE UM QUARTO | LAR DE IDOSOS DE ALCÁCER DO SAL, PORTUGAL, AIRES MATEUS

2.3.3. Projeto de Habitação Para Idosos Em Chur (1993)

Da autoria do arquiteto Peter Zumthor o projeto habitacional para cidadãos sénior em Chur, na Suíça, é um empreendimento com vinte e dois apartamentos. A predominância de materiais locais na construção do edifício é um dos seus grandes atrativos e sendo um projeto de Zumthor, não poderia ser de outra forma. Tufa calcária e vidro cobrem a maior parte da superfície das

fachadas. A leste localizam-se duas entradas para o edifício completamente integradas no desenho das grandes janelas duplas que, do exterior, parecem anunciar espaços interiores com grandes pés-direitos, quando na verdade este é um “efeito” recorrente no trabalho de Zumthor e assim, uma longa laje de betão exposto separa uma fileira de apartamentos em dois andares de pé-direito simples. O arquiteto utiliza ainda uma madeira local de lariço para o enquadramento das várias aberturas e para painéis interiores.



FIG. 18 FACHADA POENTE | HABITAÇÃO PARA IDOSOS EM CHUR. SUÍÇA, PETER ZUMTHOR



FIG. 19 GALERIA DE DISTRIBUIÇÃO | HABITAÇÃO PARA IDOSOS EM CHUR. SUÍÇA, PETER ZUMTHOR

A entrada conduz a um grande espaço comum que distribui os moradores pelas unidades pessoais de habitação. Este corredor distributivo aparenta, na verdade, ser uma longa sala de estar povoada por mobiliário pessoal dos habitantes, ainda que de forma ordeira e desimpedida e mantendo o sentido comunitário no espaço. As repetidas células habitacionais adquirem o sentido de peças de mobiliário que compõem uma fachada ritmada, uma vez que o seu volume não parece tocar nem o chão, nem o teto e o movimento dentro e fora das células gera um jogo de profundidade e superfície bastante dinâmico. A oeste a fachada expressa a individualidade das unidades de habitação, pela marcação de varandas abrigadas em

nichos, viradas para o sol poente, sem descurar a lealdade à leitura singular do edifício como um todo.



FIG. 20 FACHADA NORTE | HABITAÇÃO PARA IDOSOS
EM CHUR. SUÍÇA, PETER ZUMTHOR



FIG. 21 FACHADA NASCENTE | HABITAÇÃO PARA IDOSOS
EM CHUR. SUÍÇA, PETER ZUMTHOR

Este projeto destaca-se pela interpretação de Peter Zumthor da relação público/privado dando ao seu trabalho uma dimensão de projeto aberto que se completa com a ação dos habitantes. O convite feito para que as pessoas se apoderassem do espaço comum com objetos pessoais resultou num espaço verdadeiramente partilhado, que é de todos no geral e no particular. Deste projeto tomamos como referência a solução tipológica de um corredor distribuidor onde se privilegiam ações e relações, não sendo este apenas um percurso de passagem, mas um espaço povoado por objetos dos moradores, apoderado e partilhado por eles de igual forma. Assim pretendemos incluir esta vertente na nossa proposta para que os interstícios entre espaços onde decorrem atividades tenham equipamentos que possam ser utilizados pelos utentes, para que neles também decorram ações.

2.3.4. Centro de Geriatria Santa Rita (2008)

Este centro localizado na ilha Minorca em Espanha, da autoria do arquiteto Manuel Ocanã del Valle reúne todas as condições de privacidade, acessibilidade, segurança e independência necessária aos moradores, na última fase da vida. A principal preocupação do arquiteto foi projetar um edifício marcadamente diferenciado de um hospital e principalmente evitar longos e monótonos corredores, resultando num espaço marcado pela sensação de abertura.



FIG. 22 ANEL DE QUARTOS QUE ENCERRA O PÁTIO E JARDIM CENTRAL | CENTRO
DE GERIATRIA SANTA RITA. ESPANHA, MANUEL OCANÃ DEL VALLE

As áreas de circulação e os acessos são generosos e permitem uma liberdade de percursos e de múltiplas perspetivas que estimulam os moradores, incentivando-os a descobrir o seu ambiente. A forma distinta do edifício forma um circuito fechado, inscrito na topografia de uma antiga pedreira e foi desenvolvido do interior para o exterior a partir de uma unidade de núcleo básico: o quarto do residente. Cada uma destas unidades está desenhada para ser ergonomicamente proporcional, com dois meios distintos de acesso, em modelos de quartos simples ou duplos. Os quartos são todos contíguos, formando um serpenteado em volta de um jardim interior, dividido em três, acessível a partir de cada quarto. Por sua vez esta estrutura é encerrada num perímetro retangular. A fachada exterior para o jardim central é composta por uma parede dupla de folhas de policarbonato translúcido, com elementos de sombreamento adicionais, dependendo da orientação. São ainda usadas superfícies coloridas e painéis de plástico para enfatizar os diferentes efeitos atmosféricos da luz solar: tons de azul e verde para a luz fria na fachada norte e amarelo, uma luz mais quente, para as fachadas sul e oeste.



FIG. 23 SALA DE ESTAR NA ZONA AZUL |
CENTRO DE GERIATRIA SANTA RITA. ESPANHA,
MANUEL OCANÃ DEL VALLE



FIG. 24 SALA DE ESTAR NA ZONA LARANJA |
CENTRO DE GERIATRIA SANTA RITA. ESPANHA,
MANUEL OCANÃ DEL VALLE



FIG. 27 SALA DE ESTAR NA ZONA VERDE | CENTRO DE GERIATRIA SANTA RITA. ESPANHA, MANUEL OCAÑA DEL VALLE

O teto é constituído por uma laje de betão armado exposto, pintada com linhas coloridas que captam os contornos da topografia da antiga pedreira abaixo. A cor é usada de forma inteligente em todo o projeto, servindo para fornecer orientação adicional em cada um dos três ciclos de vida e seus respectivos pátios e no interior, para diferenciar as diversas áreas terapêuticas do centro geriátrico, as estruturas independentes das instalações sanitárias, as sinaléticas, as linhas do teto e algum mobiliário.



FIG. 25 VISTA DE UM ESPAÇO OMNIDIRECIONAL NA ZONA AZUL | CENTRO DE GERIATRIA SANTA RITA. ESPANHA, MANUEL OCAÑA DEL VALLE

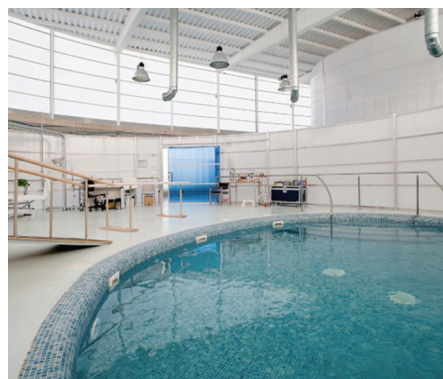


FIG. 26 PISCINA NAS INSTALAÇÕES DE FISIOTERAPIA NA ZONA AZUL | CENTRO DE GERIATRIA SANTA RITA. ESPANHA, MANUEL OCAÑA DEL VALLE

O espaço entre os quartos e as paredes do perímetro exterior do edifício varia em largura e profundidade e por vezes, estende-se para o interior, formando um espaço de fluxo, aberto, onde todos os tipos de atividades podem ocorrer. Ao invés de ter que seguir determinadas rotas, pode-se mover livremente ao redor do prédio, indo de um ponta A a um ponto B sem ter de se seguir sempre o mesmo percurso.



FIG. 28 INTERIOR DE UM QUARTO | CENTRO DE GERIATRIA SANTA RITA. ESPANHA, MANUEL OCAÑA DEL VALLE



FIG. 29 ENTRADA EXTERIOR PARA OS QUARTOS | CENTRO DE GERIATRIA SANTA RITA. ESPANHA, MANUEL OCAÑA DEL VALLE

O edifício tem todo ele um ar inacabado, principalmente no interior, com a maioria dos móveis e acabamentos, em especial, as instalações técnicas, expostos. Se por um lado o projetista teve de trabalhar sob um orçamento muito apertado, por outro, a verdade dos materiais confere ao projeto uma pureza e simplicidade única, não deixando de ser uma atitude provocadora e fora do comum quando enquadrada no contexto dos espaços para a terceira idade.

Dos contributos deste projeto para o nosso estudo destacam-se a autonomia e a variedade dos percursos no sentido em que estes estão desenhados para que o idoso possa mover-se livremente pelo edifício, escolhendo o caminho que lhes é mais adequado. Os espaços estão todos ligados num circuito fechado que confere segurança, independência e estimulam o movimento, características que procuramos incluir na nossa proposta com um circuito semelhante. É de igual valor para o nosso trabalho a utilização inteligente e objetiva da cor na distribuição dos espaços e na criação de ambientes.



FIG. 30 SALA DE ESTAR NA ZONA VERMELHA | CENTRO DE GERIATRIA SANTA RITA. ESPANHA, MANUEL OCAÑA DEL VALLE

2.4. Reabilitar

Segundo Portas existe a necessidade de uma mudança de paradigma quanto à forma como o crescimento das cidades é feito atualmente (2005). É clara a falta de sentido em continuar a criar novos espaços urbanos quando existem nas cidades muitas áreas degradadas. É por isso importante renovar os espaços urbanos e em particular estas áreas, pois estas constituem um conjunto de hipóteses impulsionadoras de reformas nas cidades (David, 2004).

É desta forma que surge o conceito de reabilitar como a forma interventiva destinada a conferir adequadas características de desempenho e segurança funcional, estrutural e construtiva, a um ou mais edifícios, às construções funcionalmente adjacentes incorporadas no seu lote, bem como, às frações integradas nesse edifício. Poderão ainda ser concedidas novas aptidões funcionais determinadas de acordo com as opções de reabilitação urbana a realizar, com vista a permitir novos usos ou o mesmo com padrões de desempenho mais elevados, podendo compreender mais do que uma operação urbanística (CML, 2011). Para além destes pressupostos, os processos de reabilitação urbana devem promover a dinamização económica das áreas degradadas e, devem ainda, procurar dar resposta às exigências da vida contemporânea, integrando objetivos e princípios sociais, ambientais e culturais (Pinho, 2009). “Readaptar o tecido urbano degradado” é acima de tudo, “salvaguardar as memórias físicas da história” (Aguiar, 1999, p. 3). No entanto, considerar a cidade histórica como um objeto da vontade de salvaguarda, é algo ainda relativamente recente, surgindo apenas quatro séculos após a conceção da noção de património histórico, entrando, desde logo, em conflito com o inevitável processo de urbanização, ou seja, com a aplicação da cultura moderna ao desenho da cidade (Aguiar, 1999).

O abandono e degradação dos edifícios e, consequentemente, dos centros urbanos agravou-se em Portugal por volta da década de setenta. Segundo os resultados apresentados pelos Censos 2001, 38% das habitações no país necessitavam, à data, de reparações, sendo que dessas, 6,5% estavam muito degradadas ou requeriam grandes intervenções de requalificação (Freitas, 2012). Contudo, “entre 2001 e 2011, o número de edifícios clássicos com necessidade de grandes reparações ou muito degradados reduziu-se em quase 40% no conjunto do país” (...) “tendo esta redução sido maior na Região Autónoma dos Açores e na região Norte” (INE, 2013, P. 164). Este facto revela o investimento na revitalização urbana por parte das autoridades governamentais, através de incentivos à reabilitação como são exemplo, programas especiais de financiamento, benefícios fiscais ou a criação de leis mais favoráveis que, apesar da crise económica atual, têm contribuído para a diminuição da degradação urbana (Silva, 2012).

A presente conservação do património construído desperta um interesse exponente no estudo dos edifícios antigos, não somente edifícios monumentais e edifícios públicos de maior valor patrimonial, mas também, edifícios de habitação, comerciais e industriais que em certa medida, retratam, em conjunto, a crónica da organização social e da vida quotidiana do homem ao longo do tempo (Appleton, 2011). Do ponto de vista construtivo, os edifícios antigos podem caracterizar-se, de forma generalista, como os edifícios feitos com materiais “naturais”, privilegiando a madeira, a pedra, o barro, a areia e a cal e a prática de técnicas construtivas herdadas da tradição romana de construir, com poucas alterações ao longo da história como

a introdução do ferro e do aço, mais presentes na construção habitacional portuguesa em pequenos elementos estruturais ou não estruturais de ferro fundido (Appleton, 2011).

Para este estudo é importante debruçarmo-nos na análise das soluções tecnológicas a serem consideradas numa intervenção de reabilitação de um edifício antigo, ponderando o uso possível de materiais e técnicas tradicionais ou mais contemporâneas. Esta análise será exposta no próximo capítulo a par da apresentação do objeto de estudo.

Assim e tendo em conta que compreende-se na definição de edifício antigo, segundo Appleton (2011), todo o edifício construído até ao início dos anos 40 do passado século e que terá, no mínimo, cinquenta anos de idade, tempo médio esperado para a vida de um edifício, importa determinar em primeiro lugar, o ano ou época da sua construção e o seu historial de modificações /reformas. Um segundo ponto será determinar os principais materiais usados na construção do edifício até porque (...) “através de um pequeno número de materiais e elementos de construção se poderá compreender, de forma clara, o que é, e como se comporta, a generalidade desses edifícios antigos” (Appleton, 2011, p. 10). Por último fazer um diagnóstico com uma abordagem qualitativa baseada na observação direta da informação estrutural e na degradação dos materiais (ICOMOS, 2004 em Appleton, 2011).





3. *Apresentação do Objeto de Estudo*

L Para um melhor entendimento do objeto de estudo apresentamos, no presente capítulo, uma contextualização histórica, social e cultural que auxilie o processo de construção identitária do mesmo. De igual forma, avançamos com uma análise tipológica, espacial e construtiva do objeto de estudo de modo a que contribua para melhor definir o caráter da intervenção de reabilitação que propomos.

Começamos por identificar geograficamente o objeto de estudo, sinalizando-o no mapa da Área Metropolitana do Porto e fazendo uma breve contextualização do local onde se insere.

3.1. *Localização e Enquadramento Histórico*

O edifício objeto do nosso estudo situa-se no número 951 da Rua Manuel Francisco de Araújo, no lugar da Pícuca, Águas Santas, junto ao cruzamento do Alto da Maia. Está inserido numa quinta que terá dado origem à toponímia do lugar, a Quinta da Pícuca.



FIG. 31 JANELA DA FACHADA NORTE DA PRÉ-EXISTÊNCIA

CENTRO DE DIA DA PÍCUA. PROJETO DE DESIGN
DE INTERIORES E REABILITAÇÃO DE UM ESPAÇO
PREEXISTENTE PARA A TERCEIRA IDADE.

As origens do topónimo Águas Santas³ perdem-se em explicações de carácter místico e religioso e remontam ao século II d.C..

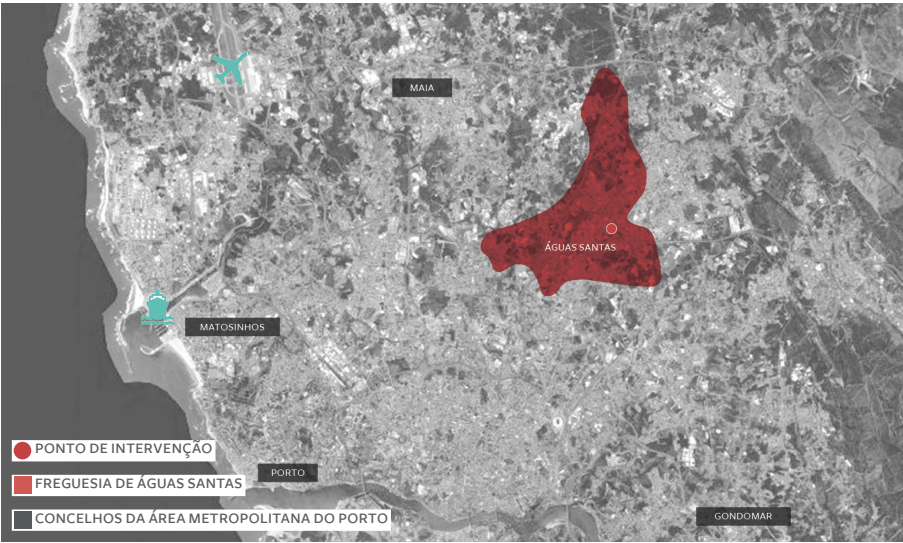


FIG. 32 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO OBJETO DE ESTUDO



FIG. 33 IGREJA ROMÂNICA DAS ÁGUAS SANTAS

3. Segundo a lenda, soube-se no convento dedicado à Virgem Santa Maria, naquela que é hoje freguesia vizinha Silva Escura, que os romanos se dirigiam para o local, na sua missão de destruir tudo que se relacionasse com os prosseguidores de Cristo. A madre-superiora do convento receando que os romanos maculassem a imagem da Virgem, foi, pela calada da noite, esconder a imagem a alguns quilómetros do convento. Terá então escondido a imagem, envolta em panos, junto de uma fonte. O convento terá sido invadido pelos romanos e as freiras mortas. Tempos depois, uma mulher que fora buscar água à citada fonte, terá reparado num embrulho junto dela e ao desembulha-lo, terá encontrado a imagem da Virgem a chorar. A notícia espalhou-se e a fonte foi apelidada de “Fonte das Águas Santas”, sendo mais tarde construída naquele local a Igreja Românica das Águas Santas também conhecida como Igreja de Nossa Senhora do Ó, classificada como Monumento Nacional desde 1910.”.



FIG.34 FONTE DE STA. MARIA

Águas Santas é a terceira maior freguesia do concelho da Maia, com uma área de 7,86 quilómetros quadrados e aproximadamente trinta e um mil habitantes. É na verdade a vila mais populosa do distrito do Porto e da Região Norte de Portugal e possui a viabilidade de futuramente receber o estatuto de cidade. É atravessada pelo rio Leça, que nasce no monte Córdova, em Santo Tirso e desagua em Leça da Palmeira, junto ao porto de Leixões. Para além da igreja românica, ex-líbris da vila, Águas Santas tem outros pontos de interesse como a Quinta da Caverneira que integra um polo da Biblioteca Municipal Dr. José Vieira de Carvalho e um centro de documentação, uma sala de exposições, um auditório, o Centro de Estudos da Ruralidade e vastos jardins abertos ao público. Também de interesse a Biblioteca Histórico-Etnográfica sedeadada no edifício da Junta de Freguesia.

Na envolvente próxima à pré-existência destaca-se a Fundação Lar Evangélico Português e o Centro Social e Paroquial de Águas Santas, ambas instituições religiosas, com as valências lar, centro de dia e apoio domiciliário. Realça-se ainda a localização da Escola Básica do 1º Ciclo da Pícua, contígua ao nosso objeto de intervenção.

No decorrer do presente estudo a Organização Mundial de Saúde declarou o Município da Maia como Cidade Amiga das Pessoas Idosas, reforçando a pertinência do tema deste trabalho e no local onde a proposta se implanta.



FIG. 35 VISTA PARA A QUINTA DA PÍCUA DA RUA D. AFONSO HENRIQUES.



FIG. 36 ENTRADA PRINCIPAL DE ACESSO À CASA SENHORIAL.



FIG. 37 ENTRADA PARA A CASA SENHORIAL.



FIG. 38 RUA D. AFONSO HENRIQUES -BIFURCAÇÃO
PARA A RUA DA PRÉ-EXISTÊNCIA.



FIG. 39 RUA D. AFONSO HENRIQUES.



FIG. 40 RUA MANUEL FRANCISCO DE ARAÚJO .



FIG. 41 PRÉ-EXISTÊNCIA NA RUA
MANUEL FRANCISCO, DE ARAÚJO



FIG. 42 EDIFÍCIOS DA RUA MANUEL FRANCISCO DE ARAÚJO EM FRENTE AO OBJETO DE ESTUDO



FIG. 43 PONTOS DE INTERESSE DA ENVOLVÊNCIA

A Quinta da Pícuia, atualmente na posse da Câmara Municipal da Maia, está delimitada pela Avenida de D. António Ferreira Gomes e pelas ruas Manuel Francisco Araújo, Manuel José da Silva Correia e D. Afonso Henriques, uma das vias mais importantes do grande Porto e que atravessa Águas Santas. Fazem parte da quinta uma casa particular habitada (casa principal), a casa dos caseiros, já em ruínas, um núcleo de habitações mais recentes, desabitadas e bastante degradadas, que formam o Bairro de Santa Cruz, uma eira e a escola primária já mencionada, presentemente a ser aumentada, num total aproximado de 16300 metros quadrados de lote. Em tempos a quinta terá sido ainda maior, abrangendo os terrenos circundantes, atualmente loteados para construção de um empreendimento habitacional de nome Quinta da Pícuia.



FIG. 44 IMPLANTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Com efeito, o nosso objeto de estudo será a apelidada casa dos caseiros, a eira e dois edifícios habitacionais abandonados. Assim, e considerando apenas o edificado selecionado para este estudo, temos no extremo poente a eira, no extremo oposto um dos edifícios habitacionais e a casa dos caseiros e ao centro o edifício adjacente à eira, caracterizado por duas partes distintas: uma essencialmente em pedra, com dependências para atividades ligadas à agricultura e pecuária e outra convertida para habitações, onde são visíveis as alterações ao longo de várias épocas.

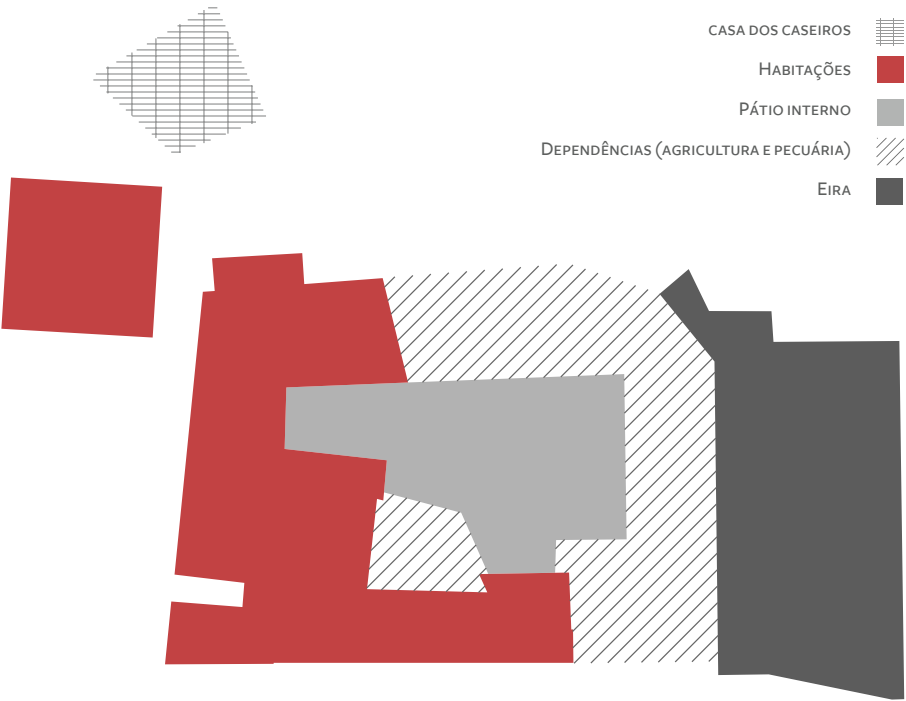


FIG. 45 ZONEAMENTO DA PRÉ-EXISTÊNCIA

Salientamos também a inclusão na proposta de algum terreno envolvente a estes edifícios que é contudo muito pouco dada a excessiva proximidade da nova extensão da escola primária aos edifícios que propomos intervencionar. Denotamos nesta proximidade, entre a nova escola e os edifícios antigos da quinta, uma falta de consideração pelo valor potencial dos mesmos e da envolvente. O projeto de ampliação da escola a cargo do Departamento de Construção e Estruturas Municipais da Câmara da Maia delimitou os antigos edifícios da quinta a pouco mais do que o espaço físico que ocupam, perdendo-se quase a totalidade do vasto terreno envolvente, povoado por uma diversificada flora. Assim, entendemos no projeto da nova escola, uma clara negligência que se traduzirá, desde logo, numa significativa perda para o projeto de intervenção que propomos. Resta dizer que no início deste estudo, aquando do levantamento no local, ainda não se tinham iniciado os trabalhos de construção da ampliação da escola e foi apenas no decorrer do desenvolvimento da proposta de intervenção que nos deparamos com a obra.



FIG. 46 VISTA PARA A PRÉ-EXISTÊNCIA
ANTES DA AMPLIAÇÃO DA ESCOLA



FIG. 47 VISTA PARA A PRÉ-EXISTÊNCIA
DEPOIS DA AMPLIAÇÃO DA ESCOLA

Os registos históricos da quinta são insuficientes para que possamos determinar com exatidão o ano da sua construção e, por se tratar de um tipo de construção tradicional que se manteve imutável ao longo de vários séculos, verifica-se que é “difícil identificar a época de construção de um edifício antigo, sendo necessário recorrer a inúmeros pequenos sinais distintivos, por exemplo, no que se refere aos séculos XVIII e XIX, ao contrário do que sucede com os edifícios de betão armado” (Appleton, 2011, p. 3). Todavia o número 951, correspondente ao edifício com várias habitações e dependências em alvenaria de pedra simples de um tipo mais rural, tem na entrada uma inscrição do ano de 1758, podendo ser esta uma referência temporal que o enquadra no século XVIII. Mas da história desta quinta, sabemos que D. Manuel I (1469-1521), rei de Portugal, ter-se-á alojado temporariamente numa das casas, o que nos dá uma indicação temporal para a existência da quinta nos séculos XV-XVI, mas não dos edifícios existente na atualidade. Também Henrique Mitchell de Paiva Couceiro (1861-1944), militar, administrador colonial e político envolvido nas incursões monárquicas contra a Primeira República Portuguesa, ali terá pernoitado.

É também do nosso conhecimento que na mata da quinta foram filmadas várias cenas de exterior dos filmes A Rosa do Adro de 1919, um dos primeiros filmes mudos do cinema português, uma adaptação do aclamado romance de Manuel Maria Rodrigues (1847-1899) e Os Fidalgos da Casa Mourisca de 1921, filme adaptado do romance de Júlio Dinis (1839-1871), ambos do cineasta francês George Pallu (1869-1948). Outro facto relevante e que marca a envolvente dos edifícios em estudo foi a permanência, durante algumas décadas, da Companhia Hortícola Portuense nos terrenos da quinta. Ainda hoje lá permanecem, sobretudo junto à casa principal e nos terrenos circundantes da quinta, um vasto e diversificado arvoredo deixado pelos antigos viveiros e hortos.



FIG. 48 LIMITE POENTE DA QUINTA DA PÍCUA (ACESSO À CASA SENHORIAL) – DIVERSIDADE DE FLORA



FIG. 49 EDIFÍCIOS DA RUA MANUEL FRANCISCO DE ARAÚJO EM FRENTE AO OBJETO DE ESTUDO



FIG. 50 LIMITE SUL DA QUINTA DA PÍCUA (ACESSO À CASA SENHORIAL) – DIVERSIDADE DE FLORA



FIG. 51 LIMITE SUL DA QUINTA DA PÍCUA (ACESSO AO OBJETO DE ESTUDO)

3.2. Levantamento Arquitetónico

A zona habitacional na pré-existência terá sido adaptada, não se sabendo a data exata, formando um bairro de nome Bairro de Santa Cruz. Este era constituído por doze habitações de tipologias diversas, distribuídas por dois edifícios com dois pisos cada, oito habitações no maior edifício (quatro em cada piso) e quatro habitações no edifício menor (duas em cada piso).

Pelas visitas ao local, a observação feita e os levantamentos métrico e fotográfico realizados pudemos constatar que as habitações foram organizadas sem grandes critérios ou planeamento espacial, provavelmente pelos próprios proprietários, consoante as suas necessidades e vontade. Assim observamos situações caricatas de compartimentos atravessados por paredes no alinhamento de vãos exteriores, dividindo-os, paredes interiores completamente enfiadas, escadas que conduzem a janelas, entre outros exemplos. Deduzimos pelos calendários deixados nas habitações que estas se encontram desabitadas há cerca de uma década, embora não nos tenha sido possível confirmar o ano da ação de despejo a que o bairro foi submetido.

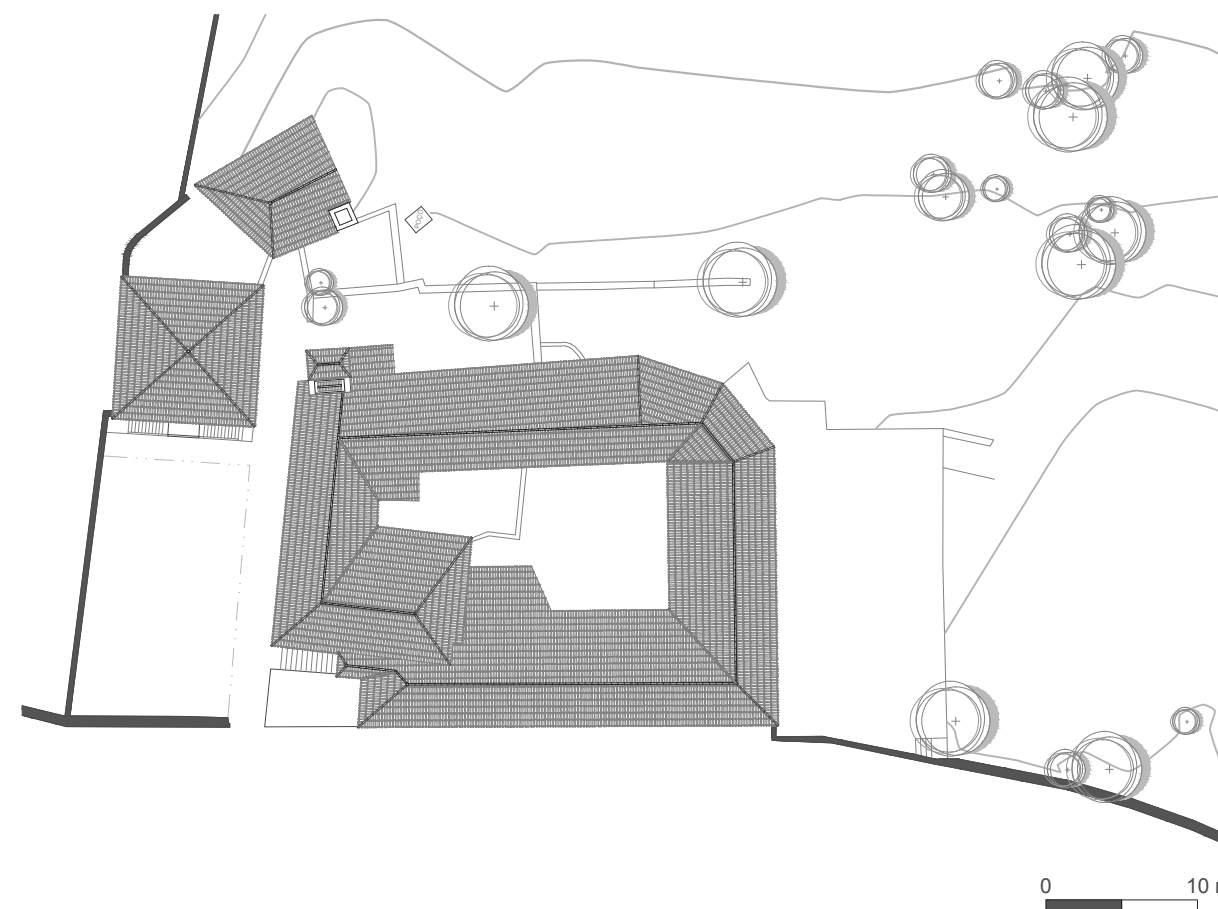


FIG. 52 PRÉ-EXISTENCIA COBERTURA

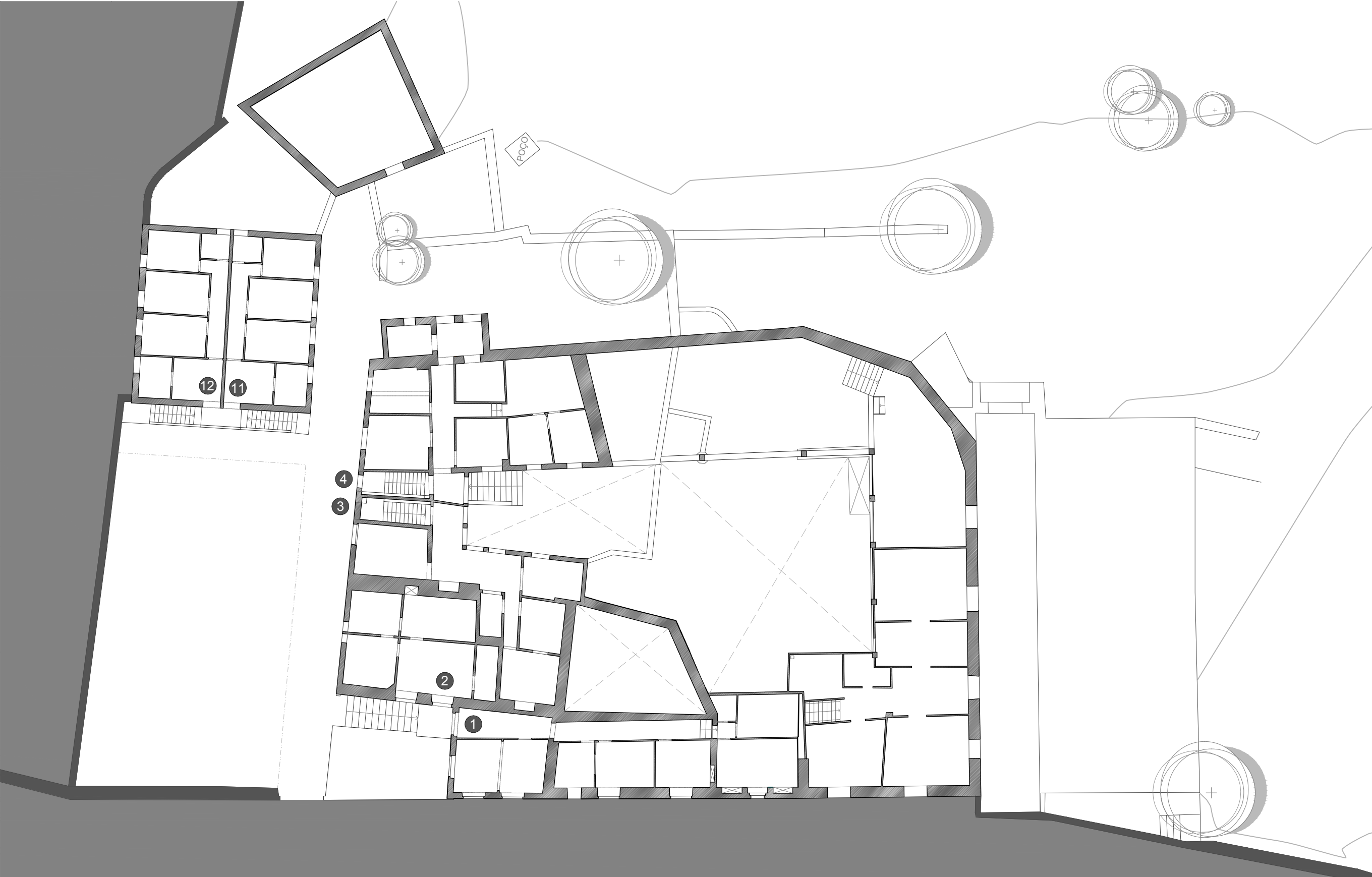
A habitação 1, no piso superior, tem uma planta retangular marcada por um corredor ao longo do qual se distribuem os vários espaços: cozinha, instalação sanitária, arrumos e quatro salas que não são claras quanto à função que desempenharam mas que seriam, possivelmente, salas de estar e quartos. Todos os espaços recebem luz solar natural através de janelas para o exterior do lado norte, à exceção de um compartimento com luz proveniente de uma claraboia e dos arrumos sem luz natural.

A habitação 2 também no piso superior tem um desenho de planta um pouco mais quadrangular do que a primeira. Tem cinco divisões, sendo elas: sala, instalação sanitária, cozinha e dois quartos, todas iluminadas naturalmente por janelas e claraboias, com exceção da instalação sanitária. O acesso às duas primeiras habitações é feito por uma escada exterior em pedra que conduz a um patamar coberto para as entradas.

A habitação 3 (piso superior) tem uma escada de acesso interior em madeira que conduz a um hall de entrada com vista para o pátio central. A habitação é ainda composta por sala, cozinha, instalação sanitária e dois quartos sem iluminação natural.



FIG. 53 PRÉ-EXISTENCIA | PLANTA PISO O À ESCALA 1.20



Tal como a habitação três a quatro tem uma escada interior para o acesso ao piso superior. Do pequeno hall é visível um corredor de onde se distribuem um quarto, uma sala, uma cozinha, um compartimento que por sua vez dá acesso à instalação sanitária e a outro quarto e, ao centro, um outro corredor que leva a uma zona mais elevada, com mais uma sala e dois quartos. A habitação é bem iluminada sendo que apenas um dos quartos não recebe luz natural.

A habitação 5, no piso térreo, de planta retangular, tem dois acessos, sendo que um dá para a rua Manuel Francisco de Araújo (fachada norte) e outro para o interior do lote, junto ao portão de entrada da zona habitacional. Constituem esta habitação uma cozinha, uma sala, uma instalação sanitária, dois quartos e o aproveitamento do vão da escada exterior para arrumos.

De planta quadrangular a habitação 6 tem um hall, uma cozinha, um quarto, uma sala e uma instalação sanitária. Esta é a habitação com menos luz natural tendo apenas a porta de entrada e uma janela na cozinha.

A habitação 7 (piso térreo) não é clara nas funções que os seus compartimentos desempenham, tendo um corredor de distribuição em “L”, uma cozinha, uma instalação sanitária, três salas (possivelmente dois quartos e uma sala de estar) e o aproveitamento do vão de escada de acesso à habitação 3 para arrumação. Duas salas não recebem luz do exterior tendo contudo, janelas interiores que fornecem alguma luminosidade vinda da cozinha.

A habitação 8 tem iluminação natural em todas as divisões, sendo estas: cozinha, sala, instalação sanitária, dois quartos e aproveitamento do vão de escada da habitação 4 (sem luz natural). A sala e um dos quartos têm janelas com vista para uma área ambígua quanto à definição de espaço interior/exterior, tratando-se de um espaço dentro do perímetro do edifício todavia prolongamento do pátio central e portanto, aberto ao exterior.

No edifício menor, de planta quadrada, temos quatro habitações de igual tipologia, Em cada piso o espaço foi dividido a meio, formando duas habitações teoricamente simétricas, compostas por compartimento de entrada com acesso a uma cozinha e a um corredor que faz a distribuição para três quartos e uma instalação sanitária. Todos os espaços têm vãos exteriores.

As oito primeiras habitações descritas fazem parte de um edifício que tem também uma área que se mantém menos alterada do ponto de vista da tipologia e sistemas construtivos mais antigos e próprios de um meio rural, como foi o local onde

o objeto de estudo está implantado. Esta área que denominamos de dependências para agricultura e animais é composta, essencialmente, por construções em alvenaria de pedra ao nível do piso térreo e pelo recurso à madeira “toscamente” trabalhada para pavimentos e compartimentos no piso superior. Existe ainda uma área no piso superior, adjacente à habitação 1, que apelidamos de anexos, que pelas suas características poderá ter sido uma habitação ou somente um espaço de armazenamento de bens. Enquadra-se aqui a tipologia da unidade doméstica da habitação rural com habitação no piso superior e exploração agrícola associada, no piso inferior (Leal, 2008).

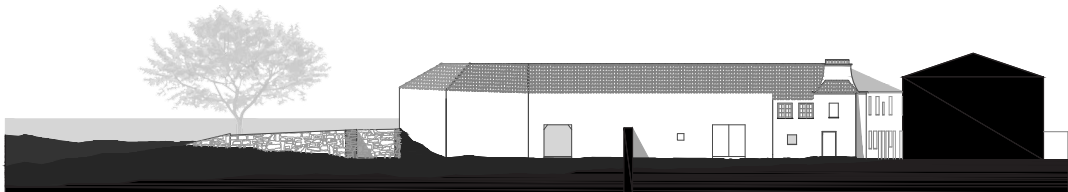
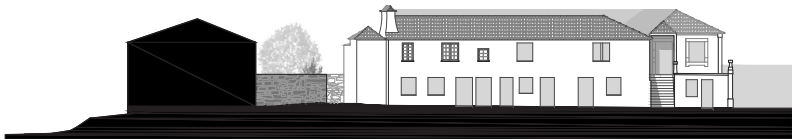
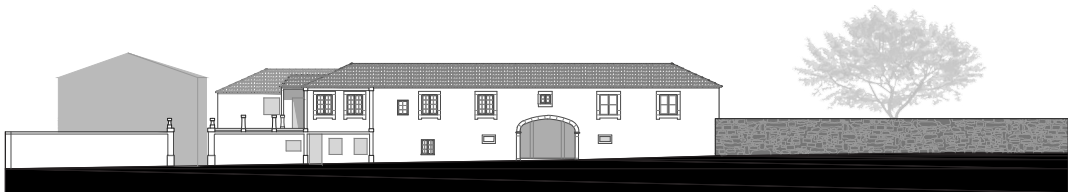


FIG. 55 PRÉ-EXISTÊNCIA ALÇADOS

No piso térreo existem catorze divisões, sendo que duas são abertas para o pátio central e têm ligação com o exterior do edifício (lados norte e sul). Os acessos são feitos, regra geral, a partir do pátio central, não existindo portas, apenas os vãos abertos onde persistem algumas ferragens oxidadas. No piso superior, mais a sul, permanecem elementos de um piso em madeira com ligação à eira que terá sido usado para armazenamento de culturas agrícolas. No extremo noroeste encontra-se a área anexos, já mencionada, com acesso, a partir de uma escada de madeira, a uma área com sete compartimentos ventilados pelo exterior e pelo pátio central e com ligação à eira.

A eira é uma área exterior elevada ao nível do segundo piso com aproximadamente 245,5 m². A sua construção em pedra permite o aproveitamento da parte inferior com acesso pelo exterior.

Por último, a casa dos caseiros é uma construção mais pequena que terá servido de habitação às pessoas encarregadas da manutenção da quinta, quando nela ainda se realizavam atividades do campo. Terá tido dois pisos, restando atualmente as quatro paredes em pedra do perímetro, com uma abertura para entrada, duas janelas ao nível térreo e uma janela ao nível superior. A construção tem ainda um reservatório para recolha de águas pluviais, um nicho junto da entrada, de construção aparentemente mais recente e vários muros próximos, possíveis construções adjacentes à casa. Próximo desta localiza-se ainda um poço.

3.3. Caracterização da Construção e do Estado de Degradação – Patologias

As paredes exteriores normalmente designadas por paredes resistentes ou, na linguagem corrente, por paredes-mestras, desempenham uma função de sustentação de um edifício. São geralmente de grande espessura e constituídas por materiais heterogéneos com alvenarias que, na verdade, por quase não apresentarem resistência à tração aguentam consideráveis esforços de compressão que

funcionam como forças estabilizadoras e equilibrantes para a estrutura (Appleton, 2011). As paredes resistentes dividem-se em paredes de meação que sustentam o viga-mento de madeira dos pisos e paredes exteriores das fachadas, mais frágeis por con-te-rem aberturas mas que ainda assim, suportam partes das coberturas e colaboram com as paredes de meação, contribuindo para o seu travamento (Silva, 2012).

É importante referir que sobretudo em edifícios rurais a construção das paredes é habitualmente embaratecida, sendo feitas alvenarias de pedra seca, incomple-tamente argamassadas, o que origina vazios no interior onde se podem infiltrar e acumular humidades, que habitualmente são impedidas de progredir para o interior pela avultada espessura das paredes. Porém as condições atmosféricas e as circunstâncias associadas ao próprio uso dos edifícios podem levar a que as humidades infiltradas se dirijam definitivamente para o interior da construção, sendo este o motivo do aparecimento dos “salites”, bolores e fungos conhecidos da grande maioria dos edifícios feitos com estas alvenarias (Appleton, 2011). Com efeito na pré-existência verifica-se o uso recorrente de alvenaria de pedra talhada de forma irregular, possivelmente regularizada com argamassa de assentamento à base de cal aérea e areia e/ou saibro (Appleton, 2011). Contudo nas paredes das dependências que mantêm traços mais inalteráveis de ruralidade são visíveis alguns dos vazios acima mencionados. Note-se ainda que caso se verifiquem irre-gularidades de grande dimensão na alvenaria é recorrente o enchimento dessas irregularidades com argamassas e pedra miúda ou pedaços de tijolo (Appleton, 2011). Procedimento igualmente verificável na pré-existência.

Em alguns casos pode existir pelo lado exterior de uma parede de fachada uma evidência de juntas com refechamento⁴ à face. Na fachada Norte é visível o “tipo de refechamento pare ou ribbon muito saliente (...)” este é um tipo de

(...) tratamento que, geralmente, é inaceitável para ser usado na alvenaria de pedra. Este tipo de refechamento não só atrai as atenções para si próprio, deixando a pedra mais despercebida em consequência da sua forte aparência linear, como é mais suscetível de reter água, provocando danos por penetração da humidade e congelamento, o que implica uma manutenção adicional (Cockhead, s.d., p. 4).

Relativamente aos pisos podemos definir a constituição dos pisos térreos como sendo “geralmente baseada em terra batida, ou enrocamentos de pedra arrumada à mão, sobre o que se coloca a camada de revestimento e desgaste, em lajedo

4. ‘Pointing’ ou ‘repointing’ em língua inglesa, conforme se trate do material original ou da sua posterior reco-locação ou restauro; sedimento exterior do preenchimento das juntas na alvenaria, que serve de acabamento e de proteção à camada interior de argamassa de assentamento da alvenaria; o termo também significa a pró-pria intervenção de aplicação dessa camada exterior, banalmente designada por ‘betumar as juntas’.



FIG. 56 FACHADA NORTE - PREENCHIMENTO DAS JUNTAS NA ALVENARIA.

de pedra, em ladrilhos ou tijoleiras cerâmicas ou ainda em sobrados de madeira” (Appleton, 2011). Já a estrutura dos pisos elevados tem a madeira como material estrutural preferencial em edifícios antigos – vigas com diâmetros que variam entre os vinte e os trinta centímetros. Os vãos máximos que estes pavimentos simples podem vencer são de cerca de quatro metros. Para se vencerem vãos maiores é frequente o recurso a formas mais complexas de lajes de pavimento com um ou mais alinhamentos de vigas principais, transversais às vigas de pavimento. Em tipos de construções menos exigentes como em meios rurais verifica-se o uso de perfis redondos, ou seja, troncos de madeira apenas descascados, sem qualquer corte ou transformação, com exceção dos usados para fixação de revestimentos de piso ou tetos (Appleton, 2011). Novamente se verifica a existência desta solução construtiva mais antiga nas dependências para agricultura/pecuária.

Na pré-existência os pavimentos são revestidos por soalho de madeira na grande maioria dos espaços. Todavia existem compartimentos com revestimentos cerâmicos, linóleos e alcatifas sobre o tabuado. Esta diversidade de soluções estende-se aos tetos, existindo tetos constituídos por fasquios pregados a uma estrutura interposta de barrotes (posteriormente estucado à base de cal e gesso), forros em madeira, placas de contraplacados ou aglomerados de madeira.

As paredes interiores também denominadas paredes de compartimentação são aquelas concebidas como elementos de separação de espaços interiores, supondo-se que a sua função estrutural é teoricamente nula, ainda que, por vezes, auxiliem nas suas funções resistentes as paredes-mestras, quando estas se apresentam degradadas ou debilitadas na sua função (Appleton, 2011).

No objeto de estudo detetamos dois tipos de paredes de compartimentação: paredes tabique, enquadradas na descrição acima e mais recorrentes na pré-existência e paredes em alvenaria de tijolo cerâmico, com mais resistência estrutural e presentes em quatro das doze habitações. É importante referir que se verifica na pré-existência a utilização de paredes do tipo tabique simples como paredes exteriores, sem revestimento exterior adequado e que, pela exposição a que estão sujeitas, se encontram num proeminente estado de degradação.



FIG. 57 DEPENDÊNCIAS PARA AGRICULTURA/PECUÁRIA — ESTRUTURA DO PISO SUPERIOR (EM RUÍNA)

O revestimento mais comum para os tabiques de madeira é executado num fasquiado trapezoidal pregado sobre pranchas de tabique, até à altura do rodapé, preenchido no espaçamento entre fasquios por argamassas de reboco e acabamento, normalmente de areia e cal aérea (Appleton, 2011; Silva, 2012). Ao nível dos acabamentos o mais recorrente em edifícios antigos é a utilização de sistemas de pintura à

base de cal. A caição pode ser feita a branco ou a cores com a adição de pigmentos e corantes naturais, estando os ocre, os rosas e os azuis entre as cores mais usadas (Appleton, 2011).

Relativamente às coberturas, no objeto de estudo, existem variações de edifício para edifício. Na casa dos caseiros o telhado é de três águas, possivelmente do tipo asna simples, o edifício das habitações nove, dez, onze e doze de quatro águas, com asna simples constituída por linha, pernas e pendural e o edifício das restantes habitações com cobertura de águas múltiplas e coberturas mais pequenas sobre divisões particulares. Todas as coberturas são revestidas a telha portuguesa. A estrutura destas coberturas baseia-se no princípio da triangulação de elementos de madeira, simplesmente ligados entre si para formar as asnas: constituídas por um travejamento de duas vigas (pernas), colocadas em forma de tesoura, unidas superiormente a meia madeira, amparadas numa viga transversal (linha ou tirante), que por sua vez se apoia diretamente nas paredes de meação ou sobre um frechal. Para travamento longitudinal, localizam-se superiormente o pau de fileira (cumeeira) e a meio do vão das duas pernas, as madres (Appleton, 2011; Silva, 2012). Estes elementos secundários complementam-se ainda com varas e ripas que recebem diretamente os revestimentos da cobertura e elementos de travamento das linhas das asnas que desempenham, com frequência, a função de sustento dos tetos do último piso. Um deficiente desempenho destas últimas estruturas secundárias está, muitas vezes, na origem da perda de qualidade das coberturas que pode desencadear deformações, fendilhação e rotura de elementos de revestimento (Appleton, 2011).

De uma forma geral, as manifestações patológicas mais comuns nas coberturas começam, por norma, em zonas singulares: rincões e larós, remates em paredes emergentes ou ligações a caleiras (Appleton, 2011). De facto verifica-se que as principais deformidades nas coberturas dos edifícios em estudo se apresentam no maior edifício, com telhado de águas múltiplas, portanto, mais constrangido destas zonas singulares.

Segundo Appleton (2011) o material mais comum para a construção de escadas em edifícios antigos é a madeira verificando-se, igualmente, o uso da pedra como estruturas portantes. De facto verifica-se nos edifícios da pré-existência o recurso a estes dois materiais, podendo fazer-se a divisão por escadas de madeira nos interiores e escadas em pedra nos exteriores, comuns em construções rurais de dois pisos, em que o acesso ao piso superior era feito pelo exterior, de forma independente. Assim, em edifícios mais antigos as escadas são geralmente de tiro, um único lanço entre pisos, de reduzida largura, com inclinação muito acentuada e com degraus dotados

de espelhos que podem ultrapassar os vinte centímetros. É frequente em escadas interiores recorrer-se ao uso da pedra no primeiro degrau ou no primeiro lanço de escadas para evitar o contacto direto da madeira com o solo.



FIG. 58 HABITAÇÃO 8 – PARTE INFERIOR DAS ESCADAS INTERIORES DE ACESSO À HABITAÇÃO 4

Antes da concretização de um projeto de reabilitação é fundamental ter o conhecimento das condições de conservação e segurança do edifício em estudo. Para complementar esta caracterização estrutural acima apresentada, fez-se um levantamento de diagnóstico das principais patologias que será apresentado com o levantamento arquitetónico e fotográfico dos diversos espaços.

3.3.1. Exteriores



FIG.59 PLANTA ESQUEMÁTICA DA PRÉ-EXISTÊNCIA COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRAFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.





A1



A3

A1 VISTA GERAL DA FACHADA NORTE

Manchas de humidade em zonas de acumulação de água e humidades com consequente nascimento de vegetação; caixilharias danificadas; alvenarias de pedra com algum desgaste por erosão do vento e ação das chuvas.

A2 VISTA DE UM VÃO EXTERIOR

Caixilharia do piso superior bastante degradada e com elementos em falta; cantaria fraturada; irregularidades na alvenaria com indícios de restauro de algumas dessas irregularidades com argamassas e pedaços de tijolo; camada exterior das juntas danificada; ausência de caleiras na cobertura.

A3 VISTA DE UM VÃO EXTERIOR

Caixilharia em metal oxidada e com vidros partidos; cantaria fendilhada; acumulação de humidades e nascimento de vegetação por entre as pedras da alvenaria.



A2

CENTRO DE DIA DA PÍCUA. PROJETO DE DESIGN
DE INTERIORES E REABILITAÇÃO DE UM ESPAÇO
PREEXISTENTE PARA A TERCEIRA IDADE.



A4



A5



A6

A4 VISTA DE UMA DAS ENTRADAS

Visíveis na fachada reparações de irregularidades com argamassa; porta em tábuas pregadas em madeira pintada (vermelho) com duas folhas de abrir, desgastada, com descamação da pintura e vários “remendos”; janela do piso superior danificada.

A5 VISTA DA PARTE INTERIOR DA ESTRUTURA DO PISO

Fratura na parede abaixo na zona de contacto das vigas de madeira com a pedra; primeira viga (da esquerda para a direita) bastante degradada e atacada por insetos.

A6 FACHADA NORTE E ENTRADA PARA A ZONA HABITACIONAL

Irregularidades na alvenaria com indícios de restauro de algumas com argamassas e pedaços de tijolo; manchas de humidade, sujidade e musgo na fachada; várias caixilharias degradadas; vãos exteriores entaipados com tijolo cerâmico e cimentados pelo exterior.



A7

A7 PORMENOR DE UMA DAS ENTRADAS DA HABITAÇÃO 5

Vãos exteriores emparedados com tijolo cerâmico e cimentado pelo exterior; queda da camada exterior das juntas da alvenaria expondo a camada seguinte.

A8 ENTRADA PARA A ZONA HABITACIONAL

Portão em ferro forjado corroído; visível no lado esquerdo da imagem um tirante enferrujado pregado no muro exterior possivelmente como medida de reforço posterior.

A9 VISTA DAS ENTRADAS DAS HABITAÇÕES 1 E 2

Manchas de humidade em zona de acumulação de água junto dos vãos exteriores entaipados com tijolo cerâmico; vestígios de pintura nas paredes e coluna; pilares de apoio à guarda caídos com guarda em ferro fundido em falta.



A8



A9



A10

A10 PORMENOR PAREDE EXTERIOR — ENTRADA DA HABITAÇÃO 5

Inexistência de caixilharias; existência de salitre, bolores e vegetação na alvenaria; remate da cobertura danificado.

A11 VISTA A PARTIR DA ENTRADA DA ZONA HABITACIONAL

Muitos resíduos, entulho e vegetação no logradouro; existência de anomalias, salitre, bolores e vegetação nas fachadas dos edifícios; vãos emparedados com tijolo; existência de estores exteriores de pvc degradados, em algumas janelas; existência de tubagens pelo lado exterior; existência de estruturas metálicas de suporte a antenas.

A12 FACHADA SUL

Contaminação da fachada com elementos vegetais mortos; manchas de humidade e de corrosão de metais; caixilharias degradadas e com elementos em falta; uso de tirantes pregados na fachada, possivelmente como medida de reforço posterior.



A11



A12



A13

A13 ENTRADA DE UM COMPARTIMENTO

Contaminação da fachada com elementos vegetais mortos e contaminação do interior do compartimento com vegetação rasteira; porta em falta; ferragens restantes enferrujadas.



A14

A14 INTERIOR DE UM COMPARTIMENTO

Indícios de construção com alvenaria de pedra seca; estrutura do piso superior degradada pela ação da humidade.



A15

A15 FACHADA SUL

Porta em chapa metálica com duas folhas de abrir bastante oxidada; aberturas trapezoidais para ventilação; contaminação da fachada com elementos vegetais mortos.

CENTRO DE DIA DA PÍCUA. PROJETO DE DESIGN

DE INTERIORES E REABILITAÇÃO DE UM ESPAÇO

PREEXISTENTE PARA A TERCEIRA IDADE.



A16

A16 VISTA GERAL DA FACHADA SUL

Contaminação da fachada com elementos vegetais mortos; manchas de humidade e de corrosão de metais; caixilharias degradadas e com elementos em falta; uso de tirantes pregados na fachada, possivelmente como medida de reforço posterior; vegetação rasteira descuidada do logradouro sul.



A17

A17 VISTA DA FACHADA POENTE E EIRA

Fachada contaminada com vegetação; vão emparedados e com caixilharias em falta; estrutura da eira comprometida.



A18

A18 FACHADA SUL

Fachada contaminada com vegetação, manchas de humidade, sujidade e musgo; vão emparedados e com caixilharias em falta; estrutura da eira abaulada e contaminada com vegetação rasteira.

3.3.2. Habitação 1

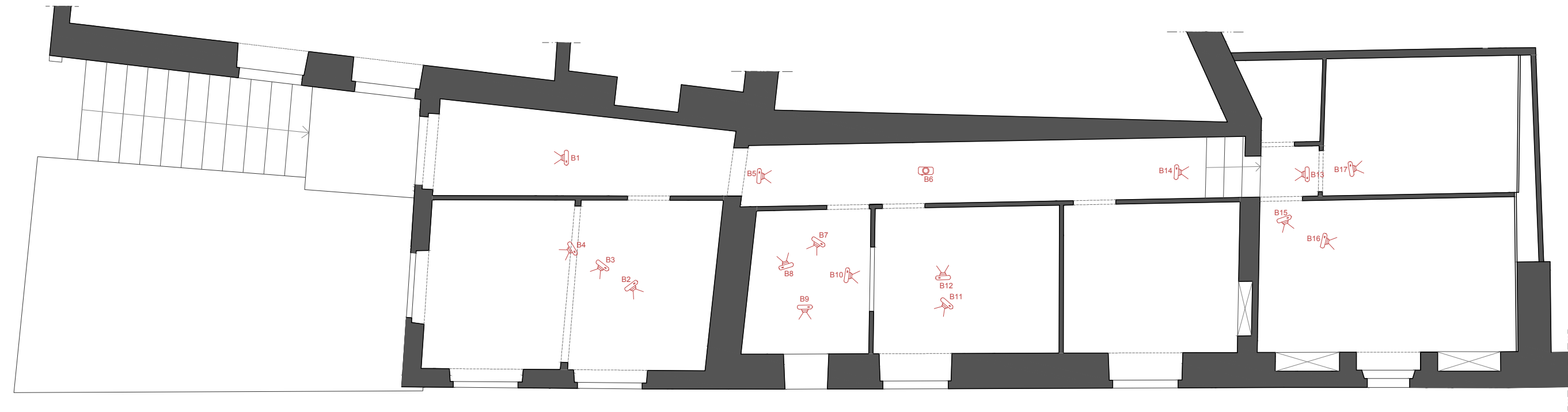


FIG.60 PLANTA DA HABITAÇÃO 1 (1º PISO) COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



FOTOGRAFIA DE PAREDE



FOTOGRAFIA DE PAVIMENTO



FOTOGRAFIA DE TETO



B1

B1 VISTA DA ENTRADA

Vigamento degradado com perda de secção do teto; fendilhação vertical e na ligação teto-parede; manchas de humidade; caixilharia degradada: porta em madeira pintada (branco no interior e castanho no exterior), duas folhas de abrir com duas almofadas em cada.



B2



B3

B2 VISTA DA COZINHA

Teto com manchas de humidade e fendilhação generalizada; mobiliário da cozinha muito danificado; visível na imagem uma de três janelas de peito de batente em madeira pintada (branco no interior e castanho no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de oito vidros em cada.

B3 VISTA DA COZINHA

Manchas de humidade e fendilhação generalizada no teto; revestimento em azulejo em bom estado; três janelas de peito de batente, duas degradadas e uma inexistente, em madeira pintada (branco no interior e castanho no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de oito vidros em cada.



B4

B4 VISTA DA COZINHA

Visível na imagem duas de três janelas de peito de batente sendo que uma destas se encontra partida no chão onde são visíveis indícios de combustão de madeiras e cartão; manchas de humidade e fendilhação no teto.



B5

B5 VISTA GERAL DO CORREDOR

Vigamento da cobertura bastante degradado com perda significativa de secção; indícios evidentes de infiltração; laje de piso danificada por precipitação no interior da habitação resultando no apodrecimento das madeiras e consequente colapso parcial do vigamento do pavimento(ver subcapítulo 3.3.6. – habitação 5, imagens F13 e F14); paredes com estrutura em tabique danificadas pela humidade; acabamento com papel de parede degradado; vestígios de pintura pré-existente.



B6

B6 PORMENOR DA COBERTURA

Colapso de secção da cobertura; vigamento e materiais interiores degradados pela exposição às intempéries; contaminação com rosáceas.



B7



B9



B8

B7 VISTA DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Fendilhação generalizada nas paredes e teto; pintura descamada azulejos fendilhados e com elementos em falta; manchas de humidade nas paredes e teto e condensação nos azulejos.

B8 APROXIMAÇÃO AO REVESTIMENTO DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Fendilhação generalizada nas paredes; abaulamento do revestimento (pintura); revestimento em azulejo em mau estado: azulejos fendilhados e com elementos em falta.

B9 CAIXILHARIA EXTERIOR DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Caixilharia em madeira pintada (branco no interior e castanho no exterior): janela de peito de batente, uma folha de abrir com caixilho de seis vidros (todos partidos).

CENTRO DE DIA DA PÍCUA. PROJETO DE DESIGN

DE INTERIORES E REABILITAÇÃO DE UM ESPAÇO

PREEXISTENTE PARA A TERCEIRA IDADE.



B10



B12

B10 JANELA INTERIOR DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Caixilharia em madeira pintada (branco): janela de abrir com caixilho de seis vidros.

B11 CAIXILHARIA EXTERIOR DE UM QUARTO

Janela de peito de batente em madeira pintada (castanho), duas folhas de abrir com caixilho de oito vidros cada, em relativo bom estado de conservação; fendilhação vertical junto ao canto e na ligação teto-parede.

B12 PORMENOR DA PAREDE DE UM QUARTO

Estrutura em tabique e acabamento em estuque visivelmente danificados por infiltração.



B13



B15



B14

B13 VISTA GERAL DO CORREDOR

Paredes abauladas; pavimento desnivelado; vão desaprumado; acabamento em papel de parede descamado denotando-se pintura pré-existente; caixilharias danificadas.

B14 VISTA DA ENTRADA DOS QUARTOS

Acabamento com papel de parede descamado; vestígios de pintura pré-existente.

B15 VISTA DE UM QUARTO

Indícios de infiltração; madeiras do teto degradadas e com manchas de humidade; pintura descamada; janela de peito de batente em madeira pintada (bege no interior e castanho no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de dois vidros em cada, com fendas e descamação de tinta.



B16



B17

B16 VISTA DE UM QUARTO

Manchas de humidade nas paredes e teto; pintura das paredes a descamar; parede com revestimento em falta.

B17 VISTA DE UM QUARTO

Papel de parede em paredes e teto descamado; vestígios de pintura pré-existente; manchas de humidade; clarabóia com caixilharia em falta.

3.3.3. Habitação 2

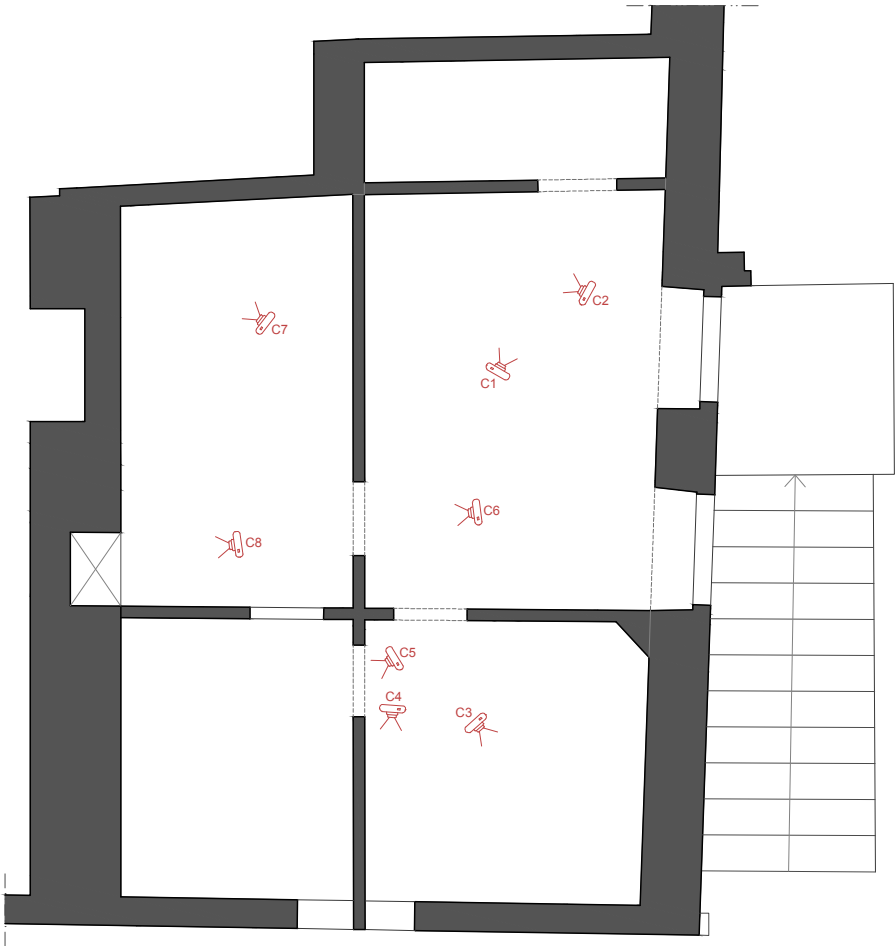


FIG.61 PLANTA DA HABITAÇÃO 2 (1º PISO) COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



FOTOGRAFIA DE PAREDE



FOTOGRAFIA DE PAVIMENTO



FOTOGRAFIA DE TETO



C1



C2



C3

C1 VISTA GERAL DA SALA

Colapso de secção do teto com vigamento da cobertura bastante degradada e queda de telhas; abaulamento do pavimento e teto; laje de piso degradada por infiltração; manchas de humidade nas paredes e teto; fendilhação generalizada em paredes e teto; porta da instalação sanitária em madeira pintada (castanho), uma folha de abrir com dois caixilhos de vidro na parte superior e três almofadas na parte inferior, apresenta descamação da tinta e manchas de humidade.

C2 VISTA DA SALA (PORMENOR DA PORTA DA ENTRADA)

Manchas de humidade nas paredes e teto; abaulamento do pavimento e teto; fendilhação junto ao canto e na ligação teto-parede; pavimento em madeira danificado; indícios de pintura pré-existente; porta em madeira pintada (castanho), uma folha de abrir com três almofadas, apresenta descamação de tinta e manchas de humidade.

C3 VISTA DA COZINHA

Teto e pavimento abaulados; manchas de humidade nas paredes; fendilhação junto ao canto; azulejos fendilhados e em falta; indícios de pintura pré-existente; equipamentos e móveis de cozinha danificados.



c4

c4 VISTA DA JANELA DA COZINHA

Vão da janela (janela em falta) atravessado por parede divisória entre a cozinha e o quarto; abaulamento do teto; colapso de secção do revestimento do teto junto à janela por queda de telhas da cobertura.

c5 VISTA DE UM QUARTO

Manchas de humidade nas paredes e teto; porta em madeira pintada (castanho), uma folha de abrir com dois caixilhos de vidro na parte superior e três almofadas na parte inferior, com manchas de humidade e descamação da pintura; uma folha da janela de peito de batente (caixilho de oito vidros) partilhada pelo quarto e cozinha; animais em decomposição no interior da dependência.



c5



c6



c7

c6 PORTA DE UM QUARTO

Colapso de secção do teto com vigamento da cobertura bastante degradada e queda de telhas; abaulamento do pavimento e teto; laje de piso degradada por infiltração; manchas de humidade nas paredes e teto; fendilhação generalizada em paredes e teto; porta da instalação sanitária em madeira pintada (castanho), uma folha de abrir com dois caixilhos de vidro na parte superior e três almofadas na parte inferior, apresenta descamação da tinta e manchas de humidade.

c7 VISTA DA SALA (PORMENOR DA PORTA DA ENTRADA)

Armário com elementos de madeira pintada (castanho) degradados e em falta (portas); manchas de humidade nas paredes do interior do armário.

c8 VISTA GERAL DE UM QUARTO

Manchas de humidade e fendilhação generalizada em paredes e teto; acabamento do teto em papel de parede descamado; claraboia de abrir em madeira pintada (castanho) degradada e com vidro em falta.



c8

3.3.4. Habitação 3

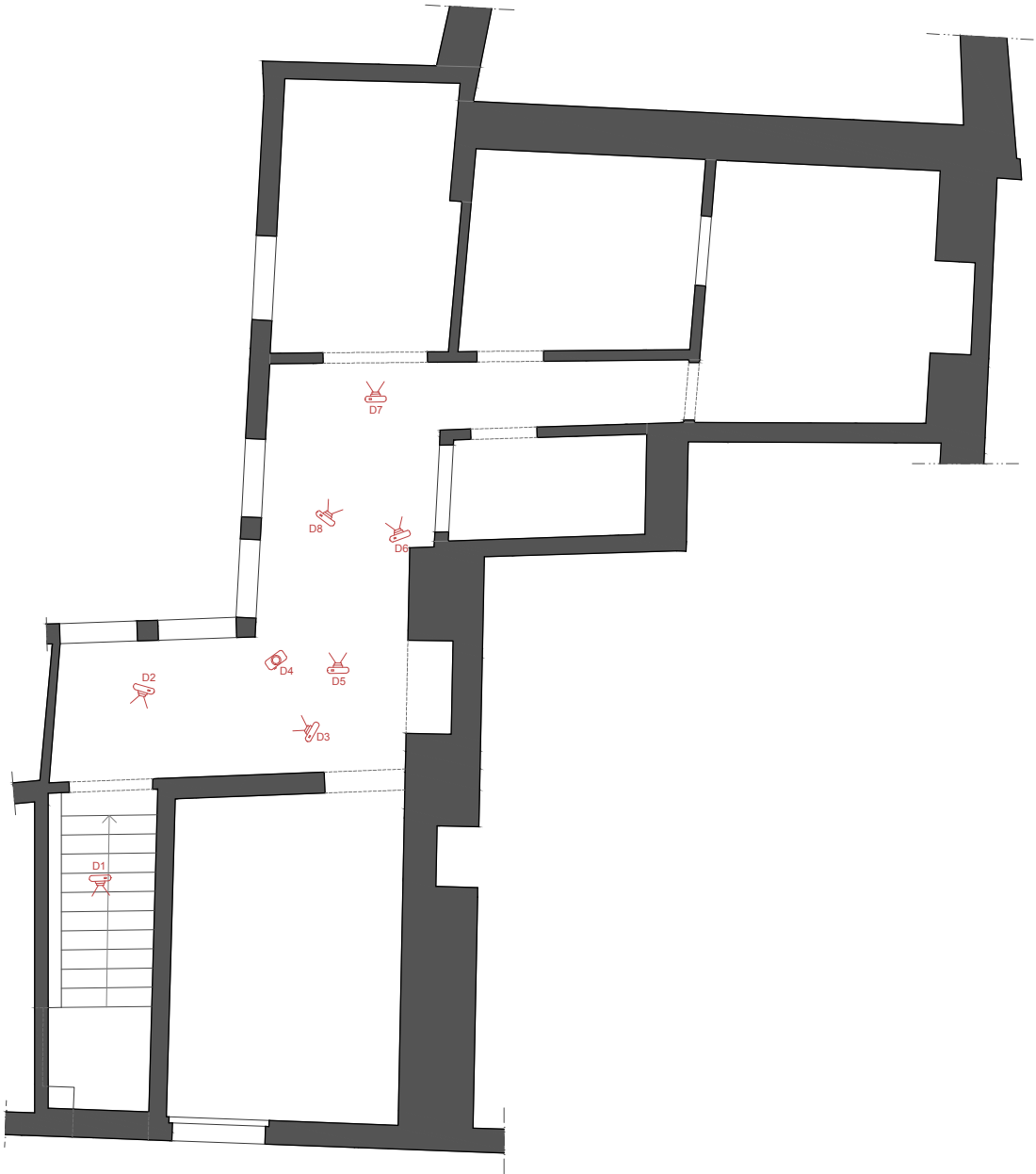


FIG.63 PLANTA DA HABITAÇÃO 3 (1º PISO) COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



FOTOGRAFIA DE PAREDE



FOTOGRAFIA DE PAVIMENTO



FOTOGRAFIA DE TETO



D1



D2



D3

- D1 VISTA DA ENTRADA
- Porta da entrada em madeira pintada (castanho), uma folha de abrir com seis almofadas, degradada; caixilho da porta igualmente degradado e com elementos em falta.
- D2 PORTA DE ACESSO À HABITAÇÃO
- Porta em madeira pintada (branco) duas folhas de abrir com dois caixilhos em vidro na parte superior e duas almofadas na parte inferior em cada, apresenta manchas de humidade e degradação da pintura; descamação da pintura do teto; abaulamento da pintura das paredes.
- D3 CAIXILHARIAS EXTERIORES
- Janelas de peito de batente em madeira pintada (branco), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, bastante degradadas com fendas, descamação da pintura e vidros partidos; fendilhação na ligação teto-parede; manchas de humidade nas paredes e teto e colapso de secção do teto.



D4

D4 PORMENOR DO TETO

Perda significativa de secção do teto denotando-se vigamento degradado; manchas de humidade nas paredes e teto; caixilharias em mau estado; contaminação com rosáceas.

D5 VISTA GERAL DO CORREDOR

Fendilhação na junção parede-teto; manchas de humidade no teto; perda de secção do revestimento do teto; contaminação com rosáceas.



D5



D6



D8

D6 ENTRADA DA COZINHA

Porta em madeira pintada (branco), duas folhas de abrir com dois caixilhos de vidro na parte superior e duas almofadas na parte inferior em cada, em relativo mau estado com fendas, descamação de tinta, manchas de humidade e vidros partidos.

D7 COZINHA

Abaulamento do teto com manchas de humidade; colapso de secção do teto; caixilharias degradadas; contaminação com rosáceas; mobiliário destruído; azulejos fendilhados, partido e com elementos em falta.

D8 VISTA DO CORREDOR

Fendilhação generalizada em paredes e teto; manchas de humidade no teto; janela interior em madeira pintada (bege), caixilho de seis vidros (vidros partidos);



D7

3.3.5. Habitação 4



FIG.64 PLANTA DA HABITAÇÃO 4 (1º PISO) COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



E1 VISTA DA ENTRADA - ESCADARIA DE ACESSO

Parede abaulada; fendilhação generalizada nas paredes e teto; manchas de humidade nas paredes; acabamento em papel de parede descamado, denotando-se pintura pré-existente; caixilharias em madeira pintada (branco) degradadas; janela fixa com caixilho de seis vidros e porta com elementos em falta.

E2 VISTA DE UM CANTO

Manchas de humidade nas paredes; revestimento em papel de parede descamado com vestígios de pintura pré-existente; colapso do revestimento do teto, deixando visível a estrutura em tabique bastante degradada; contaminação com rosáceas; janela de peito de batente em madeira pintada (branco no interior e castanho no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, apresenta fendas e descamação da tinta; vidros da folha visível inexistentes.

E3 VISTA DA ENTRADA - ESCADARIA DE ACESSO

Indícios de infiltração; colapso do revestimento do teto com estrutura em tabique bastante degradada; janela de peito de batente em madeira pintada (branco no interior e castanho no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, degradada; vidros da folha visível partidos; acabamento em papel de parede descamado; vestígios de pintura pré-existente nas paredes; colónia de fungos.



E4

E4 PORMENOR DO TETO

Vigamento degradado (viga, barrotes e fasquios em mau estado) com perda significativa de secção; indícios de infiltração; manchas de humidade nas paredes; pintura de teto e papel de parede descamados; vestígios de pintura pré-existente nas paredes; contaminação com rosáceas.

E5 VISTA GERAL CORREDOR

Teto com fendilhação generalizada e pintura descamada; acabamento em papel de parede em mau estado; pintura pré-existente (com técnica decorativa) degradada.



E5



E7

E6 VISTA GERAL DE UM QUARTO

Fendilhação generalizada no teto com pintura descamada; acabamento em papel de parede sobre uma segunda camada de papel de parede, ambas com manchas de humidade visíveis.

E7 CAIXILHARIA EXTERIOR.

Vão desaprumado, janela de peito de batente em madeira pintada (branco), duas folhas de abrir com caixilho de seis vidros em cada, apresenta fendas e descamação da tinta, vidros partidos e elementos metálicos corroídos.

E8 VISTA SALA

Fendilhação generalizada do teto; acabamento em papel de parede descamado; vestígios de pintura pré-existente; pintura de teto descamada, abaulamento do piso.



E6



E8



E9



E11

E9 CAIXILHARIA EXTERIOR

Janela de peito de batente em madeira pintada (castanho), duas folhas de abrir com caixilho de oito vidros em cada, apresenta fendas e descamação da tinta, vidros partidos e elementos metálicos corroídos.

E10 VISTA DA COZINHA

Fendilhação generalizada em paredes e teto; manchas de humidade; elementos de madeira degradados; queda de secção do teto; viga em pedra que atravessa a divisão.

E11 VISTA DE PAREDE DA COZINHA

Caixilho e porta em madeira pintada (bege) descamada e com partes em falta; elementos em pedra mármore danificados; elementos metálicos corroídos; pintura de parede descamada; azulejos em bom estado.



E10



E12



E13

E12 VISTA GERAL DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Desabamento do teto; contaminação com rosáceas; acabamento em papel de parede (simulação de azulejos) descamado; vestígios de pintura pré-existente.

E13 PORMENOR DO TETO DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Desabamento da estrutura do teto; contaminação com rosáceas; cobertura danificada com perda de telhas e indícios de vigamento degradado.



E14

E14 PORMENOR DE TETO E CAIXILHARIAS EXTERIORES

Pavimento da divisão abaulado; manchas de humidade; papel de parede descamado, denotando-se pintura pré-existente; contaminação com rosáceas; desabamento parcial do revestimento do teto; exposição da estrutura de tabique com indícios de degradação; duas janelas de peito de batente em madeira pintada (branco no interior e castanho avermelhado no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de seis vidros em cada, apresentam fendas e descamação da tinta, vidros partidos e elementos metálicos corroídos.

E15 VISTA GERAL DE UM QUARTO

Pavimento muito desnivelado; manchas de humidade no teto; acabamento em papel de parede descamado com vestígios de pintura pré-existente; porta de madeira pintada (branco), uma folha de abrir com três almofadas inferiores e dois caixilhos de vidro superiores, apresenta fissuras e pintura destacada.



E15



E16



E17

E16 VISTA GERAL DO CORREDOR

Desaprumo de paredes; fendilhação generalizada no teto; acabamento em papel de parede degradado; vestígios de pintura pré-existente.

E17 PORMENOR DO TETO SOBRE AS ESCADAS DO CORREDOR

Colapso de secção de revestimento do teto; fendilhação na ligação teto-parede; acabamento em papel de parede em mau estado; pintura pré-existente (com técnica decorativa) degradada.

E18 SONDAGEM DA COBERTURA

Sustentação da estrutura da cobertura reforçada com tijolo de cimento sobre parede de alvenaria de pedra; vigamento com sinais de degradação; indícios de infiltração; telhas em falta.



E19



E20

E19 VISTA GERAL DA SALA

Manchas de humidade no teto com pintura descamada; caixilharia da claraboia em falta; acabamento em papel de parede em mau estado; pintura pré-existente (com técnica decorativa) degradada.

E20 VISTA DA ENTRADA DOS QUARTOS

Duas portas de madeira pintada (bege), uma folha de abrir com três almofadas inferiores e dois caixilhos de vidro superiores, apresentam fissuras, manchas de humidade e pintura destacada; acabamento em papel de parede degradado; vestígios de pintura pré-existente.



E21



E22

E21 VISTA GERAL DE UM QUARTO

Fendilhação generalizada nas paredes e teto; pintura descamada e manchas de humidade no teto; janela de peito de batente em madeira pintada (branco no interior e castanho no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, apresenta fendas e descamação da tinta; persiana em pvc danificada.

E22 VISTA GERAL DE UM QUARTO

Fendilhação oblíqua; pintura de teto descamada; janela de peito de batente em madeira pintada (branco no interior e castanho no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, apresenta fendas e descamação da tinta; vidros partido; persiana em pvc danificada; contaminação com rosáceas.

3.3.6. Habitação 5



FIG. 64 PLANTA DA HABITAÇÃO 5 (RÉS-DO-CHÃO) COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



FOTOGRAFIA DE PAREDE



FOTOGRAFIA DE PAVIMENTO



FOTOGRAFIA DE TETO



F1



F2



F3

F1 VISTA DA ENTRADA DA COZINHA

Vestígios de infiltrações: observação de condensação nas paredes e teto; revestimento em azulejo bastante degradado: azulejos fendilhados, partidos e com elementos em falta; pintura descamada; fendilhação generalizada no teto; caixilharias inexistentes.

F2 VISTA GERAL DA COZINHA

Vestígios evidentes de infiltração: observação de condensação nas paredes e teto e de água no chão; revestimento em azulejo com fendas, elementos partidos e em falta; pintura descamada; fendilhação generalizada no teto; porta em madeira pintada (branco), uma folha de abrir com duas almofadas inferiores e dois caixilhos de vidro na parte superior, apresenta empeno da madeira e descamação da pintura.

F3 SONDAGEM DA COBERTURA

Estrutura em pedra em bom estado.



F4



F5



F6

F4 VISTA DO CORREDOR

Descamação da pintura e fendilhação generalizada em paredes e teto; vestígios de infiltração: presença de manchas de humidade e água no interior; deterioração de madeiras: porta da instalação sanitária em madeira pintada (branco), uma folha de abrir com duas almofadas inferiores e dois caixilhos de vidro na parte superior, com apodrecimento da madeira e descamação da pintura; elementos metálicos corroídos.

F5 VISTA DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Indícios de infiltração: manchas de humidade e colónias de fungos no tecto; descamação de tinta; revestimento em azulejo com fendas e elementos partidos; caixilharia da janela exterior inexistente.

F6 VISTA CORREDOR E COZINHA

Vestígios de infiltração: presença de manchas de humidade nas paredes e água no interior; paredes e teto com fendilhação generalizado, reboco deteriorado e descamação de tinta.



F7



F8



F9

F7 ENTRADA DA HABITAÇÃO

Caixilharia exterior: porta com postigo em madeira (vidro partido) bastante danificada.

F8 VISTA DE UM CORREDOR

Paredes e teto abaulados, com fendas, manchas de humidade e descamação de tinta.

F9 VSTA DE UM CORREDOR

Observação de manchas de humidade, fendilhação, descamação da pintura e colónias de fungos nas paredes e teto; reboco da parede danificado.



F10



F11



F12

F10 VISTA DE UM QUARTO

Fendilhação generalizada nas paredes e teto; manchas de humidade e descamação da pintura das paredes; colónias de fungos nas paredes e no teto; pavimento em tacos de madeira com elementos em falta; janela de peito de batente em madeira pintada (bege no interior e castanho no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, bastante degradada, apresentando fendas, manchas de humidade e descamação da pintura.

F11 VISTA DE UM QUARTO

Paredes e teto com fendas, manchas de humidade, descamação da pintura e do reboco em alguns pontos; pavimento coberto por terra e detritos; caixilharia da janela em falta; portadas em madeira pintadas (bege) bastante degradadas.

F12 PORMENOR

Colónia de fungos na parede do quarto com cerca de cinquenta centímetros de diâmetro.



F13



F14



F15

F13 VISTA DO TETO DA SALA

Laje do piso superior visivelmente degradada com perda significativa de secção: elementos de madeira apodrecidos (podridão cúbica), queda de vigas e do revestimento do tecto; vestígios evidentes de infiltração: observação de água no chão.

F14 PORMENOR DE COLAPSO DA ESTRUTURA DA LAJE

Cobertura danificada e consequente infiltração no piso superior que apodreceu as madeiras da laje do primeiro piso, levando à queda de algumas vigas e do contraplacado inferior.

F15 CAIXILHARIA EXTERIOR DA SALA

Janela de peito de batente em madeira pintada (bege no interior e castanho no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada e portadas em madeira pintada (bege) bastante degradadas: com fendas, empeno e descamação da pintura.

3.3.7. Habitação 6



FIG.65 PLANTA DA HABITAÇÃO 6 (RÉS-DO-CHÃO) COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



FOTOGRAFIA DE PAREDE



FOTOGRAFIA DE PAVIMENTO



FOTOGRAFIA DE TETO



G1



G2



G3

G1 VISTA GERAL DO HALL DE ENTRADA

Manchas de humidade e fendilhação generalizada nas paredes; elementos em madeira com fungos; estrutura do teto falso danificada; caixilharias degradadas com elementos inexistentes: porta da entrada em madeira pintada (bege no interior e castanho no exterior), uma folha de abrir com duas almofadas e um caixilho envidraçado na parte superior.

G2 VISTA GERAL DA COZINHA

Observação de muita humidade na parede interior do armário; madeiras envelhecidas e com empeno; porta da entrada, visível na imagem, com fendas, descamação da pintura e manchas de humidade.

G3 VISTA GERAL DO QUARTO

Indícios de infiltração: observação de condensação, manchas de humidade e fungos nas paredes e teto; pintura descamada, elementos metálicos no teto corroídos.



G4



G5



G6

G4 ENTRADA DA COZINHA

Porta de madeira em falta; revestimentos da cozinha com manchas de humidade e de corrosão de metais.

G5 CAIXILHARIA EXTERIOR DA COZINHA

Janela de peito de batente em madeira pintada (branco no interior e castanho no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de oito vidros em cada, com fendas, manchas, descamação de tinta, vidros partidos e corrosão de ferragens..

G6 COZINHA

Revestimento em azulejo com fendas, manchas de corrosão de metais, elementos partidos e elementos em falta, manchas de humidades nas paredes; mobiliário da cozinha muito degradado.



G7



G8

G7 VISTA GERAL DA SALA

Vestígios evidentes de infiltração: água no pavimento; acabamentos, em papel de parede e tinta, descamados; paredes e teto com manchas de humidade e fungos; mobiliário em madeira apodrecido.

G8 VISTA GERAL DA SALA

Azulejos em relativo bom estado, com alguns elementos fendilhados; pavimento apodrecido; teto falso a cair, vigamento em madeira da laje superior danificado por infiltração; porta em madeira pintada (bege), uma folha de abrir com dois caixilhos de vidro na parte superior e três almofadas inferiores, com fendas, manchas de humidade e descamação da pintura.

3.3.8. Habitação 7



FIG.66 PLANTA DA HABITAÇÃO 7 (RÉS-DO-CHÃO) COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



FOTOGRAFIA DE PAREDE



FOTOGRAFIA DE PAVIMENTO



FOTOGRAFIA DE TETO



H1



H2



H3

H1 ENTRADA DA HABITAÇÃO

Fendilhação generalizada e manchas de humidade nas paredes; madeiras do teto envelhecidas; revestimento das paredes abaulado; caixilharia exterior de madeira em falta; porta interior de madeira pintada (castanho), uma folha de abrir, com descamação da pintura, fungos e elementos metálicos danificados.

H2 VISTA DE UM QUARTO

Vestígios evidentes de infiltração: observação de condensação nas paredes e teto e de água no chão; revestimento em azulejo com fendas, elementos partidos e em falta; pintura descamada; fendilhação generalizada no teto; porta em madeira pintada (branco), uma folha de abrir com duas almofadas inferiores e dois caixilhos de vidro na parte superior, apresenta empeno da madeira e descamação da pintura.

H3 VISTA GERAL DO CORREDOR

Fendilhação generalizada nas paredes com particular incidência na ligação teto-parede; pintura descamada e reboco danificado; visível na imagem uma folha da porta da entrada com duas almofadas inferiores e caixilho de vidro na parte superior, aparentando ter uma colónia de fungos.



H4



H5

H4 VISTA GERAL DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Vestígios de infiltração no teto com madeiras apodrecidas e com pintura descamada; paredes abauladas; manchas de humidade; azulejos em relativo mau estado com elementos partidos ou fendilhados; contaminação com rosáceas; caixilharia degradada; janela de peito de batente em madeira pintada (castanho), duas folhas de abrir com caixilho de quatro vidros em cada, partida, fendilhada, com fungos e descamação da pintura.

H5 CAIXILHARIA EXTERIOR

Janela de peito de batente em madeira pintada (castanho), uma folha de abrir com caixilho de oito vidros e duas folhas fixas com caixilho de quatro vidros em cada. Apresenta fendas, fungos, descamação da pintura e vidros partidos.



H6



H7



H8

H6 VISTA DA COZINHA E CORREDOR

Revestimento do teto, em madeira pintada (bege), danificado; manchas de humidade nas paredes; pintura descamada; caixilharias degradadas.

H7 VISTA DA COZINHA

Fendilhação generalizada nas paredes com incidência na ligação teto-parede; manchas de humidade; reboco danificado e descamação da pintura.

H8 CAIXILHARIA EXTERIOR

Visível na imagem uma de duas janelas de peito de batente em madeira pintada (bege no interior e castanho no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de quatro vidros em cada, empenadas, com fendas na madeira, tinta a descamar e com vidros partidos.



H9

H9 VISTA DA COZINHA

Colapso parcial do revestimento do teto; revestimento em azulejo em bom estado; caixilharia interior: janela fixa em madeira pintada (bege de um lado e castanho do outro), com caixilho de cinco vidros de largo e três vidros de alto. A janela apresenta um abaulamento significativo para o lado da cozinha.



H10

H10 VISTA GERAL DO CORREDOR

Vestígios de infiltração; manchas de humidade nas paredes e teto; madeiras do revestimento do piso superior degradadas; parede concavada; papel de parede descamado, revelando pintura pré-existente.



H11

H11 VISTA DE UM QUARTO

Manchas de humidade; madeiras do teto degradadas e abauladas; caixilharias interiores: duas janelas fixas em madeira pintada (uma em castanho, outra em castanho e bege) com caixilho de cinco vidros de largo e três vidros de alto.



H12

H12 ENTRADA DOS QUARTOS

Teto abaulado com revestimento (madeira pintada de bege) danificado; porta em madeira pintada (bege), uma folha de abrir com almofada inferior e caixilho envidraçado na parte superior; porta de um dos quartos inexistente, apenas um vão.



H13

H13 VISTA DE UM QUARTO

Manchas de humidade; teto abaulado com revestimento degradado; vestígios de papel de parede.



H14

H14 PORMENOR DE UM CANTO DO QUARTO

Manchas de humidade nas paredes; reboco degradado; papel de parede a descamar, revelando pintura também a descamar.

3.3.9. Habitação 8

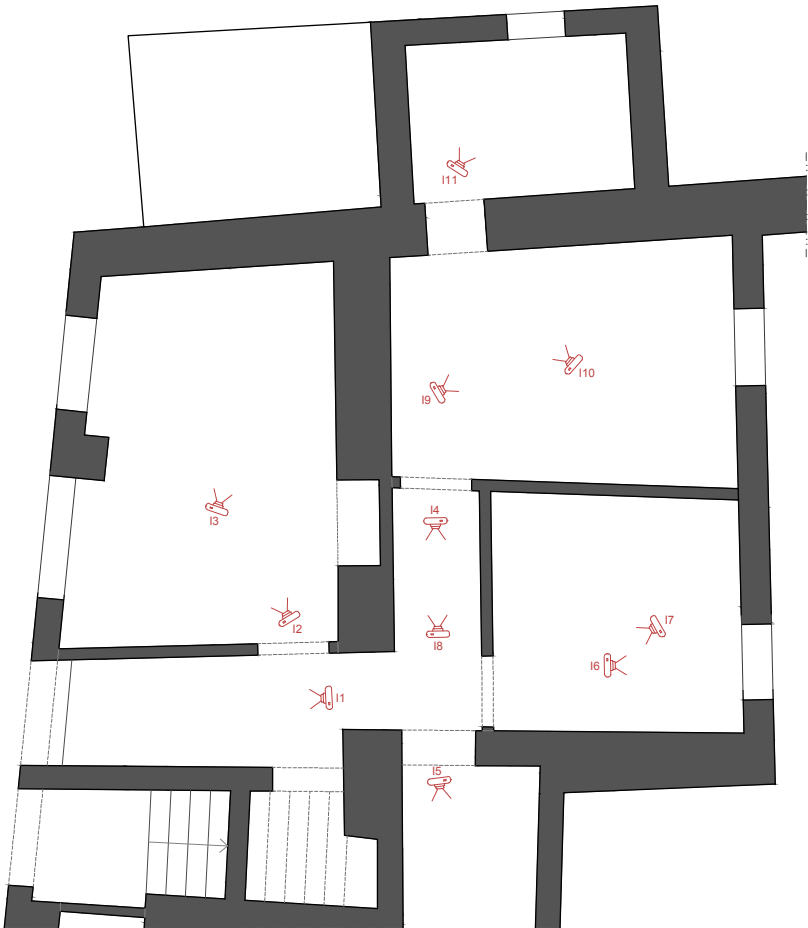


FIG. 67 PLANTA DA HABITAÇÃO 8 (RÉS-DO-CHÃO) COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



FOTOGRAFIA DE PAREDE



FOTOGRAFIA DE PAVIMENTO



FOTOGRAFIA DE TETO

CENTRO DE DIA DA PÍCUA. PROJETO DE DESIGN
DE INTERIORES E REABILITAÇÃO DE UM ESPAÇO
PREEXISTENTE PARA A TERCEIRA IDADE.



11



12

11 ENTRADA DA HABITAÇÃO

Fendilhação generalizada nas paredes e na ligação teto-parede; caixilharia exterior em falta; pintura a descamar.

12 VISTA GERAL DA COZINHA

Vestígios de infiltração; manchas de humidade nas paredes, teto e pavimento, pintura descamada; azulejos em relativo bom estado; duas janelas de peito de batente em madeira pintada (verde no interior e azul no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de oito vidros em cada, bastante degradadas, com descamação da pintura, fendas, caixilhos partidos e vidros partidos; visível na imagem duas folhas da porta de entrada da habitação em madeira pintada (branco no interior e azul no exterior) com três almofadas.



13

13 VISTA DO CORREDOR

Manchas de humidade nas paredes e madeiras do teto, pintura descamada; mobiliário degradado; visível na imagem uma de duas folhas da porta de entrada da habitação, madeira pintada (branco no interior e azul no exterior) com três almofadas, descamação da pintura e corrosão de elementos metálicos.

14 VISTA DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Fendilhação na ligação teto-parede; manchas de humidade; descamação da pintura denotando-se pintura pré-existente; abaulamento do acabamento do teto.



14



15

15 VISTA DO CORREDOR

Manchas de humidade; pintura de paredes e teto descamada; madeiras do revestimento do teto degradadas; azulejos danificados; janela de peito de batente em madeira pintada (branco), duas folhas de abrir com caixilho de quatro vidros em cada, bastante danificada, com caixilho partido em vários pontos.

16 CAIXILHARIA EXTERIOR DE UM QUARTO

Janela de peito de batente em madeira pintada (branco), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada. Apresenta empeno da madeira, fendas, descamação da pintura e vidros partidos.



16



17



18

17 CAIXILHARIAS INTERIORES

Duas portas (quarto e instalação sanitária) em madeira pintada de branco, uma folha de abrir com três almofadas inferiores e dois caixilhos envidraçados na parte superior, empenadas e com a pintura degradada. Paredes do interior do quarto com fendas e descamação de tinta.

18 VISTA DE UM CORREDOR

Fendilhação vertical numa das paredes; fendas na ligação teto-parede; reboco danificado, porta em madeira pintada (branco), uma folha de abrir com três almofadas na parte inferior e dois caixilhos de vidro na parte superior, com fendas na madeira, pintura danificada e ferragens corroídas.



19



110

19 VISTA GERAL DE UM QUARTO

Fendas horizontais nas paredes; reboco danificado, pintura descamada, teto abaulado; janela de peito de batente em madeira pintada (branco), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, com descamação de tinta e vidros partidos.

110 ENTRADA DE UM QUARTO

Manchas de humidade e descamação de tinta nas paredes, porta em falta; elementos metálicos corroídos.

111 VISTA GERAL DE UM QUARTO

Vestígios de infiltração, manchas de humidade nas paredes; revestimento do teto danificado; janela de peito de batente em madeira pintada (branco), uma folha de abrir com caixilho de quatro vidros, manchas de humidade e descamação da pintura.

111

3.3.10. Habitação 9

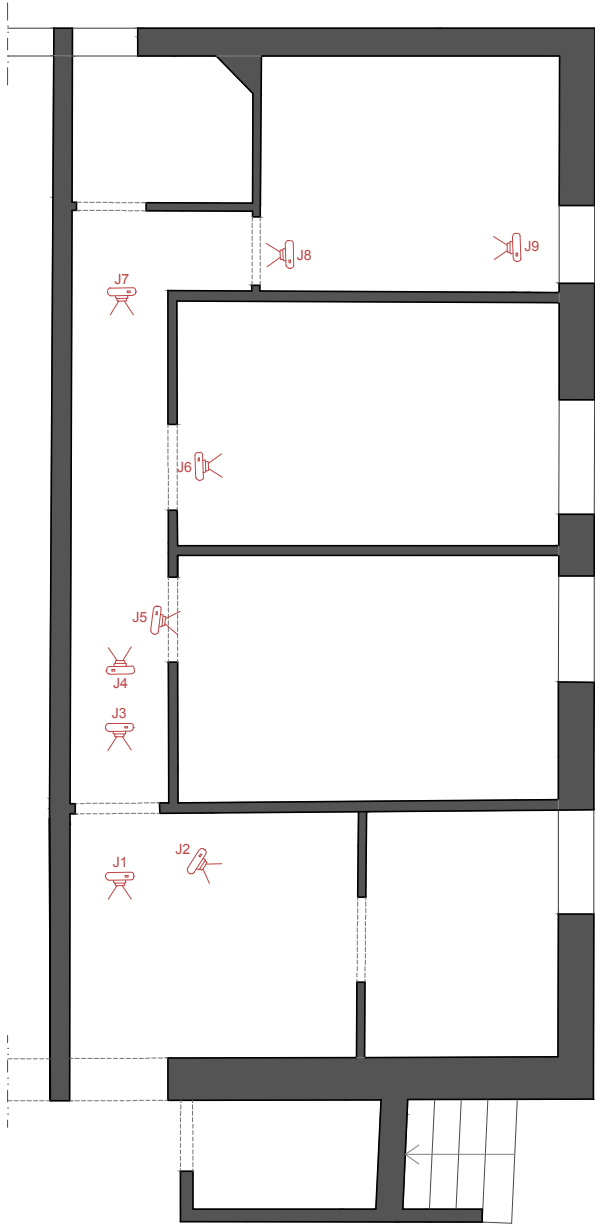


FIG. 68 PLANTA DA HABITAÇÃO 9 (RÉS-DO-CHÃO) COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



FOTOGRAFIA DE PAREDE



FOTOGRAFIA DE PAVIMENTO



FOTOGRAFIA DE TETO



J1



J2



J3

J1 ENTRADA DA HABITAÇÃO

Caixilharia em falta; fendilhação generalizada nas paredes e teto; manchas de humidade; pintura a descamar.

J2 ENTRADA DA COZINHA

Porta da cozinha em falta; fendilhação generalizada nas paredes e teto; manchas de humidade; pintura descamada expondo pintura pré-existente; azulejo da cozinha em bom estado; caixilharias existentes degradadas.

J3 CAIXILHARIA EXTERIOR DA SALA

Porta em madeira pintada (bege), uma folha de abrir com duas almofadas inferiores e dois caixilhos de vidro na parte superior; tinta das paredes a descamar revelando pintura pré-existente.



J4

J4 VISTA GERAL DO CORREDOR

Manchas de humidade e fendilhação no teto; tinta das paredes a descamar revelando pintura pré-existente; pavimento degradado.



J5

J5 VISTA DE UM QUARTO

Fendilhação junto ao canto e na ligação teto-parede; manchas de humidade; descamação da pintura; pintura pré-existente; janela de peito de batente em madeira pintada (bege no interior e verde no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, com pintura a descamar.



J6

J6 VISTA DE UM QUARTO

Manchas de humidade em paredes e teto; descamação de tinta revelando pintura pré-existente; janela de peito de batente em madeira pintada (bege no interior e verde no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, com alguma degradação e vidros partidos.



J7

J7 VISTA GERAL DO CORREDOR

Visível na imagem uma porta bastante danificada, possivelmente da cozinha, com a madeira empenada e partida, fungos, descamação da pintura e vidros partidos.



J8

J8 VISTA DO CORREDOR E ENTRADA DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Pintura a descamar expondo pintura pré-existente; manchas de humidade; portas da instalação sanitária em madeira pintada de bege, uma folha de abrir com duas almofadas na parte inferior e dois caixilhos de vidro na parte superior, empenada e com descamação de tinta.



J9

J9 VISTA GERAL DE UM QUARTO

Fendilhação generalizada; manchas de humidade; pintura descamada; pintura pré-existente; mobiliário existente danificado; janelas do quarto com elementos dispersos.

3.3.11. Habitação 10

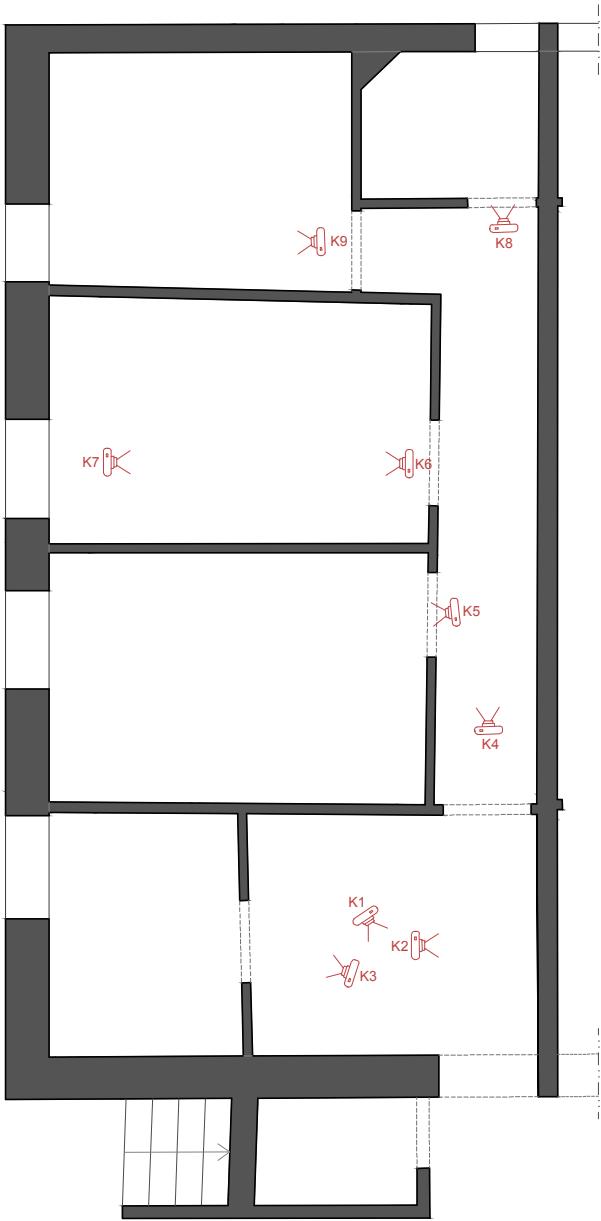


FIG.69 PLANTA DA HABITAÇÃO 10 (RÉS-DO-CHÃO) COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



FOTOGRAFIA DE PAREDE



FOTOGRAFIA DE PAVIMENTO



FOTOGRAFIA DE TETO



K1



K2



K3

- K1 VISTA DA ENTRADA
Caixilharia exterior deslocada; fendilhação generalizada nas paredes e teto, descamação da pintura nas paredes.
- K2 CAIXILHARIA EXTERIOR
Porta da entrada em madeira pintada (azul), uma folha de abrir com duas almofadas na parte inferior e caixilho de seis vidros na parte superior, com fendas na madeira, descamação da pintura e vidros partidos. Caixilho partido.
- K3 ENTRADA DA COZINHA
Porta da cozinha em falta; revestimento em azulejo em bom estado mas com alguns elementos fendilhados; fendas e descamação de tinta nas paredes da cozinha; janela de peito de batente em madeira pintada (azul), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, com vidros e caixilho partidos.



K4

K4 VISTA GERAL DO CORREDOR

Portas dos quartos em falta; fendilhação generalizada nas paredes e teto; descamação pontual da pintura das paredes.



K5

K5 VISTA GERAL DE UM QUARTO

Fendas nas paredes e teto; janela de peito de batente em madeira pintada (azul), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, muito danificada; pavimento coberto com terra e detritos.



K6

K6 VISTA GERAL DE UM QUARTO

Pequenas manchas de humidade abaixo da janela, contaminação com rosáceas; janela de peito de batente em madeira pintada (azul), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, com vidros partidos e pintura danificada.



K7



K9

K7 ENTRADA DE UM QUARTO

Fenda horizontal no teto; porta da entrada do quarto em falta.



K8

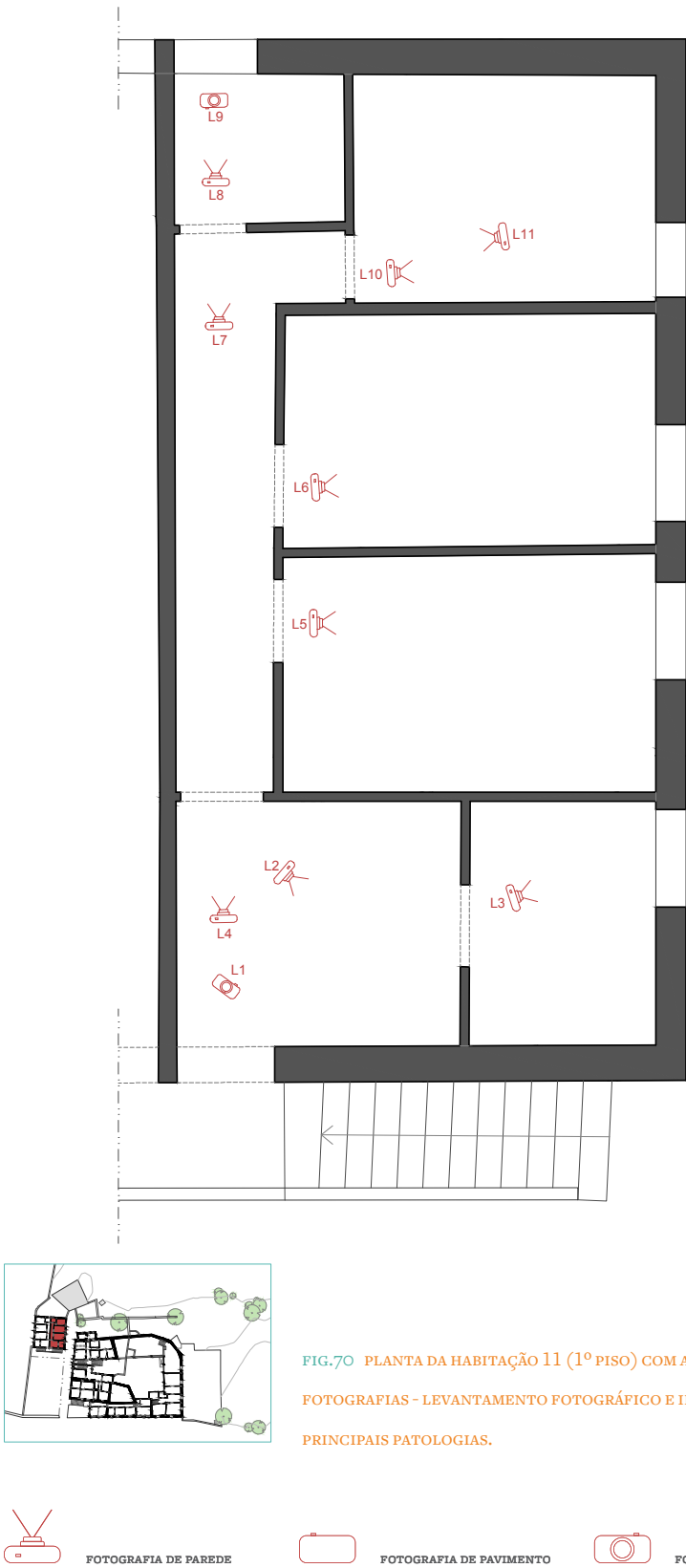
K8 VISTA DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Manchas de humidade no teto; descamação da pintura; revestimento com alguns azulejos fendidos; contaminação com rosáceas; janela de peito de batente em madeira pintada (azul), uma folha de abrir com caixilho de quatro vidros, apresentando alguma degradação.

K9 VISTA DE UM QUARTO

Manchas de humidade no teto; fendilhação na ligação teto-parede; janela de peito de batente em madeira pintada (azul), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, bastante degradada.

3.3.12. Habitação 11



L1



L2

L1 PORMENOR DA ENTRADA
Caixilharia exterior em falta; fendilhação vertical na parede; manchas de humidade no teto.

L2 VISTA DA ENTRADA DA COZINHA
Teto abaulado e com manchas de humidade; fendas e descamação de tinta nas paredes; porta da cozinha em falta; paredes da cozinha com manchas de humidade e fungos; revestimento da cozinha em azulejo em relativo bom estado com alguns elementos fendilhados.



L3

L3 PORMENOR DA CAIXILHARIA EXTERIOR DA COZINHA

Janela da cozinha inexistente; aro fixo em madeira pintada (castanho) muito danificado, manchas de humidade e descamação da pintura nas paredes; teto abaulado e com manchas de humidade.

L4 VISTA GERAL DO CORREDOR

Teto bastante danificado com manchas de humidade; fendilhação localizada junto ao canto; indícios de pintura pré-existente.



L4



L5

L5 VISTA GERAL DE UM QUARTO

Fendilhação e pintura descamada nas paredes; teto abaulado; janela de peito de batente em madeira pintada (branco no interior e castanho no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, com fendas na madeira e vidros partidos.

L6 VISTA DE UM QUARTO

Tinta das paredes a descamar expondo pintura pré-existente; teto abaulado e a descamar; janela de peito de batente em madeira pintada (branco no interior e castanho no exterior), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, com alguma degradação na pintura e empeno da madeira.



L6



L7



L8

L7 ENTRADA DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Porta em madeira pintada (branco), uma folha de abrir com duas almofadas inferiores e dois caixilhos de vidro na parte superior. Bastante degradada com manchas de humidade, fungos, empeno e um vidro em falta.

L8 CAIXILHARIA EXTERIOR DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Janela de peito de batente em madeira pintada (branco), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, com descamação da pintura e um vidro em falta; contaminação com rosáceas; pintura das paredes a descamar; fendilhação generalizada nas paredes; azulejos com elementos fendilhados e em falta.



L9

L9 PORMENOR DO TETO DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Colapso de parte do teto em aglomerado de madeira, expondo cobertura com vestígios de infiltração.

L9 VISTA DE UM QUARTO

Fendilhação generalizada, manchas de humidade e descamação de tinta nas paredes, teto abaulado e com vestígios de infiltração ao canto; caixilharia exterior muito danificada: janela de peito de batente em madeira pintada (branco), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, com uma das folhas em falta, aro fixo interior inexistente, vidros partidos e elementos metálicos da persiana corroídos.

L9 PORMENOR DA ENTRADA DE UM QUARTO

Porta em falta; aro fixo restante degradado.



L10



L11

3.3.13. Habitação 12

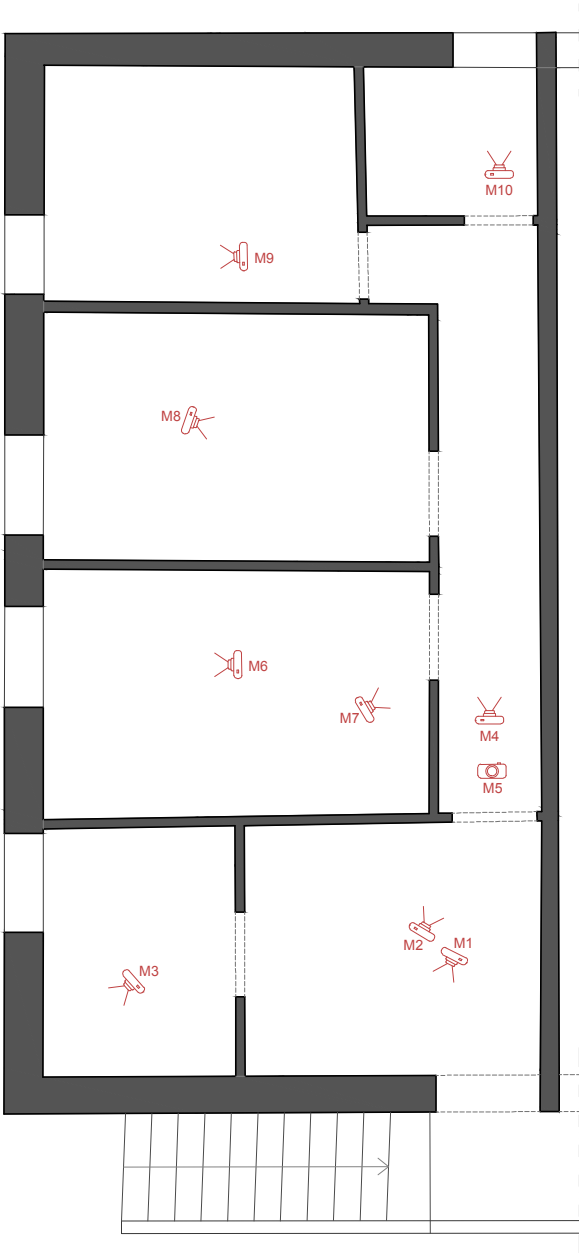


FIG.71 PLANTA DA HABITAÇÃO 12 (1º PISO) COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



FOTOGRAFIA DE PAREDE



FOTOGRAFIA DE PAVIMENTO



FOTOGRAFIA DE TETO



M1



M2



M3

M1 VISTA DA ENTRADA DA HABITAÇÃO

Caixilharia exterior em falta; fendilhação oblíqua na parede; manchas de humidade no teto; visível na imagem um ninho de ratos.

M2 CAIXILHARIA INTERIOR

Porta em madeira pintada (branco), uma folha de abrir com duas almofadas inferiores e dois caixilhos de vidro na parte superior, com alguma degradação, sobretudo manchas de humidade e fungos.

M3 PORMENOR DO AZULEJO DA COZINHA

Manchas de humidade e gordura no teto; azulejos com elementos danificados mas em bom estado no geral.

DIANA SOFIA XAVIER PINTO

MESTRADO EM DESIGN DE INTERIORES

ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E DESIGN



M4



M5



M6

M4 VISTA GERAL DO CORREDOR

Manchas de humidade e descamação da pintura nas paredes, denotando-se pintura pré-existente; reboco danificado; teto abaulado.

M5 PORMENOR DO CORREDOR

Manchas de humidade e descamação de tinta nas paredes; fenda vertical junto ao canto; porta em madeira pintada (branco), uma folha de abrir com duas almofadas inferiores e dois caixilhos de vidro na parte superior, com manchas e fungos.

M6 CAIXILHARIA EXTERIOR DE UM QUARTO

Janela de peito de batente em madeira pintada (castanho), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, com a tinta a descamar expondo pintura pré-existente; aro fixo encoberto.

CENTRO DE DIA DA PÍCUA. PROJETO DE DESIGN

DE INTERIORES E REABILITAÇÃO DE UM ESPAÇO

PREEXISTENTE PARA A TERCEIRA IDADE.



M7



M8



M10



M9

M7 PORMENOR

Reboco da parede de alvenaria de tijolo cerâmico danificado.

M8 ENTRADA DE UM QUARTO

Porta em madeira pintada (branco), uma folha de abrir com duas almofadas inferiores e dois caixilhos envidraçados na parte superior; reboco danificado.

M9 VISTA DE UM QUARTO

Revestimento em papel de parede degradado com a humidade; teto abaulado; janela de peito de batente em madeira pintada (castanho), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, em bom estado.

M10 CAIXILHARIA EXTERIOR DA INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Janela de peito de batente em madeira pintada (castanho), duas folhas de abrir com caixilho de três vidros em cada, com pintura a descamar; contaminação com rosáceas; azulejos em bom estado, com alguns elementos fendilhados; teto abaulado.

3.3.14. Anexos

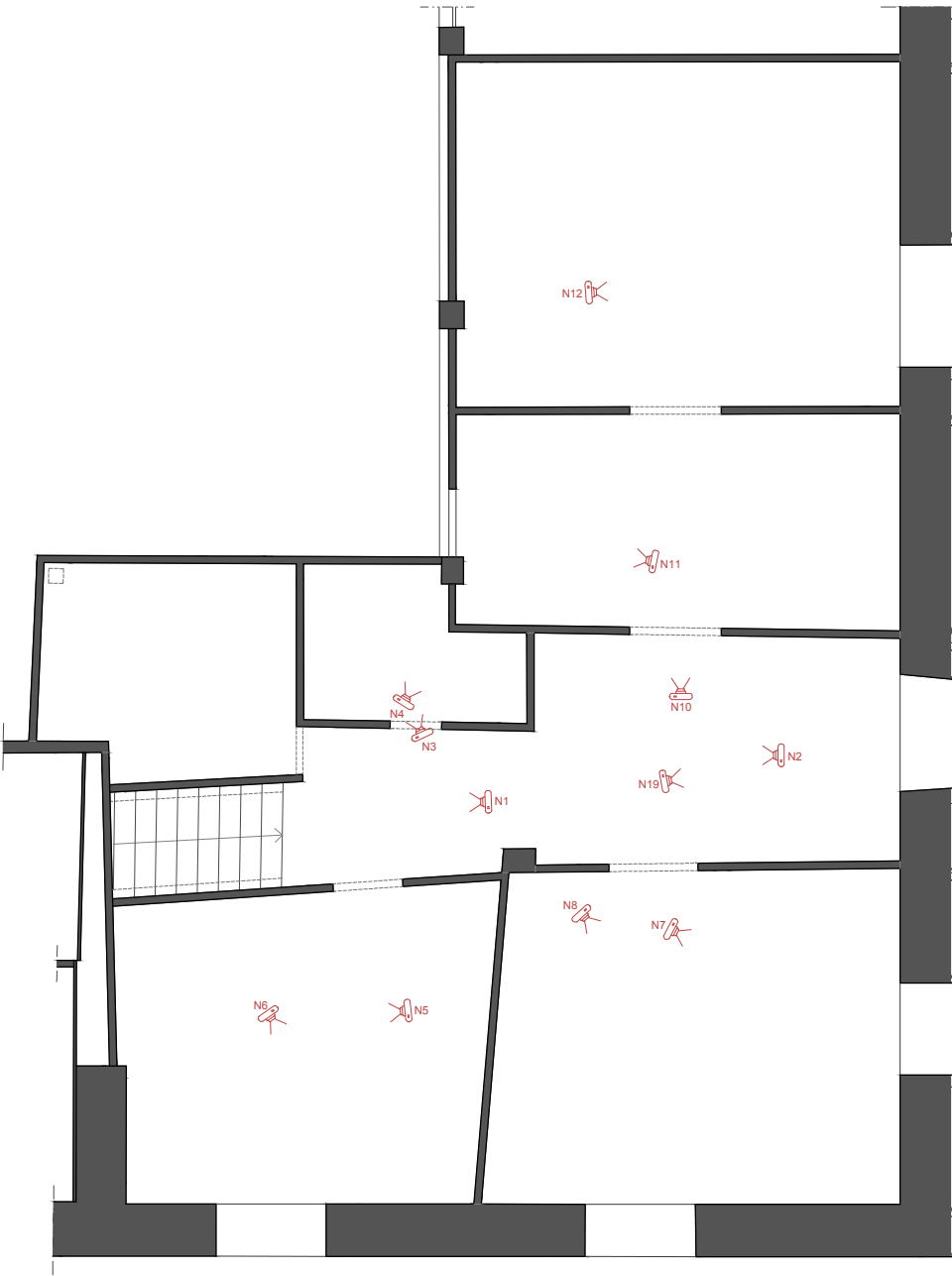


FIG. 72 PLANTA DOS ANEXOS (1º PISO) COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



FOTOGRAFIA DE PAREDE



FOTOGRAFIA DE PAVIMENTO



FOTOGRAFIA DE TETO



N1



N2



N3

N1 VISTA DA ENTRADA

Fendilhação generalizada nas paredes; revestimento das paredes em tabique, danificado; teto em ripas de madeira pintada (branco), degradado com abaulamento e descamação da pintura; vão desaprumado; porta em falta.

N2 VISTA GERAL DA ENTRADA

Teto em ripas de madeira pintada (branco), abaulado; paredes em tabique danificadas.

N3 VISTA DE UM COMPARTIMENTO

Paredes exteriores em tabique simples muito danificadas; caixilharia exterior partida; manchas de humidade; teto em ripas de madeira degradado; vigamento do piso degradado.



N4



N5

N4 PORMENOR

Parede em tabique com fendas, ligada a pilar em pedra pintada (branco).

N5 VISTA DE UM COMPARTIMENTO

Vestígios de infiltração; parede em tabique simples degradada com perda de secção e apodrecimento de madeiras; teto abaulado e com manchas de humidade.



N5



N6

N6 VISTA DE UM COMPARTIMENTO

Fendilhação generalizada nas paredes com destaque para fendas junto ao canto e na ligação teto-parede; vestígios de infiltração; caixilharia exterior bastante degradada: janela de peito de batente em ferro forjado, duas folhas de abrir com caixilho de dois vidros em cada, com o metal oxidado e os vidros partidos; portada interior em madeira pintada (branco), quatro folhas de abrir com duas almofadas em cada, com a pintura a descamar e uma das folhas em falta.

N7 VISTA DE CAIXILHARIA EXTERIOR

Janela de peito inexistente; portada interior em madeira pintada (branco), duas folhas de abrir, com fendas descamação da pintura e empeno da madeira; moldura em madeira pintada (branco) com fendas e descamação da pintura.



N8



N9

N8 VISTA GERAL DE UM COMPARTIMENTO

Manchas de humidade e fendas nas paredes; pavimento em soalho de madeira com elementos degradados, teto do tipo fasquios pregados a barrotes, danificado; duas janelas de peito: uma inexistente e outra degradada e com elementos em falta.

N9 VISTA DE CAIXILHARIA EXTERIOR

Parede em alvenaria de pedra com fendas e vazios; paredes interiores em tabique simples degradadas por humidade; teto em madeira pintada (branco), abaulado; porta exterior em falta.



N10



N11



N12

N10 VISTA DE UM COMPARTIMENTO

Portas interiores em falta; paredes degradadas e desaprumadas, tetos com deformações.

N11 CAIXILHARIA EXTERIOR

Paredes exteriores em tabique simples, ligada a pilar em pedra, bastante danificada; fendilhação generalizada nas paredes; teto degradado; janela de peito de batente em madeira pintada (branco), duas folhas de abrir com caixilho de dois vidros em cada, com descamação da pintura e vidros inexistentes.

N12 VISTA DE UM COMPARTIMENTO

Vestígios de infiltração; manchas de humidade e fungos nas paredes e teto; fendas e descamação da pintura das paredes; teto em ripas de madeira pintada (branco), abaulado e com elementos apodrecidos; caixilharia exterior em falta.

3.3.15. Dependências Para Animais e Armazenamento de Cultivo

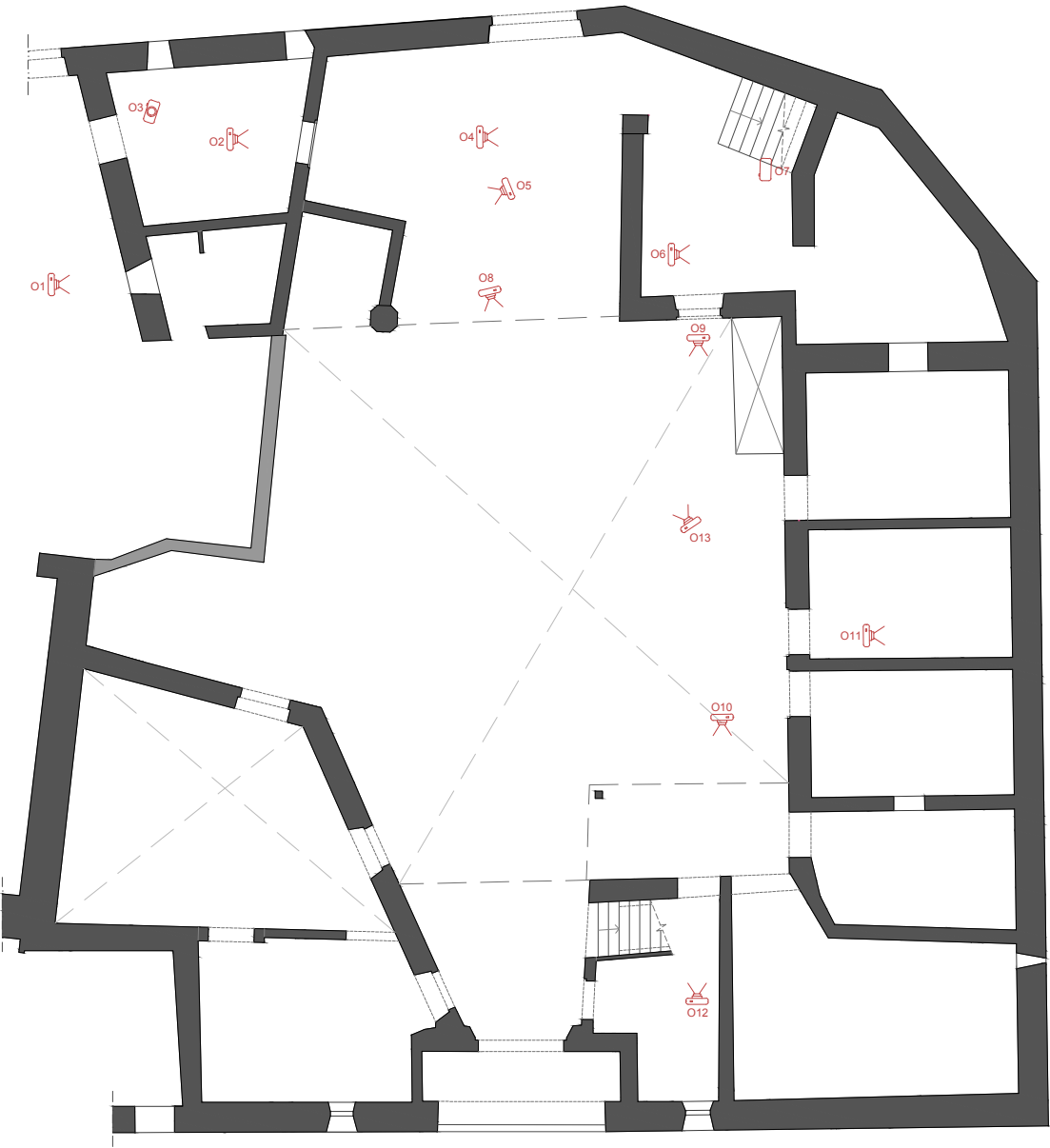


FIG. 73 PLANTA DAS DEPENDÊNCIAS (RÉS-DO-CHÃO) COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



FOTOGRAFIA DE PAREDE



FOTOGRAFIA DE PAVIMENTO



FOTOGRAFIA DE TETO



01



02



03

01 VISTA DE UMA JANELA

Irregularidades na alvenaria com indícios de restauro de algumas dessas irregularidades com argamasas e pedaços de tijolo; janela de peito de batente em madeira pintada (branco), uma folha de abrir com caixilho de quatro vidros, bastante degradada: madeira partida, pintura descamada, vidros partidos e ferragens oxidadas.

02 VISTA DE UM VÃO INTERIOR

Parede de compartimentação em tijolo cerâmico com fendilhação generalizada, manchas de humidade e descamação da pintura; vão sem caixilharia.

03 VISTA DO PAVIMENTO SUPERIOR

Vigamento e pavimento apodrecidos; rotura de apoio de pavimento em parede; contaminação com rosáceas.



04



05

04 PORMENOR DE PAREDE EM RUÍNA

Vigamento do compartimento debilitado; alvenaria restante de parede com manchas de humidade e musgo.

05 VISTA DE UMA CONSTRUÇÃO DE COMPARTIMENTAÇÃO

Irregularidades na alvenaria com indícios de restauro com novas pedras; alvenaria de pedra com manchas de humidade e musgo; construção improvisada em tijolo cerâmico; vigamento e pavimento superior apodrecido.



06



07



08

06 VISTA DE UM COMPARTIMENTO

Vigamento do pavimento superior debilitado pela ação do tempo; irregularidades na alvenaria com indícios de restauro com argamassas.

07 VISTA A PARTIR DO PISO SUPERIOR

Pavimento do andar inferior em terra batida; estrutura do pavimento superior muito degradada e já quase sem tabuado; visível na imagem colapso da cobertura (ao fundo).

08 VISTA GERAL DO PÁTIO CENTRAL

Presença muito acentuada de vegetação chegando a impossibilitar o acesso a alguns compartimentos.



09



010

09 VISTA DE FACHADA EXTERIOR PARA O PÁTIO CENTRAL

Construção improvisada em tijolo cerâmico; apodrecimento das vigas de vigas de suporte da cobertura, comprometendo a resistência e durabilidade da mesma; presença muito acentuada de vegetação no pátio e sobre a cobertura.

010 PORMENOR DE VIGA DE SUSTENTAÇÃO

Divisão anexos em ruína; viga de sustentação visivelmente comprometida com risco iminente de desabamento daquela secção do pavimento.



011



012



013

011 INTERIOR DE UM COMPARTIMENTO

Construção de alvenaria de pedra irregular com e sem recurso a argamassas; continuação da estrutura do pavimento superior para a eira.

012 VISTA DE UM VÃO INTERIOR

Porta em tabuado de madeira pregado danificada; vão de escada de tiro de madeira de acesso aos anexos.

013 VISTA DO PÁTIO CENTRAL

Presença muito acentuada de vegetação chegando a impossibilitar o acesso a alguns compartimentos; irregularidades na alvenaria.

3.3.16. Coberturas

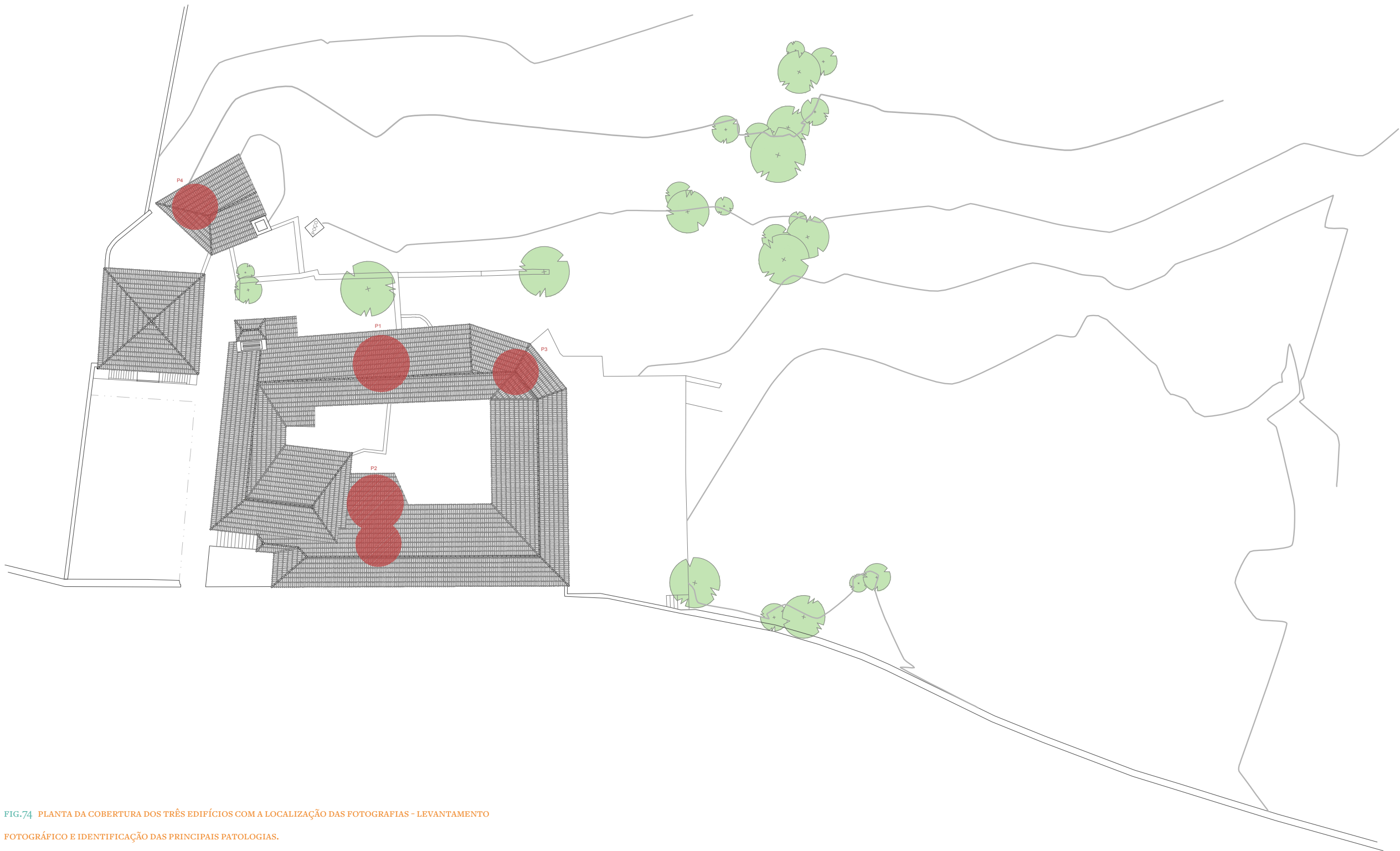


FIG.74 PLANTA DA COBERTURA DOS TRÊS EDIFÍCIOS COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



P1 A



P1 B



P2 A

P1 A VISTA DO INTERIOR DA COBERTURA SOBRE AS DEPENDÊNCIAS PARA ANIMAIS

Rutura da cobertura: telhas partidas e em falta, provavelmente como consequência de deformações das estruturas de madeira da cobertura; aumento do peso da cobertura pela ação de vegetação; anomalias nos larós e remates.

P1 B VEGETAÇÃO SOBRE A COBERTURA SOBRE A HABITAÇÃO 4

Aumento do peso da cobertura pela ação de vegetação que penetra o revestimento e contamina os compartimentos interiores, deformando e comprometendo a estrutura, causando infiltrações e ruturas na cobertura.

P2 A VISTA DO INTERIOR DA COBERTURA SOBRE A HABITAÇÃO 1

Colapso de secção da cobertura por abaulamento excessivo de cobertura, provavelmente causado por peso excessivo de vegetação, com aberturas de juntas e infiltrações através das telhas.

CENTRO DE DIA DA PÍCUA. PROJETO DE DESIGN

DE INTERIORES E REABILITAÇÃO DE UM ESPAÇO

PREEXISTENTE PARA A TERCEIRA IDADE.



P2 B



P4



P3

P2 B VEGETAÇÃO SOBRE A COBERTURA SOBRE A HABITAÇÃO 1

Aumento do peso da cobertura pela ação de vegetação que penetra o revestimento e contamina os compartimentos interiores, deformando e comprometendo a estrutura, causando infiltrações e ruturas na cobertura.

P3 VEGETAÇÃO SOBRE A COBERTURA SOBRE AS DEPENDÊNCIAS PARA ANIMAIS

Parcela da cobertura representada na imagem ainda intacta mas coberta por vegetação que se observa já ter contaminado o interior.

P4 VISTA DA COBERTURA DA CASA DOS CASEIROS

Abaulamento da cobertura; telhas partidas, provavelmente como consequência de deformações das estruturas de madeira da cobertura; aumento do peso da cobertura pela ação de vegetação; anomalias nos remates.

3.3.17. Casa dos Caseiros

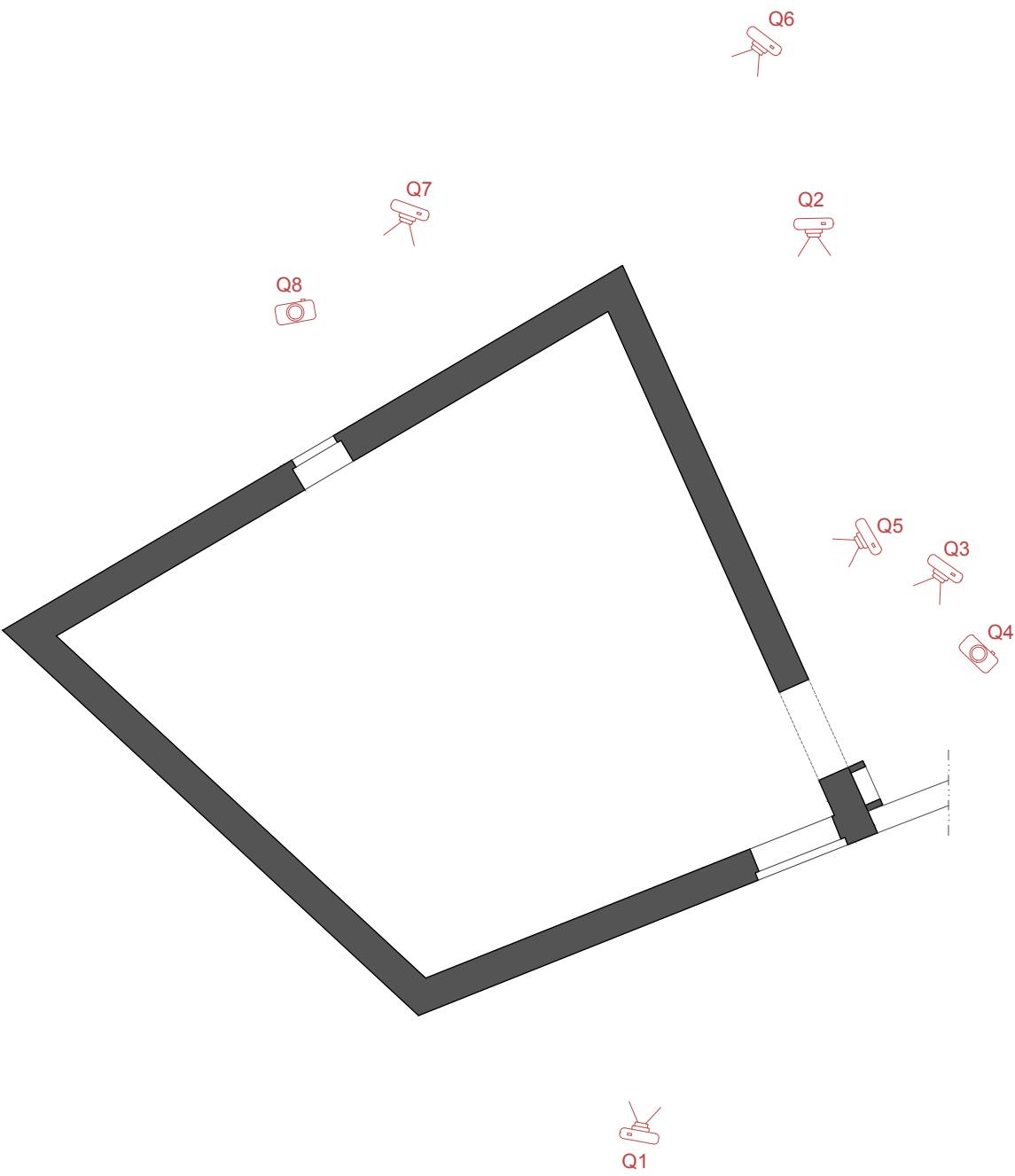


FIG. 75 PLANTA DA CASA DOS CASEIROS COM A LOCALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS - LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO E IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS PATOLOGIAS.



FOTOGRAFIA DE PAREDE



FOTOGRAFIA DE PAVIMENTO



FOTOGRAFIA DE TETO



Q1 VISTA DA FACHADA NOROESTE



Q2 VISTA DE UM VÃO INTERIOR



Q3 VISTA DO PAVIMENTO SUPERIOR



Q4 RESERVATÓRIO DE ÁGUAS PLUVIAIS



Q5 INDÍCIO DE REMOÇÃO DE ELEMENTO DA FACHADA



Q6 FACHADAS SUDOESTE E SUDESTE

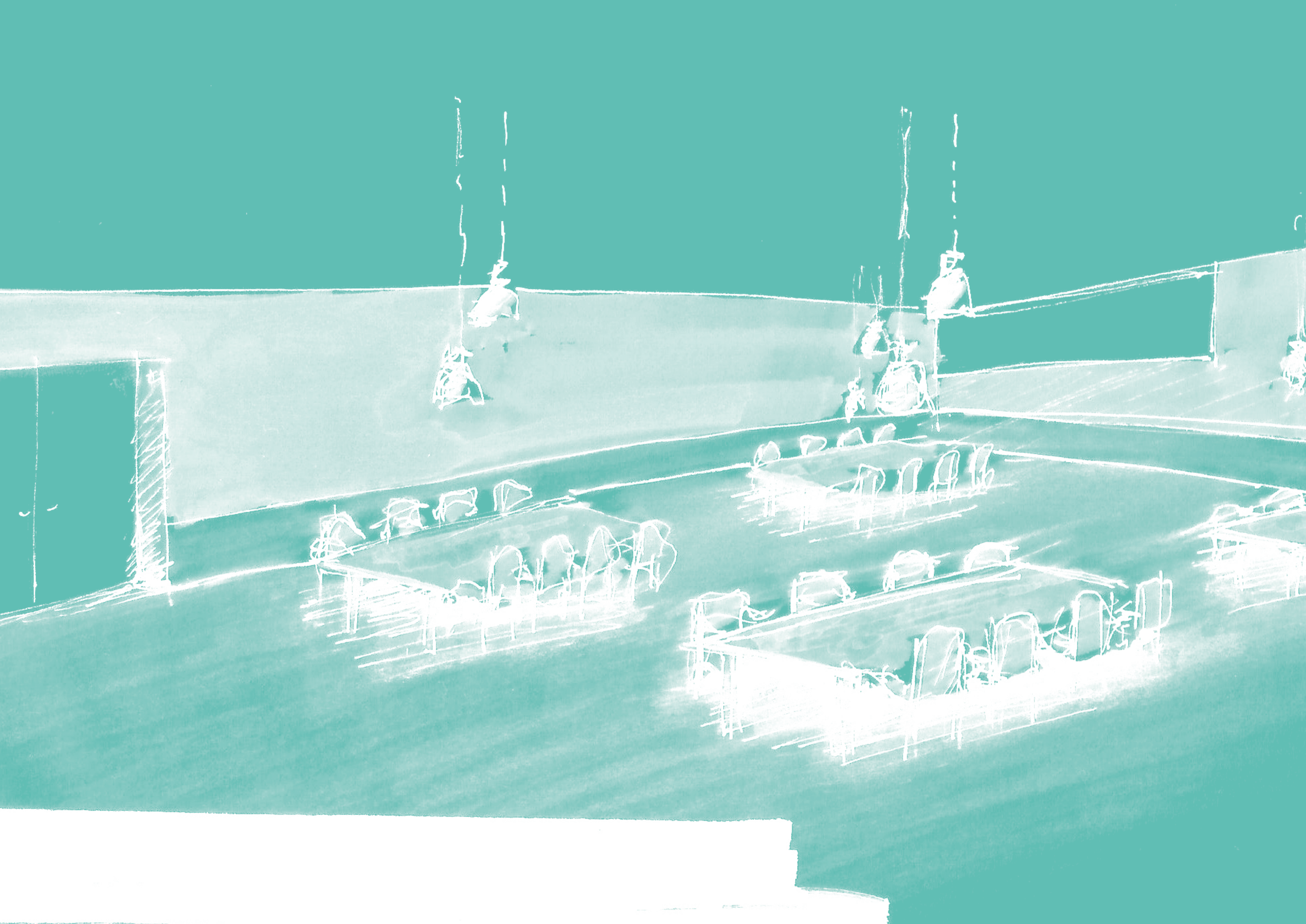


Q7 VISTA DE VÃO EXTERIOR NA FACHADA SUDESTE



Q8 COBERTURA DANIFICADA

Q1 A Q8
Contaminação de fachadas com elementos vegetais mortos; caixilharias degradadas e com elementos em falta; irregularidades e vazios na alvenaria com indícios de restauro de algumas dessas irregularidades com argamassas e pedaços de tijolo; vãos ao nível do piso térreo emparedados; construção do reservatório de águas pluviais aparentemente mais recente; indícios de remoção de elemento da fachada substituído por preenchimento com argamassa; cobertura danificada, sobretudo pela ação de elementos vegetais que adulteram a eficiência da estrutura, causando infiltrações e ruturas; fachada nordeste completamente tapada por vegetação.





4. *Proposta de Intervenção*

Um projeto representa um conjunto único de ideias, problemas e soluções, pontos fortes e debilidades sobre um caso específico a intervir. Todavia um projeto de reabilitação de um edifício já existente carrega em si um conjunto de questões de difícil resposta, pois cada caso figura como singular quando se debate, por exemplo, o que conservar de um edifício antigo, até que ponto a renovação deve imitar ou afastar-se do original ou ainda que tecnologias e materiais usar quando se procura uma harmonia compatível entre o novo e o antigo (Broto, 2004). Sobre este último ponto a sua criticidade revela-se na ambiguidade das escolhas, já que o recurso a soluções tradicionais na tentativa de minimizar o impacto da intervenção “não é suficiente para assegurar a qualidade” (...) da mesma, “já que mesmo que os materiais novos sejam “iguais” aos materiais antigos, há a considerar a diferença de idades que implica diferenças mais ou menos acentuadas de comportamento” (Appleton, 2011, p. 7). Há ainda que contar com a criatividade e as vocações/limitações do autor de um projeto desta natureza, que serão certamente inegáveis fatores contributivos para adensar a complexidade destas questões.

172 · 173

Para que as escolhas projetuais possam ser o mais sustentadas possível o projeto de reabilitação deve assentar num entendimento do objeto a intervir, apresentado no capítulo anterior, com a identificação das características construtivas e estruturais do edifício e o reconhecimento das anomalias mais relevantes (Appleton, 2011). Neste capítulo apresentamos o programa de intervenção mostrando o trabalho de investigação realizado para auxiliar a sua elaboração. Só com o conhecimento das exigências e problemáticas obtidas através do diagnóstico da pré-existência e da definição do programa para a proposta reunimos as condições necessárias à definição de uma estratégia de intervenção, igualmente apresentada neste capítulo. Por último provemos à descrição da proposta (e metodologia projetual) com o auxílio de desenhos gerais e de pormenor com as soluções adotadas, fotografias de maquetas de estudo e imagens concetuais.

4.1. Definição do Programa

Para melhor definir um programa para um centro de dia procuramos informação não só nos casos de estudo já apresentados mas também em centros locais em funcionamento, estruturas mais pequenas e com menos recursos, para assim entendermos a práxis, nomeadamente:

- PERCEBER A LOGÍSTICA DE CADA CENTRO;
- CONHECER OS SERVIÇOS E ATIVIDADES QUE UM CENTRO OFERECE;
- OBSERVAR O CENTRO EM FUNCIONAMENTO;
- VISITAR AS INSTALAÇÕES;
- OBSERVAR A RELAÇÃO DOS IDOSOS COM OS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DISPONÍVEIS;
- FALAR COM OS UTENTES.

Este estudo não será descrito no presente trabalho pois tratou-se de uma necessidade pontuada pelo conhecimento da realidade destes equipamentos sociais mas, sobretudo, para enriquecimento de competências pessoais. Contudo, serão apresentados os resultados de inquéritos feitos aos utentes dos centros visitados, realizados como auxiliares para melhor definir o programa.

Das visitas a dois centros de dia dos concelhos do Porto e da Maia não podemos deixar de destacar a disponibilidade e ajuda dos coordenadores dos centros que, em conversas informais, também deram o seu contributo para delinear o conjunto de serviços e atividades presentes na proposta de projeto.

Dos inquéritos realizados a cinquenta e um utentes dos dois centros de dia pudemos concluir que a maioria são mulheres, com 38 indivíduos do sexo feminino e 13 indivíduos do sexo masculino e que as maiores percentagens pertencem aos utentes viúvos, reformados e a morarem sozinhos. Pudemos ainda apurar que a grande maioria tem parentes vivos que contacta com frequência.

Determinamos a faixa etária que frequenta os centros selecionados entre os sessenta e cinco e os noventa e três anos, sendo a média os oitenta e um anos de idade. O gráfico abaixo apresentado representa o total dos idosos inquiridos e nele pode ser observada a incidência nos indivíduos com mais idade.

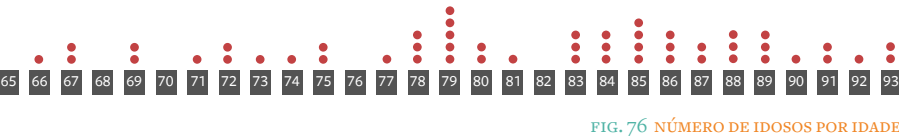


FIG. 76 NÚMERO DE IDOSOS POR IDADE

Quando questionamos os utentes sobre a prática de alguma atividade antes de frequentarem o centro, 25 dos inquiridos responderam que tinham alguma atividade anteriormente, os restantes que não. Das atividades mencionadas destacamos as atividades domésticas, costura /bordados, cuidar do jardim ou horta e tomar conta de crianças como as mais mencionadas.

Tratando-se um centro de dia de um equipamento sem institucionalização permanente procuramos saber quanto tempo os utentes permanecem no centro durante o dia. Os resultados aparecem de forma quantificável no gráfico abaixo.

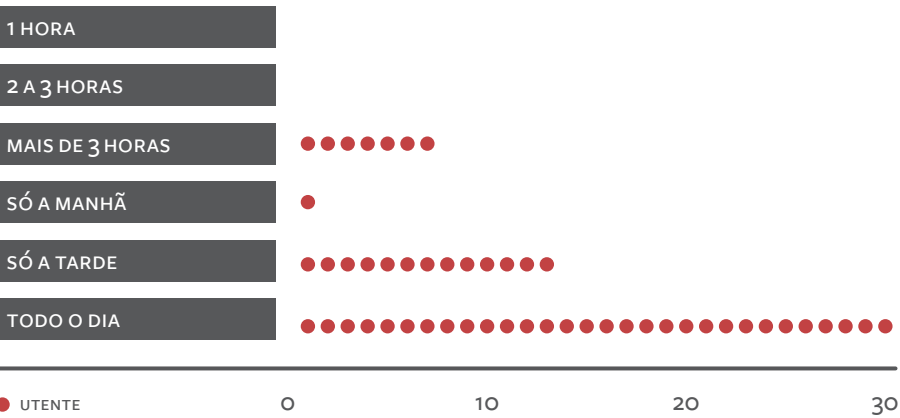


FIG. 77 DURAÇÃO DA PERMANÊNCIA NO CENTRO DE DIA

Questionados sobre a sua saúde a maioria dos utentes inquiridos afirmou ter algum problema. Também numa maioria destacou-se a resposta “sim” à questão: tem algum problema de mobilidade? Procuramos então perceber se os centros oferecem condições adequadas à falta de mobilidade e outros problemas de saúde dos seus idosos ou se, por outro lado, são inadaptados. O inquérito revelou que um maior número de pessoas não considera que o seu centro tenha alguma limitação à sua mobilidade, traduzindo-se isto em 27 indivíduos que não reconhecem nenhuma falha contra 24 que reconhecem pelo menos uma falha. Em contrapartida, um número mais significativo de pessoas deixaram sugestões sobre o que melhoravam no centro de dia que frequentam, sendo os valores referentes a 31 indivíduos contra 20 que não melhoravam nada. Ironicamente a grande maioria das sugestões apresentadas reporta carências que implicam ou são relativas à mobilidade, sendo alguns exemplos a falta de elevador em um dos centros com dois pisos, menos escadas, pisos mais uniformes ou mais iluminação. Da nossa observação feita nas instalações detetamos estas e outras carências como a falta de sombreamento nos espaços exteriores ou a disponibilidade de uma única sala para atividades não muito diversas por falta de outros espaços. De referir que num dos centros esta sala localiza-se no piso superior e que vários utentes afirmaram não fazerem as atividades nela realizadas por

não conseguirem subir escadas. Ainda assim 71% dos inquiridos avaliam o seu centro como bom, 16% como razoável e 13% como muito bom.

O gráfico seguinte é ilustrativo das atividades com mais expressão para os idosos. Ao questioná-los sobre as atividades disponíveis nos centros entendemos em simultâneo as que estão disponíveis e as que não são oferecidas pelos centros (expressas pelas percentagens nulas) e, do conjunto de ocupações disponíveis, as que atraem mais participantes.

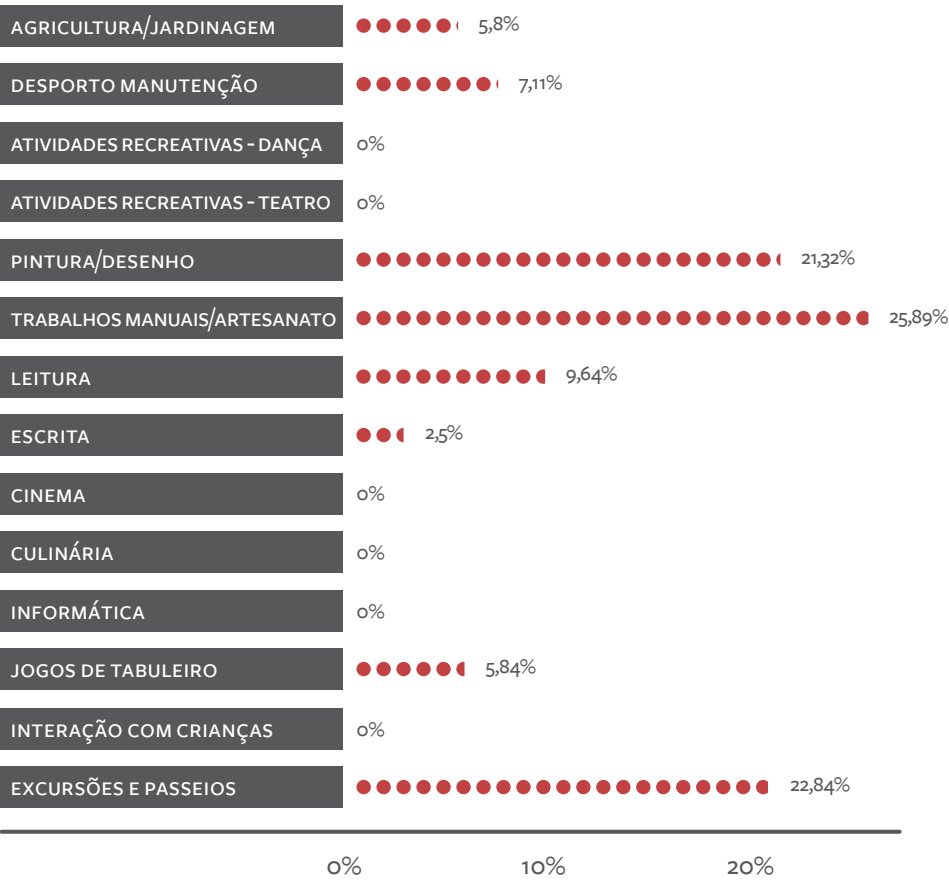


FIG. 78 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS POR PERCENTAGEM.

Assim, de acordo com os resultados obtidos, as atividades mais praticadas são os trabalhos manuais ou artesanato, seguidos da pintura e desenho e das excursões e passeios. Tentamos perceber o porquê de estas serem as atividades mais frequentes e concluímos, da observação feita no local e dos esclarecimentos prestados pelos coordenadores dos dois centros, que a falta de espaços adaptados a outras ocupações é o principal motivo. Cada centro visitado tem apenas uma sala para atividades recreativas, equipada com mesas e cadeiras, que apenas permitem as atividades já referidas. Passeios e excursões não carecem de espaço físico e portanto não existe qualquer objeção à sua prática. Ainda assim ambos os centros

possuem espaços exteriores onde poderiam ocorrer, com mais popularidade, atividades como jardinagem ou desporto ao ar livre mas não estão devidamente adaptados para que estas possam ser praticadas, de forma conveniente e assim, atrair mais participantes. Resta referir que a visualização de televisão é a ocupação mais praticada em ambos os centros de dia. Não foi contemplada no inquérito mas da observação feita nas várias visitas é a mais recorrente e a que um maior número de praticantes reúne.

Com estes dados, as visitas aos centros e o estudo de projetos de referência elaboramos um programa esquematizado, contendo os serviços necessários ao bom funcionamento de um centro de dia e as diversas atividades com os respetivos espaços necessários. Este esquema representado na figura 79 é tão-somente um guia de referência para que possam ser tomadas decisões projetuais e representa por isso, um conjunto de hipóteses para a concretização de uma solução que respeite a pré-existência e o estudo de diagnóstico já realizado (Freitas, 2012).

4.2. Estratégia de Intervenção

A estratégia para a intervenção que propomos partiu da adaptação, para um centro de dia, de um conjunto de edifícios adulterados ao longo do tempo em relação à sua função original e convertidos em habitações, de forma mais ou menos arbitrária.

Tratando-se o centro de dia de um equipamento que promove atividades de apoio social a pessoas de/com mais idade e com dificuldades de locomoção e, portanto, passivo a uma regulamentação própria, como são exemplos o Guião Técnico do Centro de Dia aprovado por Despacho do Secretário de Estado da Inserção Social em 1996 e a Portaria nº67/2012 em vigor, a estratégia de intervenção passará pelo cumprimento das normas exigidas por lei, tendo em conta a necessidade de adequação do edificado.

Indo a proposta de projeto incidir sobre uma reabilitação é necessário definir, em primeiro lugar, o grau da intervenção a realizar. De acordo com Appleton (2011) existem três graus de reabilitação e estes definem-se pelo grau de degradação de

um edifício. Assim e de forma resumida, uma reabilitação será ligeira quando são necessárias pequenas reparações para a manutenção do edifício como: limpeza e reparação de drenagens ou colocação de telhas nas coberturas, substituição de tábuas de soalho, reparação de tetos fendilhados, reparação de rebocos, substituição pontual de caixilharias danificadas, bem como trabalhos de pintura e melhoramento de instalações sanitárias e cozinhas existentes, mantendo-se a estrutura e a organização espacial do edifício. A reabilitação média abrange, para além dos trabalhos já referidos, o eventual fortalecimento de elementos estruturais e de fundações, a substituição parcial de pavimentos de madeira, nova instalação elétrica e a inclusão de alterações espaciais, de modo a aumentar dependências ou criando novos compartimentos. São contemplados nesta categoria os edifícios que carecem de conservação mas que não exibem problemas consideráveis nas estruturas. Por último uma reabilitação profunda deve ser usada quando um edifício apresenta um estado de elevada degradação e/ou de obsolescência que incluem: roturas segmentárias de cobertura e pavimentos e reparações ou substituições que exijam uma intervenção sobre as estruturas e fundações. O interior de um edifício assim reabilitado é profundamente modificado, alterando-se a compartimentação, mantendo-se apenas as paredes-mestras e mesmo estas com algumas modificações. São ainda contempladas alterações nas redes elétricas e de gás, águas e esgotos.

Dado o estado de conservação dos edifícios pré-existentes que nos propomos reabilitar apresentarem danos e anomalias significativos ao nível das estruturas e do estado de conservação dos materiais, e para tal nos servimos do levantamento das patologias do edifício com particular interesse nos interiores, a intervenção será moderada em dois edifícios e profunda num terceiro onde será necessária a remoção das estruturas interiores bastante degradadas e incompatíveis com as exigências normativas impostas a um centro de dia.

Tratando-se de um projeto de interiores, a intenção projetual será trabalhar os edifícios a partir do interior, mantendo-se as paredes resistentes de alvenaria de pedra, para não comprometer a resistência e segurança estrutural da construção. Sempre que possível serão mantidas as técnicas construtivas tradicionais e características do tipo de edifício em questão. Contudo, e novamente por se tratar de um projeto destinado à terceira idade, salvaguardamos a necessidade de adaptar as técnicas observadas na preexistência a técnicas mais contemporâneas, mas que ainda assim assegurem a reversibilidade da obra, para que se garantam as exigências programáticas e funcionais necessárias, já justificadas.

Poderão ser necessárias a consolidação e o reforço de fundações por se verificarem na proposta as seguintes razões: a alteração das condições e tipos de uso do edifício ou parte dele e a subdivisão de pisos com pé direito elevado, levando à ampliação

de esforços nas estruturas e fundações, que contudo não serão contempladas em projeto pela natureza concetual do mesmo e por não ter sido feito um estudo diagnóstico aprofundado para conhecer a realidade das fundações, não sendo esse de interesse relevante para o trabalho em questão. Sobre as estruturas diremos, de igual modo, que contemplamos soluções de consolidação e reforço de paredes resistentes de alvenaria de pedra caso se verifiquem ser necessárias. Sem nos alargarmos nesta matéria, poderão ser usadas “injeções, aplicadas à colmatação de fendas e de vazios, substituição do material degradado, adição de elementos metálicos para coser fendas ou para ligação entre elementos, e adição ou introdução de elementos de betão” (Appleton, 2011, p. 187).

4.3. Proposta de Intervenção



FIG. 80 ESQUEMA EDIFÍCIOS

Relativamente ao edificado existente, a proposta de intervenção visa a reabilitação dos edifícios A, B e C. De acordo com o programa definido para a conversão destes edifícios num centro de dia a intervenção será média a profunda, havendo pontuais transformações físicas das fachadas e das volumetrias, consequentes das alterações nos interiores. Evocando novamente

a intenção programática, os diferentes edifícios serão ligados entre si através de passagens que assegurarão a continuidade dos interiores e criarão uma unidade edificada para a leitura do espaço como um todo. Estas passagens deverão ser cobertas e resguardadas das condições climatéricas que se possam fazer sentir. Assim para que um idoso possa percorrer todo o complexo pelo interior, de forma segura e confortável, as passagens deverão ser fechadas e assegurar o acesso a todos os espaços. Estes corpos serão estruturas ligeiras que assegurarão o princípio de reversibilidade construtiva e adquirirão, naturalmente, o estatuto de estruturas parasitas ao edificado existente e, como tal, assumirão uma aparência propositadamente demarcada, numa linguagem mais contemporânea.

Como já referido anteriormente o princípio da intervenção surge da necessidade de organizar funcionalmente, para o edifício objeto de estudo, as diferentes valências de um centro de dia, trabalhando sempre do interior para o exterior. Desta forma o programa será distribuído sob uma lógica de associação de funções, ou seja, os espaços surgem agrupados segundo a sua função e segundo ligações de conveniência entre eles. Assim:

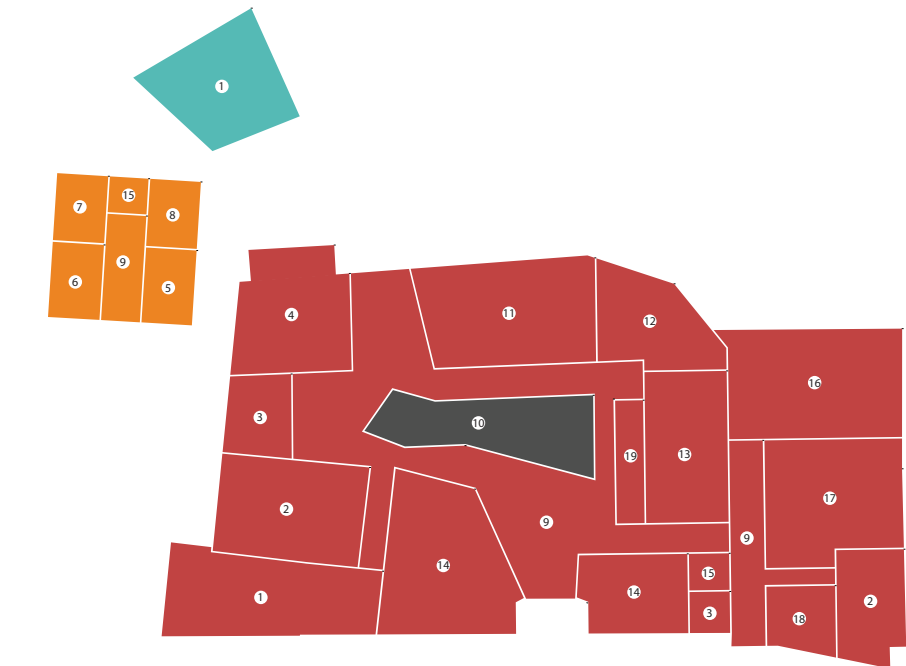
· a receção, ponto de entrada e de partida para a distribuição dos idosos pelos restantes espaços, deverá estar em contacto com uma das ruas e com um parque de estacionamento que facilite a chegada dos utentes. Será conveniente localizar-se ao nível do piso térreo, por questões de acessibilidade.

· próximos da receção deverão estar os serviços administrativos do centro. Esta proximidade assegurará uma adequada comunicação dos registos de entrada dos utentes, prestação de informações, pagamentos, entre outros. Assegurará igualmente a junção de todos os funcionários da área administrativa e de secretaria na mesma zona, conveniente para a criação, nessa mesma zona, de uma sala de descanso e instalações sanitárias exclusivas a funcionários. Verifica-se ainda a conveniência da proximidade dos serviços administrativos com o parque de estacionamento.

· o gabinete de apoio médico terá também um posicionamento estratégico pois reconhece-se a necessidade de estar próximo da entrada de veículos e parque de estacionamento, dado que, é frequente este tipo de instituição para a terceira idade requerer ambulâncias em situações de emergência médica.

· a cozinha é também uma área que necessita de uma programação mais atenta, tratando-se de uma cozinha industrial com regulamentação particular. Este equipamento deverá ficar localizado próximo ao exterior no piso térreo pela necessidade de receção de bens alimentares (cargas e descargas) e evacuação de lixos.

Tendo estes princípios definidos apresenta-se em seguida a proposta de intervenção.



- | | | |
|-----------------------------|--------------------------|------------------------------|
| 1. RECEÇÃO | 11. GINÁSIO | 21. AUDITÓRIO |
| 2. SALA DOS FUNCIONÁRIOS | 12. PISCINA | 22. PASSAGENS |
| 3. ARRUMOS | 13. BALNEÁRIOS | 23. INFORMÁTICA |
| 4. LAVANDARIA | 14. SALA DE ATIVIDADES | 24. SALA DE PINTURA |
| 5. BANHOS ASSISTIDOS | 15. INSTALAÇÃO SANITÁRIA | 25. SALA DE MÚSICA |
| 6. GABINETE MÉDICO | 16. REFEITÓRIO | 26. SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS |
| 7. GABINETE FISIOTERAPIA | 17. COZINHA | 27. GABINETE DE PSICOLOGIA |
| 8. ALOJAMENTO TEMPORARIO | 18. ARMAZÉM | 28. CABEIREIRO |
| 9. CORREDOR DE DISTRIBUIÇÃO | 19. ESCADAS E ELEVADOR | 29. SALA DE JOGOS |
| 10. ESPAÇO EXTERIOR | 20. BIBLIOTECA | 30. SALA DE ESTAR |

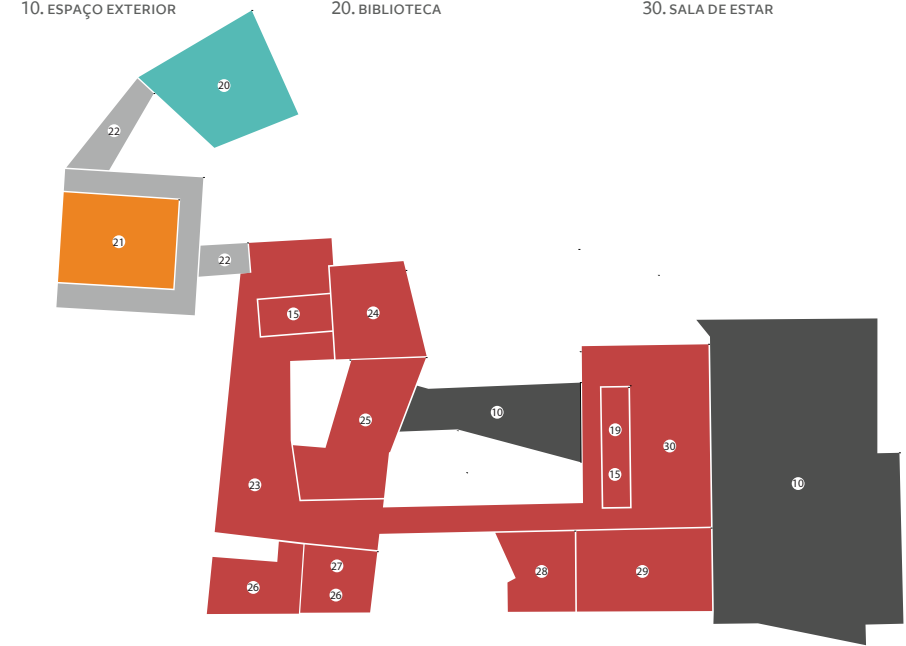


FIG. 81 ESQUEMA DISTRIBUTIVO



FIG. 82 PLANTA PISO O À ESCALA 1:200

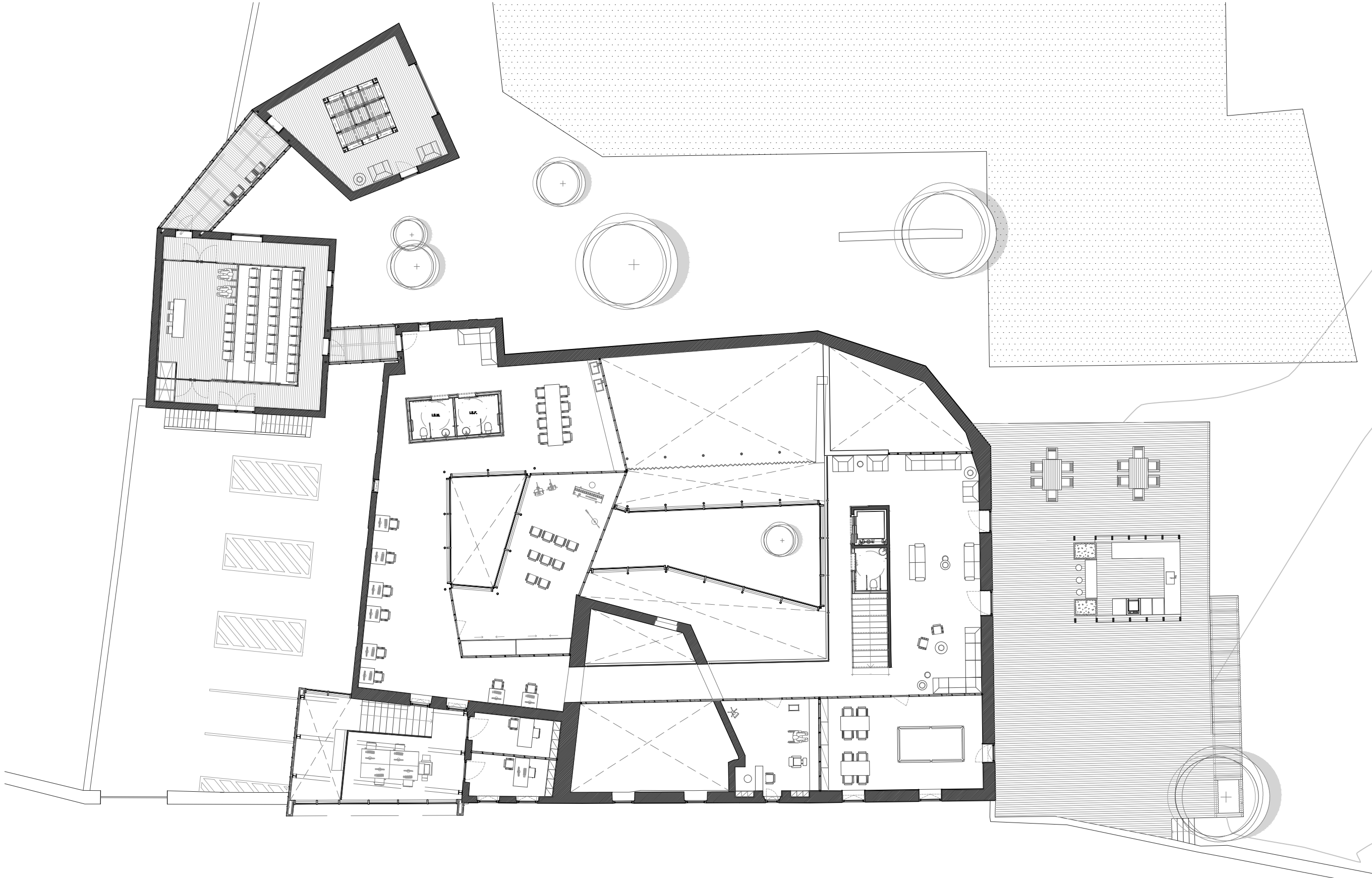


FIG. 83 PLANTA PISO 1 À ESCALA 1:200

EDIFÍCIO A

• Recepção

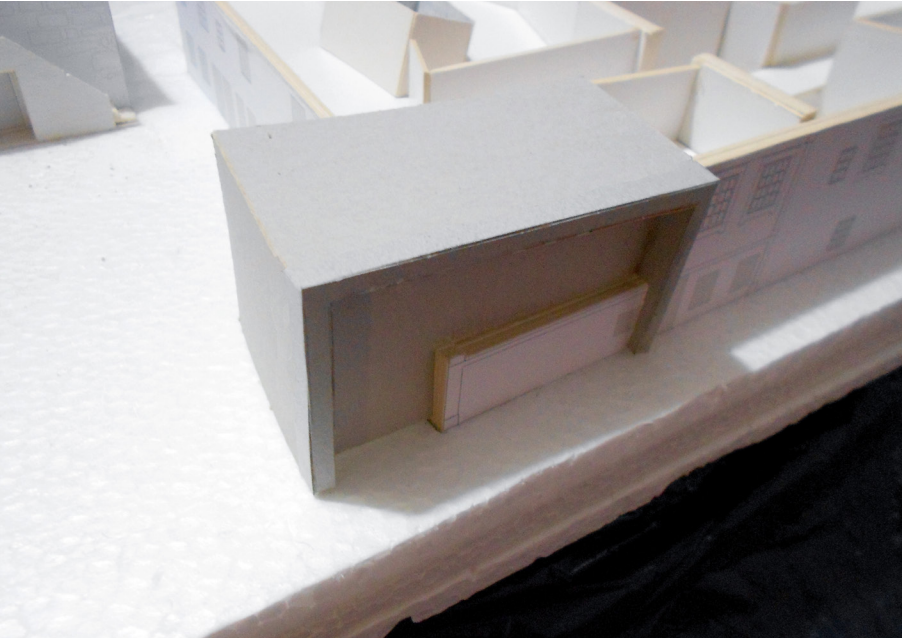


FIG. 84 MAQUETA DE ESTUDO | CORPO DA RECEÇÃO

A receção está localizada no espaço de entrada e saída do centro de dia, ao nível do piso térreo, para a rua Manuel Francisco de Araújo. A entrada para o centro fica no mesmo local do portão de entrada para o Bairro de Santa Cruz (zona habitacional) da pré-existência. A localização deste espaço tem como estratégia orientar os idosos pelos diferentes percursos que podem tomar a partir do momento da sua chegada ao centro. Assim, um idoso pode entrar pela porta que dá para a rua ou pode chegar de carro, entrar para o parque de estacionamento localizado junto da receção e entrar por uma outra porta que liga as duas áreas. Uma vez no interior pode dirigir-se ao balcão de atendimento – uma estrutura em madeira de pinho com um acabamento tipo pinho de oregão (laranja) que faz um balcão com prateleiras pelo interior e um banco de espera posicionado em frente às portas de entrada. O utente pode depois ser encaminhado para as divisões interiores do centro, passando por um corredor onde se dispõem cacifos a todo o comprimento, para seu uso. Criou-se também um armário para guardar cadeiras de rodas de forma a esconde-las do olhar dos idosos, caso não sejam necessárias, para assim manter uma aparência de normalidade e evitar possíveis constrangimentos por parte dos idosos, por estarem a ser recebidos num espaço onde estas cadeiras, associadas à perda de faculdades motoras, os esperam. Um utente ou acompanhante pode ainda ter a necessidade de se dirigir aos serviços administrativos do centro ou de ser encaminhado para apoio psicológico, e para tal, aproveitando as escadas exterior-

res do edifício existente de acesso às habitações 1 e 2 e ao terraço sobre a habitação 5, criou-se um espaço para trabalho de secretariado, um gabinete administrativo e um gabinete de apoio psicológico no piso superior. Esta disposição dos espaços assegura a privacidade dos serviços administrativos, estando o seu acesso condicionado ao uso exclusivo da escada que os ligam à receção. Esta organização espacial assegura ainda os princípios pré-definidos relativos à receção e aos serviços administrativos anteriormente apresentados.

Ao espaço dos serviços administrativos foi adicionada uma cobertura cujo desenho se estendeu à entrada no piso térreo, criando os vãos para as duas portas de entrada da receção, já mencionadas. Assim, surge um espaço amplo de pé-direito duplo com o aproveitamento do desenho do antigo terraço da pré-existência. A cobertura assenta no princípio de perfis metálicos para suporte de uma estrutura em “L” que cobre os espaços e os delimita do lado nascente, formando uma parede exterior. A estrutura apoia nas fachadas da pré-existência a poente e a sul onde fica localizada uma das portas da entrada, enquanto a norte a fachada para a rua Manuel Francisco de Araújo é envidraçada ao nível do piso superior e na área da porta de entrada. A nova estrutura é formada por uma sucessão de perfis tubulares apoiados em três vigas metálicas de secção em H, revestidos em ambos os lados com placas de contraplacado, com isolamento lã de rocha no interior e com revestimento em chapas de cobre tipo TUCU®CLASSIC da KME, pelo exterior.

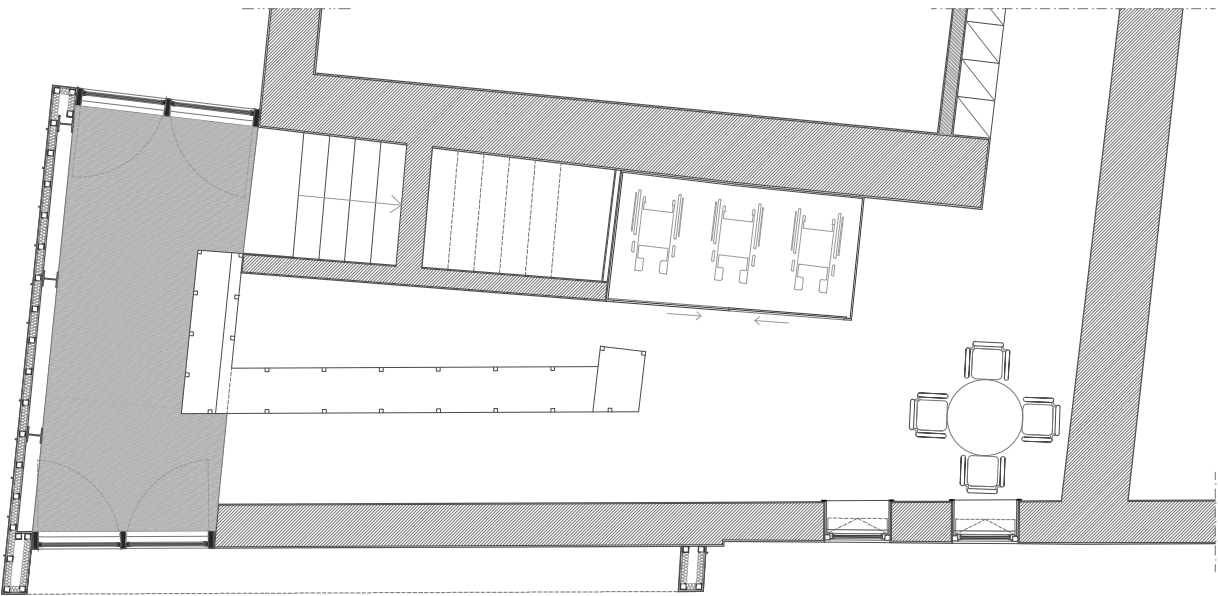


FIG. 85 PLANTA DA RECEÇÃO

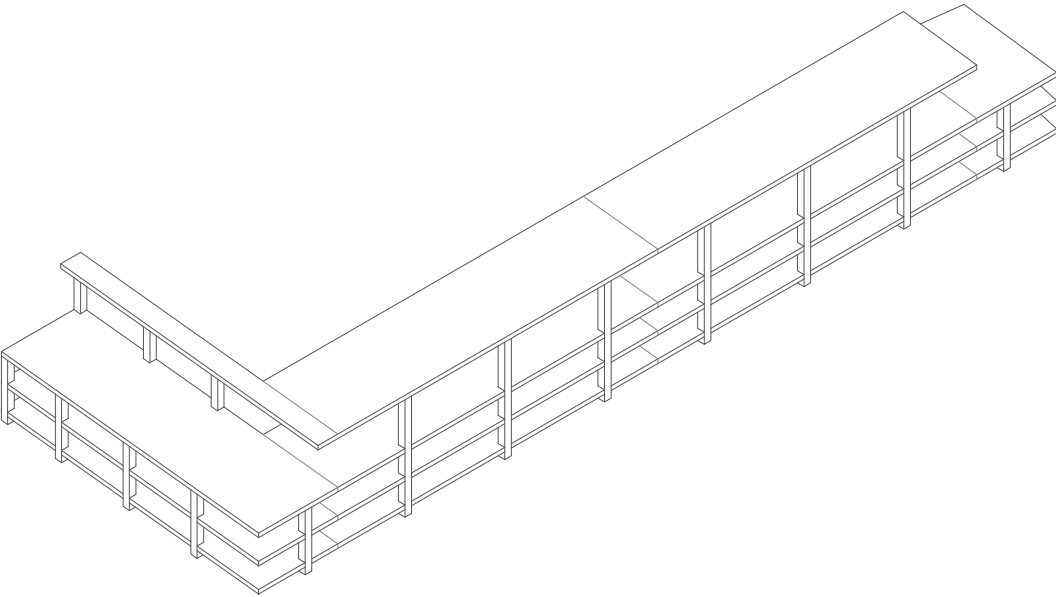


FIG. 86 AXONOMETRIA DO BALCÃO DE RECEÇÃO

• Sala dos Funcionários

Na proposta existem duas salas para pausa/descanso dos funcionários, ambas no piso térreo e em extremos opostos do edifício A. Uma localiza-se junto à receção na área correspondente à habitação 6 da pré-existência, tem uma área de descanso, instalações sanitárias (masculino e feminino) e cacifos. À exceção da parede dos cacifos todas as outras paredes que delimitam este compartimento são paredes-mestras do edifício existente. A outra sala fica junto à cozinha no espaço que é a eira, é em tudo semelhante à primeira mas conta ainda com uma área de duche.

• Arrumos

A área para arrumos localiza-se numa pequena sala consequente da preservação das paredes-mestras da pré-existência. No seu interior preveem-se armários e prateleiras. Existe ainda um outro compartimento destinado a arrumação para apoio a uma sala de atividades.

• Lavandaria

À lavandaria atribuíram-se quatro espaços distintos ligados segundo uma lógica funcional. Uma primeira área corresponde a uma zona para carrinhos, onde chega a roupa, uma segunda à lavandaria (zona das máquinas), uma outra, a uma zona de estendal e uma última, para tratamento de roupas lavadas. Novamente a divisão dos espaços é consequência de se manterem as paredes-mestras da pré-existência, adaptando-se o programa à situação existente. A localização deste espaço permite criar uma ligação funcional com o serviço de banhos assistidos, por outras palavras, deduzimos uma relação de conveniência na comunicação da lavandaria com os banhos assistidos, localizados no edifício B, para que a roupa suja resultante dos banhos possa ser diretamente encaminhada para a lavandaria sem que essa ação

obrigue a um grande percurso, dado que os dois espaços se localizam em diferentes edifícios. A solução proposta passa então por localizar próximos os dois espaços, de forma a criar uma passagem pelo exterior, coberta por uma das estruturas “parasitas” que ligam todos os edifícios, ao nível do piso superior.

• Ginásio

Entendemos a importância de os idosos praticarem atividades físicas e como tal incluímos na proposta espaços com condições para que sejam estimulados a nível motor, propondo-se para esse efeito um ginásio, uma piscina e percursos pedonais na área de jardim, no exterior. O ginásio ocupa uma área na parte mais rural da pré-existência e é assim, na proposta que desenvolvemos, um dos espaços interiores que mantêm traços dessa memória do edifício existente. Permanece a abertura para o exterior que propõem-se ter uma porta em vidro para observação do jardim a partir do interior e uma parede (entre o ginásio e a piscina), que nos chegou já em ruína, que representa a ação do tempo sobre o espaço e, como tal, será mantida e reforçada por uma parede em betão onde ficará parcialmente embebida. O espaço do ginásio tem pé-direito duplo, é delimitado por três paredes existentes e fechado por uma cortina que permite diferentes graus de privacidade e uma diversificada leitura do espaço do centro. Assim e visto termos verificado junto dos utentes dos centros visitados que, frequentemente, estes não realizam aulas de atividades físicas por estas decorrerem em espaços exteriores ou em salas de estar polivalentes, sentindo-se inibidos pela exposição a que são sujeitos, projetamos o espaço do ginásio de forma a permitir uma maior privacidade das atividades lá decorridas e, em simultâneo, de forma a permitir que o espaço tenha uma leitura de continuidade e inserção na zona ampla central do edifício, que esperamos ajudar a melhor entender a organização e orientação dos espaços interiores. Este espaço está equipado com três espaldares tipo Artimex Sport, duas passadeiras, uma bicicleta estática e uma tabela de basquete suspensa.

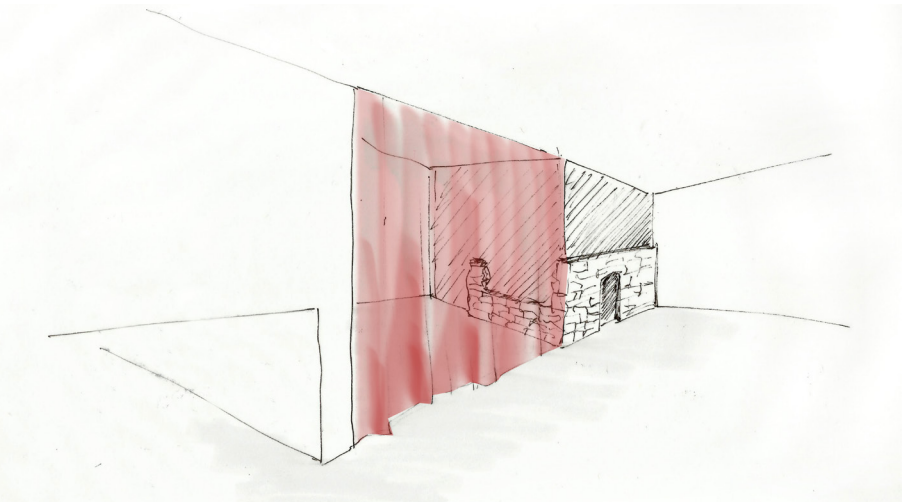


FIG. 87 ESBOÇO DO GINÁSIO



FIG. 88 CORTE ILUSTRADO

· Piscina e Balneários

No extremo sul aproveitando os limites excêntricos do edifício insere-se uma piscina, um espaço com cerca de 27m² que servirá essencialmente para exercícios de hidroterapia. O acesso à piscina faz-se exclusivamente pelos balneários que se organizam ao longo de um corredor distributivo que separa vestiários e balneários femininos e masculinos. Cada balneário assegura todas as condições de acessibilidade necessárias, incluindo em cada um, uma instalação sanitária com chuveiro para pessoas com mobilidade reduzida. Do interior do balneário o acesso à piscina obriga à passagem por uma zona de duche, reentrante no volume da parede, que conduz à área de pé-direito duplo do tanque da piscina. Esta área beneficia de luz natural proveniente de uma claraboia na cobertura.

· Sala de Atividades

Fazem parte integrante da proposta várias salas de atividades, cuja maioria estão projetadas para atividades específicas com a exceção de duas no piso térreo. Estas últimas localizam-se do lado norte ladeando a entrada “nobre” (do arco), situado contudo, na zona mais rural da pré-existência. A de menor dimensão, aproximadamente 31m², é uma sala de pé-direito simples para diversas atividades de trabalhos manuais. Está equipada com uma mesa capacitada para várias pessoas, possibilitando trabalhos em grupo, um forno mufla⁵, uma bancada com lavatório e uma sala de arrumos anexa. Esta sala herda do edifício existente uma fachada com uma pequena abertura retangular para ventilação mas que muito pouca iluminação oferece. Para colmatar a falta de luz no interior da divisão optou-se por desenhar uma janela de sacada no interior, numa das paredes de compartimentação, virada para o pátio central.

Na outra sala de atividades de maiores dimensões (62m²) mantêm-se todas as paredes em alvenaria de pedra expostas, os vãos e o pé-direito duplo da pré-existência. Para esta divisão optou-se por equipamentos que permitam a confeção de alimentos podendo, neste espaço, serem dadas aulas ou workshops de culinária ou doçaria. Esta sala é atravessada, ao nível do piso superior, por um passadiço (ponte) que permite que as atividades ou aulas a decorrer em baixo possam ser observadas de cima.

5. Mufla – Câmara metálica com revestimento interno refratário capaz de atingir altas temperaturas, com valores que variam entre os 200°C a 1400°C. São usadas em laboratórios químicos ou para cozimento de peças cerâmicas.

· Cozinha e Armazém

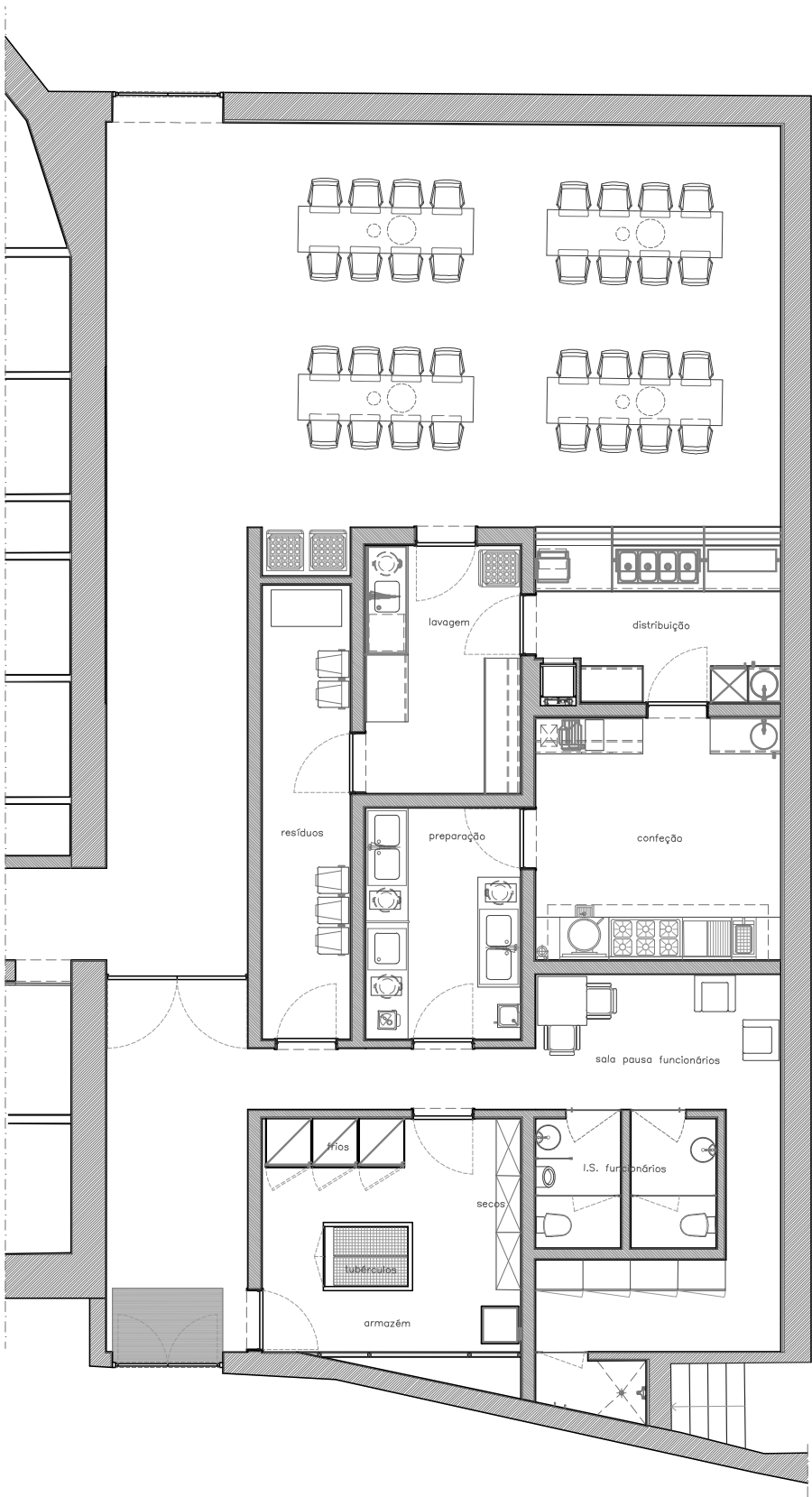


FIG. 89 PLANTA DA COZINHA E ARMAZÉM À ESCALA 1:100

A cozinha estabeleceu-se numa zona que facultasse o acesso á rua para que pudessem ser processados os abastecimentos e evacuação de resíduos. Optou-se pelo aproveitamento da eira, com uma adaptação estrutural daquela área. Da cozinha fazem parte uma zona de preparação de alimentos, de onde estes seguem para uma zona de confeção e depois para a distribuição das refeições. Esta terceira zona comunica com o refeitório e uma zona de lavagem que por sua vez tem também ligação ao refeitório e a uma área onde são depositados os lixos. Anexa à área de preparação fica a zona de armazenamento de mantimentos com três secções distintas: frios, secos e tubérculos em zona fechada para a não contaminação de toda a área de armazém em caso de apodrecimentos ou ataques de insetos. Os acessos permitem que os alimentos entrem por uma nova porta que se abre para o exterior e que sejam rapidamente levados para o compartimento de armazenamento. Desta forma dificulta-se o contacto, passível de contaminação, da entrada de alimento para o interior e descarga de resíduos para o exterior. O acesso à zona da cozinha é ainda filtrado pelo interior por uma porta de uso exclusivo a funcionários. Dentro desta zona restrita está ainda uma sala para pausa de funcionários, já descrita.

· Refeitório

A área de refeições com cerca de 57m² tem ligação direta com o serviço de distribuição da cozinha e passagem para a zona de lavagem. A distribuição dos equipamentos permite que se cumpra um circuito desde o momento de chegada, com a localização dos tabuleiros num extremo da linha da parede e o balcão de distribuição das refeições no outro extremo, libertando o restante espaço para a disposição de quatro mesas para oito pessoas cada. O espaço tem ainda vista e saída para o jardim exterior e recebe luz natural proveniente de claraboias no teto.

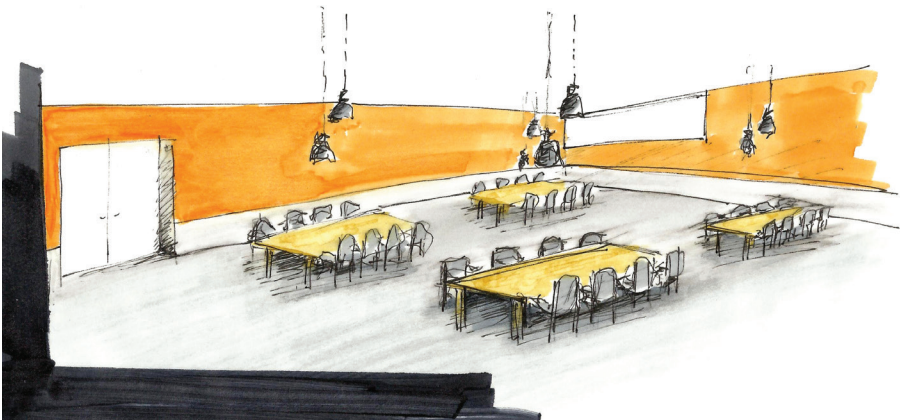


FIG. 90 ESBOÇO DO REFEITÓRIO

· Instalações Sanitárias

Para uso dos utentes existem na proposta quatro instalações sanitárias independentes, adequadas a mobilidade condicionada, uma instalação sanitária com banho assistido, uma de apoio ao quarto de alojamento temporário, mais quatro nos balneários,

sendo que duas destas também estão adaptadas a pessoas com mobilidade reduzida. Todos estes espaços cumprem as áreas mínimas definidas por lei para livre circulação de pessoas com limitações motoras. Estes espaços asseguram diferentes abordagens na transição do utilizador de cadeira de rodas para a sanitária, sejam elas lateral, frontal ou oblíqua, através de variações no posicionamento de barras de apoio com altura fixa de 1m. Os lavatórios suspensos são mantidos a 0,80m do piso, todas as sanitárias cumprem uma altura máxima de 0,46m e é assegurada uma “área de giro” de 1,50m de diâmetro para livre circulação e acesso a todas as peças da instalação sanitária. Existem ainda quatro instalações sanitárias para uso exclusivo de funcionários.

· Escadas e Elevador

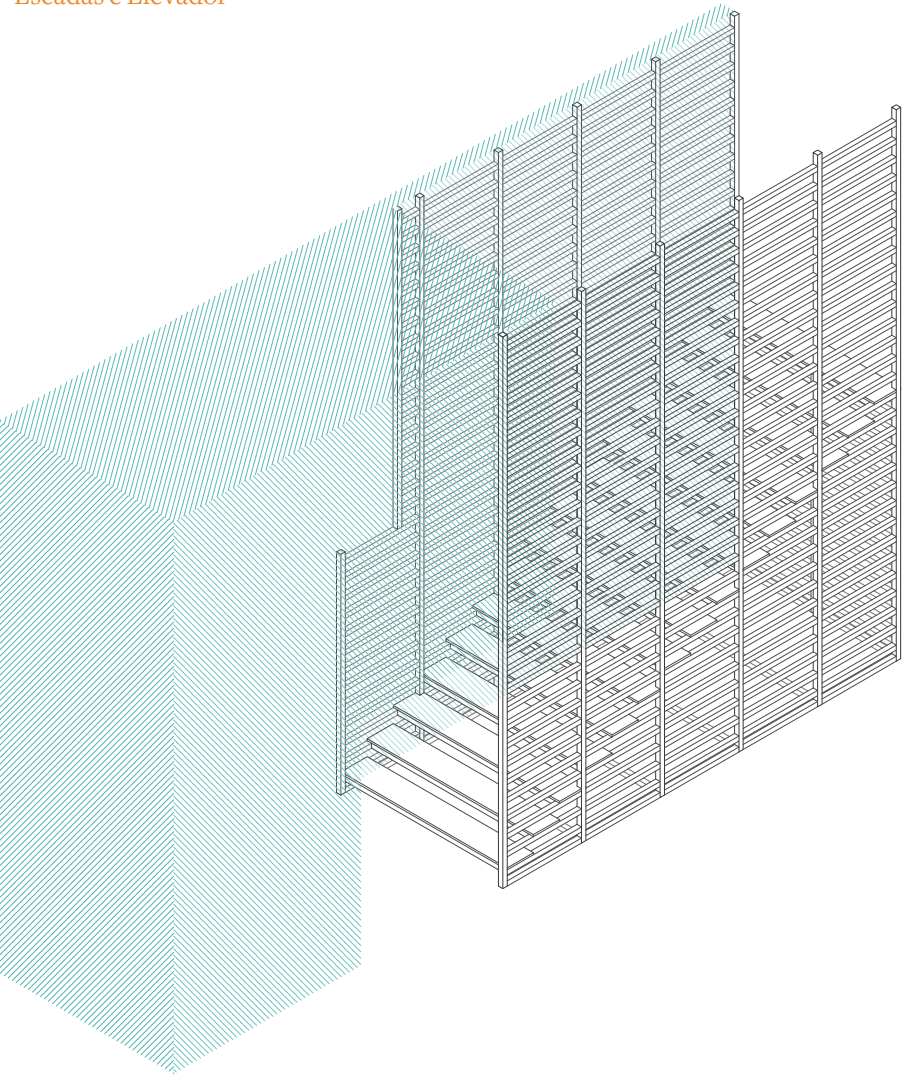


FIG. 91 AXONOMETRIA DA ESCADA INTERIOR DO EDIFÍCIO A

Na proposta de intervenção mantêm-se as escadas exteriores do edifício, uma para acesso à área administrativa, outra para o pátio no exterior (eira), enquanto o acesso ao piso superior pelo interior é assegurado por um elevador como o meio mais

acessível e por uma escada em madeira. Esta escada é uma estrutura independente com 5m de altura (pé-direito do edifício) que preenche um vazio na laje do piso superior, apoiando-se lateralmente numa parede de betão. A sua estrutura é composta por duas fileiras de barrote distanciadados 0,85m entre si, ligados por um ripado horizontal. As duas fileiras distam em si 1,80m (largura da escada) e são unidas por um tabuado apoiado no ripado lateral, desenhado para que os degraus tenham aproximadamente 0,17m de altura. A estrutura da escada é reforçada na base por cinco barrote que unem as duas fileiras. A estrutura adapta-se aos corpos do elevador e de uma instalação sanitária do piso superior e o seu efeito ritmado é repetido exteriormente nestes corpos, de forma decorativa, para assim se manter uma estética unificadora entre os três elementos – elevador, escada e instalação sanitária.

• Pátio e Corredor de Distribuição

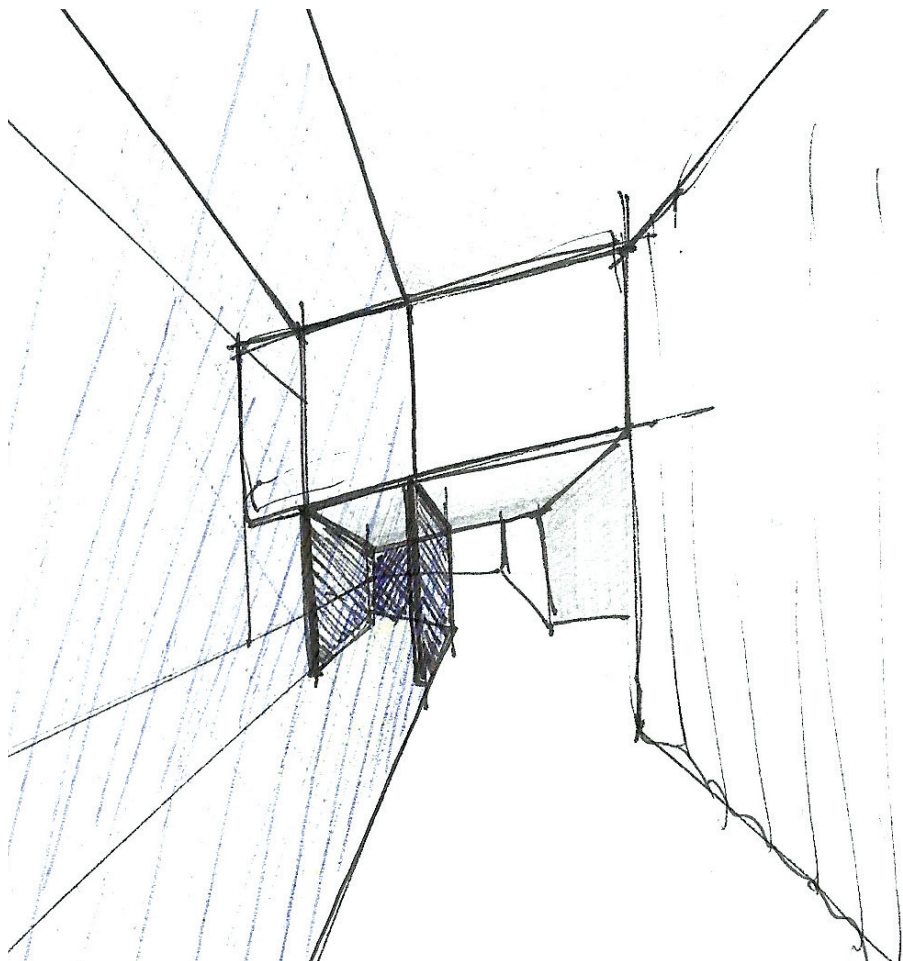


FIG. 92 ESQUISSO DA ENTRADA, PÁTIO E CORREDOR DE DISTRIBUIÇÃO

O edifício existente tem ao centro um pátio em torno do qual se distribuem vários compartimentos. Optámos por manter esta organização circular, tornando

a proposta mais eficiente em matérias de iluminação e ventilação. Enquanto na pré-existência o pátio central é um espaço amplo delimitado pelas divisões à volta, que implica a obrigatoriedade da passagem pelo exterior quando se pretende aceder a um desses espaços, na proposta tratamos o pátio central como um espaço exterior encerrado para o interior do edifício. Assim, a área do pátio tem um perímetro envidraçado na sua grande maioria (de pé-direito duplo) com exceção de uma parede de pé-direito simples em betão para suporte da laje do piso superior, dando origem a uma pequena área coberta. Este espaço exterior com pavimento em deck tem uma árvore de fruto (laranjeira) que esperamos poder ter o mesmo efeito conseguido no Centro de Dia de Vialonga do arquiteto Miguel Arruda (ver subcapítulo 2.4.1.), solução de referencia para o pátio proposto. Conseguiu-se pelo desenho trapezoidal do pátio criar um corredor circundante no interior do edifício, correspondente a uma área de distribuição ampla, com uma grande permeabilidade visual que idealmente facilitará a orientação dos idosos pelo espaço. Esta área permite o acesso a todas as dependências do piso térreo do edifício A, ao exterior para a rua Manuel Francisco de Araújo e ao jardim. Pra além do pátio, esta área tem ainda uma considerável claraboia em forma de trapézio, cuja iluminação penetra até ao nível do piso térreo.

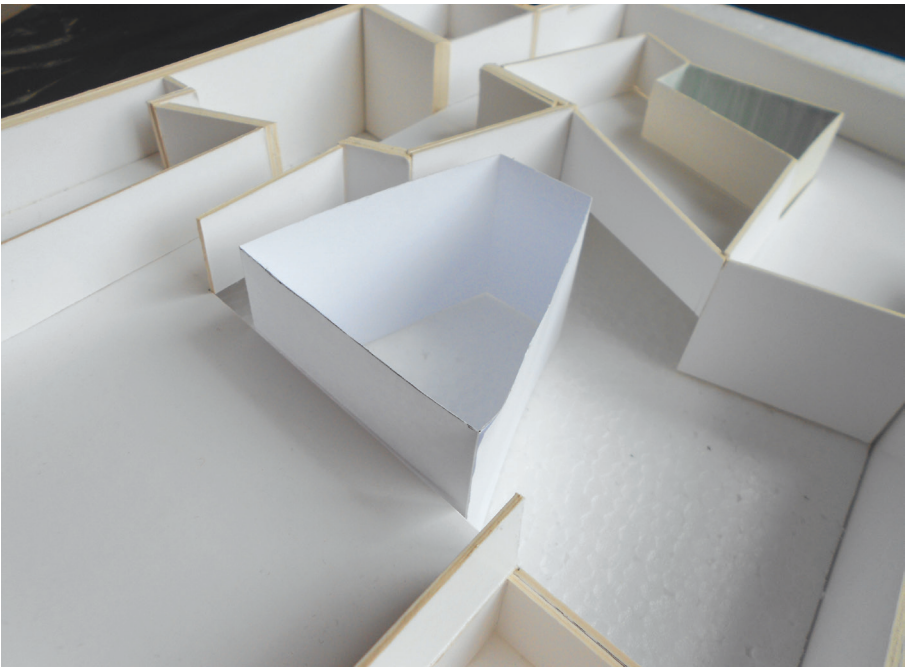


FIG. 93 ESTUDO DO PÁTIO CENTRAL ATRAVÉS DE MAQUETA

No piso superior a situação é semelhante, existindo uma área ampla em torno do pátio, com guardas que permitem a observação do mesmo e de áreas do andar inferior. As guardas são estruturas de contraplacado com uma moldura metálica e revestidas a azulejo, formando um padrão gráfico (figura xx) com o aproveitamento

de alguma da azulejaria do edificado existente, complementada com alguns novos elementos. Esta solução teve inspiração no projeto Casa Collage dos arquitetos Bosch.Capdeferro, onde são utilizados revestimentos em azulejo que formam diversos padrões.

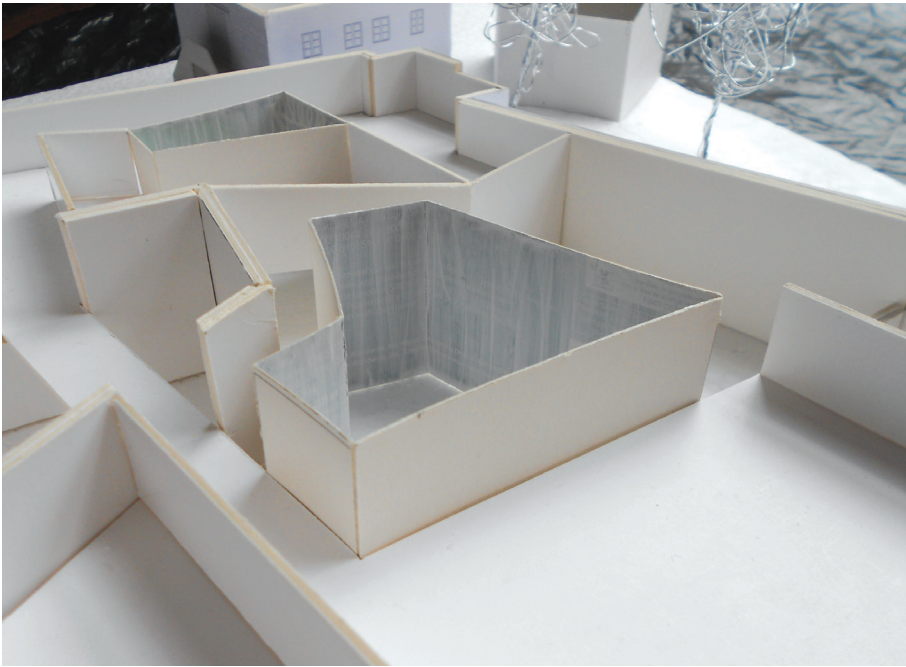


FIG. 94 ESTUDO DO PÁTIO CENTRAL ATRAVÉS DE MAQUETA



FIG. 95A E 95B CASA COLLAGE | ESPANHA, BOSCH.CAPDEFERRO

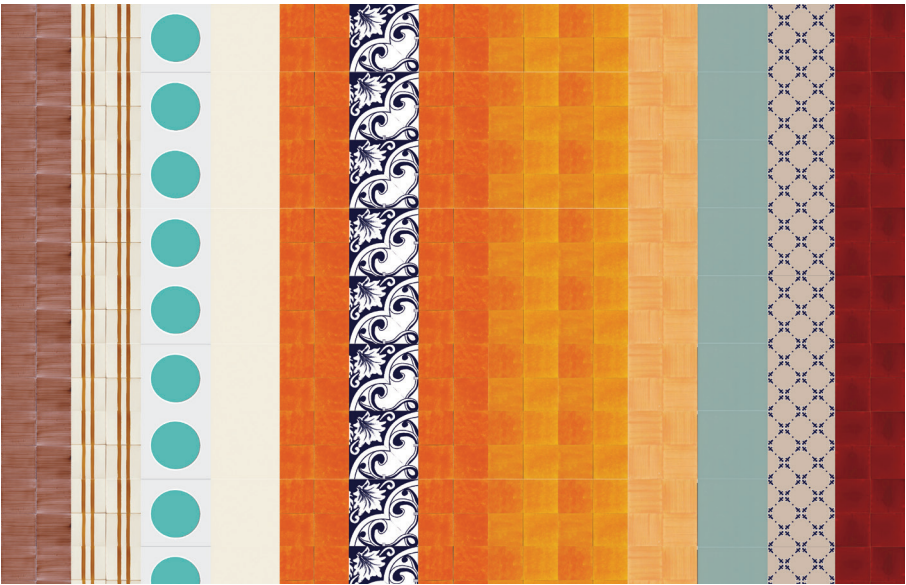


FIG. 96 PROPOSTA DE DESENHO DOS AZULEJOS PARA AS GUARDAS

· Sala de Estar e Pátio Exterior

A área comum do piso superior é aproveitada como sala de estar, junto à escada e ao elevador e como zona de informática em open space, junto à claraboia (que tem no andar superior uma zona fechada com vidro). Tal com no piso de baixo esta área dá acesso a todas as divisões do piso superior, inclusive conduz aos passadiços que ligam os três edifícios e à área exterior (eira). A exceção está no acesso aos serviços administrativos que apenas pode ser feito pela receção.



FIG. 97 ESQUISSO DA SALA DE ESTAR

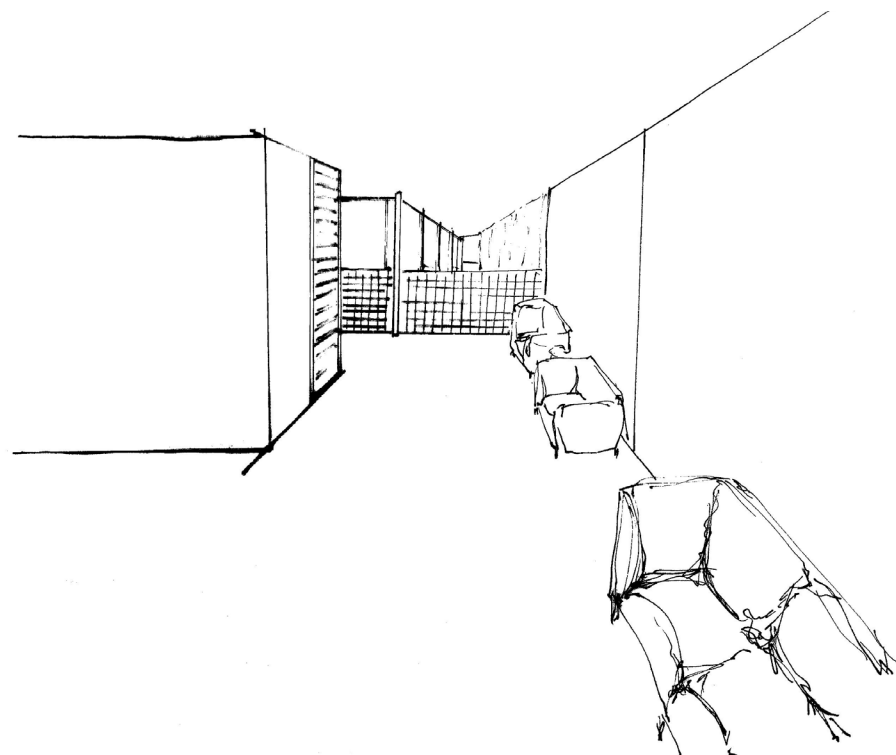


FIG. 98 ESQUISSO DA SALA DE ESTAR

Para a sala de estar optou-se por criar três zonas distintas de descanso/convívio definidas pela disposição agrupada do mobiliário. Desta forma os utentes reunir-se-ão em grupos mais pequenos, mais próximos uns dos outros, o que acreditamos poder facilitar a comunicação entre eles, muitas vezes condicionada por complicações auditivas. Todos os assentos têm apoio de braço e mantêm uma altura adequada. Nesta área são mantidas as portas para o exterior, onde se criou uma zona de refeições ao ar livre para ser usada em dias de sol. Assim, nesta área, incluiu-se um passa-pratos com ligação à zona de distribuição da cozinha, incorporado numa bancada de apoio, para que as refeições possam ser elevadas e consumidas no exterior em mesas e cadeiras protegidas da exposição solar. Esta zona tem ainda uma área ajardinada e o seu acesso pode ser feito pelo jardim, através de escadas ou de uma rampa que prevê a inclusão de uma árvore já existente, na sua estrutura.

· Informática

A zona de informática tem ao dispor dos utentesw oito computadores distribuídos ao longo de um amplo espaço que é de passagem entre zonas. Esta opção pretende despertar o interesse dos idosos em utilizarem os computadores, já que assim podem facilmente observar outros utentes enquanto percorrem o espaço. A área é iluminada por vãos exteriores pré-existentes mas sobretudo pela claraboia já mencionada. Para ligar esta área de informática open space à zona da sala de estar desenhou-se uma “ponte” que atravessa uma das salas de atividades

do piso inferior, permitindo ver para o seu interior pela colocação de guardas revestidas a azulejo.

· Sala de Jogos

A sala de jogos localizada na área dos anexos do edifício existente está equipada com uma mesa de bilhar, duas mesas para quatro pessoas cada, para serem usadas para jogos de cartas ou tabuleiro, e arrumação para jogos. São mantidos neste compartimento todos os vãos exteriores já existentes, procedendo-se contudo, à substituição das caixilharias, como acontece em todo o restante edifício.

· Cabeleireiro

Na proposta contempla-se a existência dos serviços de cabeleireiro e manicura/pédicure numa pequena sala sobre a entrada (arco). Compõe este espaço uma bancada, cadeiras giratórias de cabeleireiro, equipamento de cabeleireiro portátil (lavatório, secador e arrumação), armários embutidos para arrumação, aproveitando dois nichos já existentes e, numa zona mais reservada, uma área para manicura.

· Sala de Música

Desenhou-se a sala de música (piso superior) como um espaço destinado à prática de música e exercícios sonoros ou canto. Compõe esta sala um armário para arrumação de instrumentos musicais menores, um piano, guitarras e equipamentos de som. Por se tratar de um espaço onde é produzido um maior volume do ruído, o isolamento acústico desta sala foi reforçado com manta tipo VISCOUSTIC ISO-BLANKET PRO de 10mm, com feltro adesivo para melhorar o rendimento acústico. No interior colocou-se placas (60×60cm) de espuma acústica lisa com acabamento em madeira tipo VISCOUSTIC FLEXI WOOD, para controlar a acústica do espaço, reduzir o tempo de reverberação e tornar o som mais seco.

· Pintura e Desenho

Nos centros de dia visitados as atividades manuais decorriam numa única sala com equipamentos a serem improvisados consoante a atividade a decorrer, ou seja, tanto eram usados para trabalhos com papel, com tecidos, com cerâmicas ou pastas moldáveis, para desenho, para pintura, entre outros. Assim optou-se por separar estas atividades em espaços diferentes para que todas possam estar sempre disponíveis, com um espaço adequado e material e equipamentos próprios. Isto permitiu-nos ponderar as ações realizadas em cada atividade e pensar o espaço de acordo com a sua função específica e potencializar a experiencia do utilizador.

Dito isto, o espaço destinado a desenho e pintura foi projetado de forma a receber luz natural proveniente da claraboia mencionada anteriormente e o seu posicionamento assegurou evitar a incidência direta da luz solar da tarde, mais intensa, mais amarela

e menos indicada para desenvolver estas atividades visuais. Os equipamentos permitem que os utentes possam desenhar/pintar em mesa para que assim as atividades possam ser desenvolvidas em grupo. Criou-se ainda uma bancada para arrumação de material e exposição de trabalhos, que incorpora dois lavatórios. Sendo esta a atividade privilegiada nos centros de dia visitados, optou-se por manter este espaço aberto, numa área comum que é de passagem onde existe, paralelamente, aceso a computadores, para que os utentes se sintam incentivados a usa-lo livremente.

· Considerações Finais Edifício A

As opções construtivas relativas ao edifício A embora diversas pela variedade funcional e programática dos espaços interiores têm alguns pontos transversais a todo o edifício, sendo eles:

A reformulação da laje de pavimento do piso superior como uma laje colaborante com camada fina de betão armado sobre chapas de cofragem de aço galvanizado, apoiada em vigamento metálico (Appleton, 2011). Para reforço desta estrutura em zona de vãos de maior dimensão optou-se por colocar pilares metálicos cilíndricos, sobretudo junto das caixilharias do pátio central e perímetro da claraboia maior. O revestimento dos pavimentos de ambos os pisos constituem-se por pavimento contínuo liso (10mm), multicamada de argamassa hidráulica polimérica, com acabamento em camada de resina impermeabilizante na cor cinza claro. Todos os pavimentos interiores têm ainda um sistema de calefação embutido para maior conforto térmico.

A proposta de uma cobertura com um sistema semelhante ao usado para a construção do novo corpo da receção mas mantendo o desenho de águas inclinadas do telhado pré-existente. Assim optou-se por uma estrutura leve assente em vigas metálicas, composta por uma malha de perfis tubulares revestidos a contraplacado marítimo com isolamento térmico lã de rocha pelo interior e gesso cartonado perfurado como revestimento de teto. Pelo exterior preferiu-se um revestimento em chapas de cobre tipo TUCU®CLASSIC da KME, um material com uma aparência brilhante durante um curto espaço de tempo que vai alterando o seu aspeto de forma imprevisível com a ação do tempo, utilizado, por exemplo, na torre Lisbon Harbor, em Belém, do arquiteto Gonçalo Byrne.

Optou-se por substituir todas as caixilharias pré-existentes por novas mais eficientes. Assim as caixilharias escolhidas são em madeira de pinho austríaco tipo GAULHOFER da OGIVA com vidro duplo, perfis verde-água, vulgo “pingadeiras” do arco e da folha em perfis de alumínio lacados e em movimentos de aberturas de folha em batente, basculante, oscilo-batente e fixo nas janelas e batente nas portas.

EDIFÍCIO B

· Gabinete Médico

A sala destinada ao gabinete médico foi estrategicamente localizada junto da entrada de viaturas e parque de estacionamento para, no caso de uma emergência médica, o doente poder ser rapidamente conduzido a uma ambulância. Dada a sua dimensão e o contexto em onde se insere, este gabinete é apenas um espaço para prestação de serviços de enfermagem menores ou para consultas de rotina ou aconselhamento médico, estando equipado com uma marquesa numa área resguardada por uma cortina de separação, uma secretária de trabalho para atendimento, armários para arrumação e armazenamento de instrumentos médicos e medicamentos e um lavatório.

· Sala de Fisioterapia

A sala de fisioterapia proposta tem alguns dos equipamentos usados para tratamentos físicos que poderão ser complementados com os equipamentos do ginásio ou a piscina. Na sala dispôs-se uma marquesa para massagens, barras auxiliares de exercícios e bolas de ioga.

· Alojamento Temporário

Segundo o Guião Técnico do Centro de Dia um centro tem de ter pelo menos um quarto para alojamento temporário, para situações de exceção em que um utente necessite de ficar acamado ou mesmo de pernoitar no centro. O quarto proposto obedece ao dimensionamento mínimo exigido por lei, assegurando a acessibilidade do espaço. É complementado com uma instalação sanitária privativa.

· Banhos Assistidos

Os banhos assistidos permitem a manutenção da higiene, por parte de técnicos ou cuidadores especializados, a idosos incapacitados de o fazerem sozinhos. Assegurou-se nesta divisão o espaço necessário ao seu correto funcionamento bem como os materiais mais adequados, com pavimento e rodapé em resina, lambril em vinil e revestimento cerâmico nas paredes. Como já referido anteriormente, criou-se neste espaço uma porta para o exterior, de ligação direta com a lavandaria, a ser usada apenas pelos funcionários, para câmbios de roupas sujas e lavadas para os banhos.

· Auditório / Sala de Cinema

Pretende-se que este seja um espaço destinado a ser usado como sala para projeção de vídeo ou como sala de conferências, workshops, apresentação de trabalhos ou mesmo como sala de reuniões. O auditório localiza-se no piso superior do edifício B, tem trinta e oito lugares sentados e lugar para duas cadeiras de rodas. Sendo este piso a parte de ligação entre os edifícios A e C desenhou-se um percurso que permite a circulação entre os edifícios, sem que daí resultassem perturbações ao

funcionamento do auditório. A solução adotada permitiu manter o acesso exterior existente (escada), especulando-se a sua utilidade em situações de reuniões ou conferências, em que os participantes ao chegarem pela porta principal (receção) ou pelo parque de estacionamento se encaminhem para o auditório sem ter de passar pelo interior do edifício A.

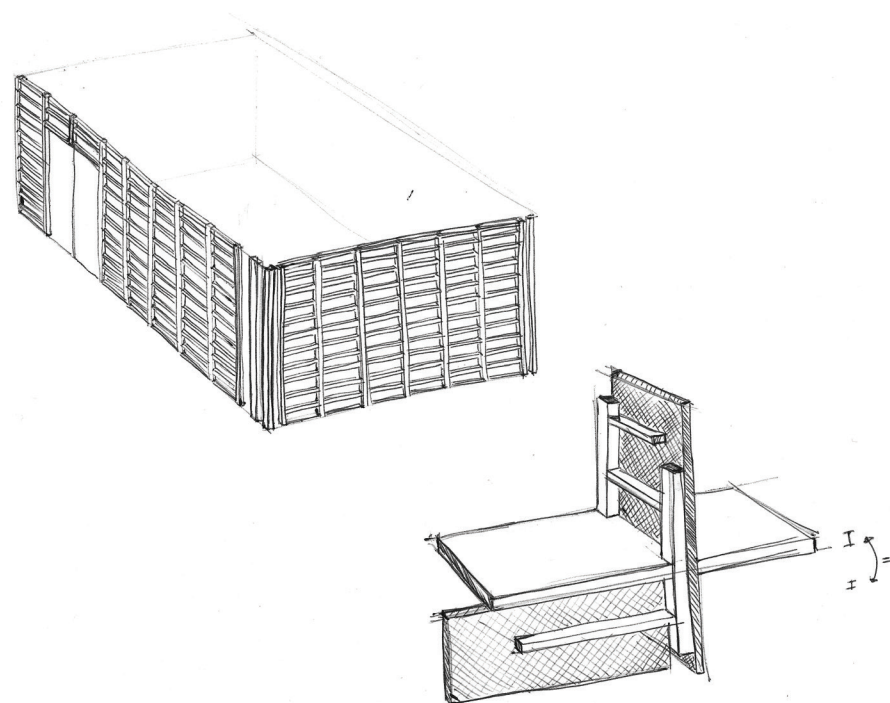


FIG. 99 ESTUDO DA ESTRUTURA DO AUDITÓRIO

Assim o espaço do auditório definiu-se numa caixa de planta retangular encerrada dentro do volume do piso superior. Esta estrutura compõe-se num ripado semelhante a outras estruturas presentes na proposta, como a escada interior do edifício A, o balcão de receção, o revestimento exterior das instalações sanitárias soltas, a biblioteca e a rampa exterior de acesso ao pátio exterior, para assim, manter uma unidade formal e estética, transversal aos três edifícios. A caixa é desta forma composta por barrotes unidos por um ripado horizontal, apoiados por um revestimento em contraplacado pintado a cinza escuro pelo interior, sobre o tabuado do piso do edifício. Optou-se por isolar o espaço correspondente ao piso e não a caixa. Pelo interior optou-se por placas de espuma acústica, para controlar a acústica do espaço.

A localização da caixa junto a uma das paredes do edifício permitiu-nos criar um corredor em forma de U que liga todos os acessos. Consequentemente, os vãos da parede pré-existente onde se “encosta” a caixa foram fechados, ficando pelo lado

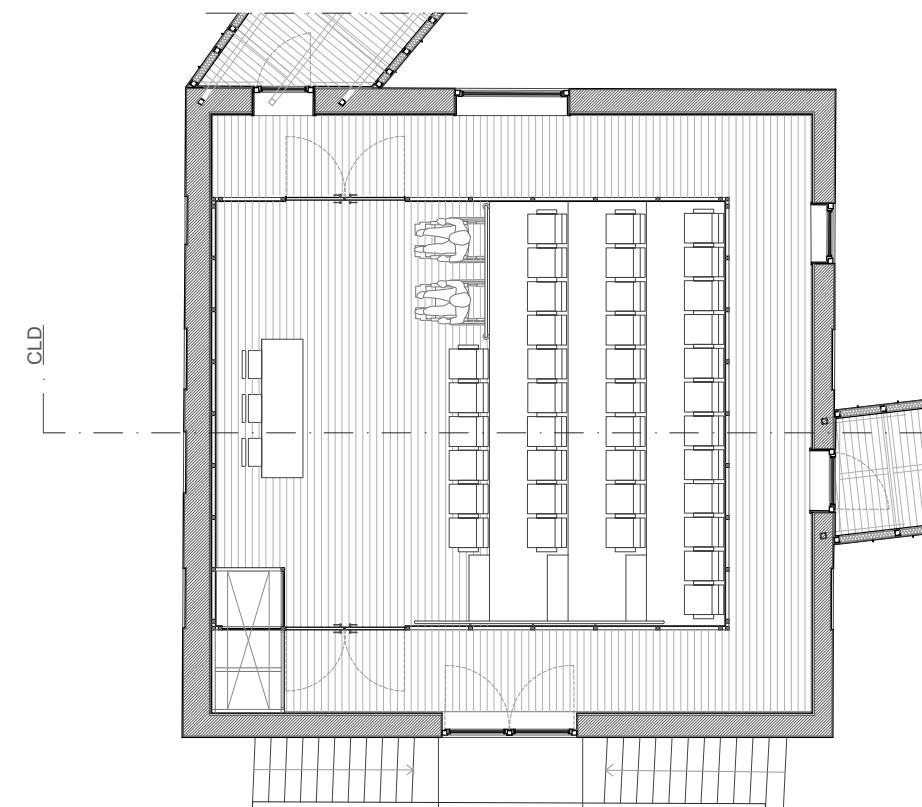


FIG. 100 PLANTA DO AUDITÓRIO

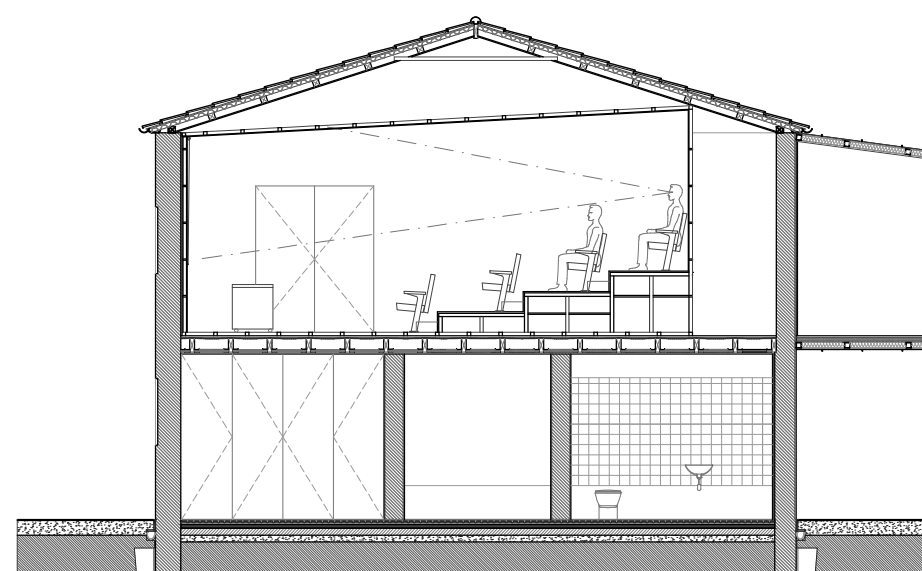


FIG. 101 CORTE DO AUDITÓRIO

exterior um recuo de 3cm no preenchimento do vão. Esta solução foi adotada em quase todos os vão pré-existentes fechados, dos três edifícios. A estrutura da caixa prolonga-se no interior para a construção das elevações dos assentos e no exterior, junto a uma das duas entradas da caixa, para um nicho, para onde se poderá recolher a mesa de conferências, caso não esteja a ser usada. Pelo lado interior da caixa, sobre o vazio reservado à mesa, criaram-se prateleiras de apoio/arrumação do material do auditório, pelo lado exterior, uma pequena bancada para a colocação de máquinas de água e/ou café. No corredor exterior optou-se por deixar visível a estrutura da cobertura do edifício.



FIG. 102 ESQUISSO ILUSTRADO DA ENTRADA DO AUDITÓRIO

• Considerações Finais Edifício B

Relativamente ao edifício B optou-se por manter os sistemas construtivos já existentes. Assim intenciona-se reabilitar a estrutura em madeira do pavimento do piso superior, dotando-a de melhores condições de isolamento acústico e substituindo o pavimento existente por um tabuado. No piso térreo o sistema do pavimento será o mesmo do edifício A.

A cobertura manter-se-á, salvaguardando um eventual reforço ou restauro pontual das estruturas existentes e substituição de telhado. As caixilharias usadas neste edifício são conformes com as usadas nos restantes edifícios.

EDIFÍCIO C

• Biblioteca

Consideramos que seria importante incluir na proposta um espaço onde os idosos pudessem ler, pois novamente verificou-se pelos inquéritos realizados, que muitos mantêm este hábito. A biblioteca seria, também, um local privilegiado para a interação entre os idosos do centro e as crianças da escola primária adjacente e, foi por esse motivo, projetada para o edifício C (mais próximo da escola). Este edifício que conserva apenas as paredes exteriores em pedra e uma cobertura com anomalias proporcionou-nos o desafio de incluir no seu interior uma biblioteca nos dois pisos, para que o percurso que liga os três edifícios, ao nível do piso superior, se pudesse concluir.



FIG. 103 BOOKTOWER | INGLATERRA, RINTALA EGGERTSSON

Desta forma usamos como referencia a Arc Booktower dos arquitetos Rintala Eggertsson para o Victoria & Albert Museum em Londres, uma estrutura em madeira que é em simultâneo uma estante e uma escada, que nos permitiu resolver a problemática da falta de espaço, tratando-se este um edifício com uma área interior reduzida. Com base nesta referência criou-se uma estrutura autoportante que parte de um estrado composto por barrotes de madeira de pinho, dispostos numa malha com um tabuado por cima. Sobre o estrado de forma quadrangular são colocadas vigas verticais no perímetro, unidas por um ripado horizontal onde se apoiam prateleiras. Ao centro surge a “espinha” da estrutura formada por quatro barrotes verticais envoltos num ripado horizontal que se adapta consoante os degraus ou plataformas, que por sua vez, ligam a parte central ao perímetro da estrutura. O ripado e as prateleiras que fazem o perímetro



FIG.104 BOOKTOWER | INGLATERRA, RINTALA EGGERTSSON

CENTRO DE DIA DA PÍCUA. PROJETO DE DESIGN

DE INTERIORES E REABILITAÇÃO DE UM ESPAÇO

PREEXISTENTE PARA A TERCEIRA IDADE.

têm posicionamentos diferentes de acordo com a conveniência de ter as prateleiras viradas para o exterior ou, seguindo a altura dos degraus da escada, para o interior. No patamar do piso superior, aproveitando a estrutura, criou-se um banco para leitura no interior da escada.

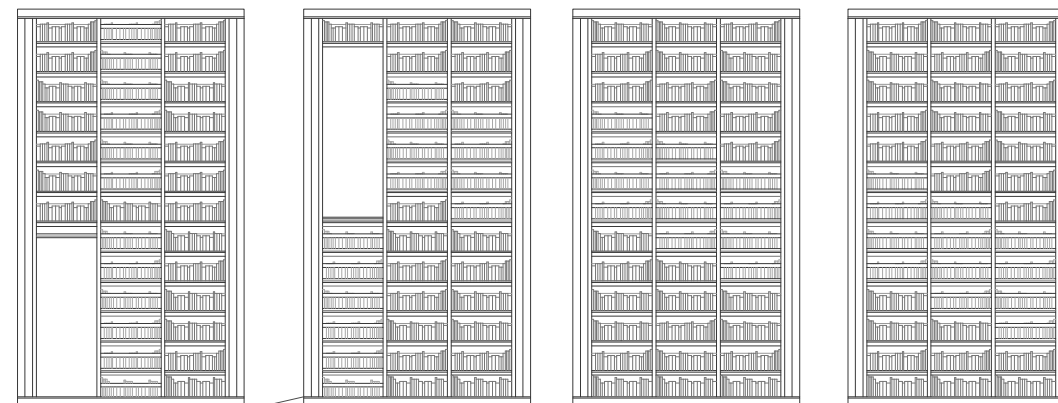


FIG. 105 ALÇADOS DA BIBLIOTECA À ESCALA 1:100

Admitimos que a solução adaptada não é inteiramente inclusiva pois trata-se de uma escada que liga os dois pisos, que não pode ser usada por pessoas com mobilidade reduzida. No entanto o acesso a ambos os pisos é assegurado, pelo interior para o piso superior e pelo exterior para o piso térreo. Foram exploradas outras formas e soluções para este espaço mas as dimensões reduzidas não permitiam o desenho de uma rampa funcional e um elevador traduzir-se-ia num grande volume dentro do edifício.

206 • 207

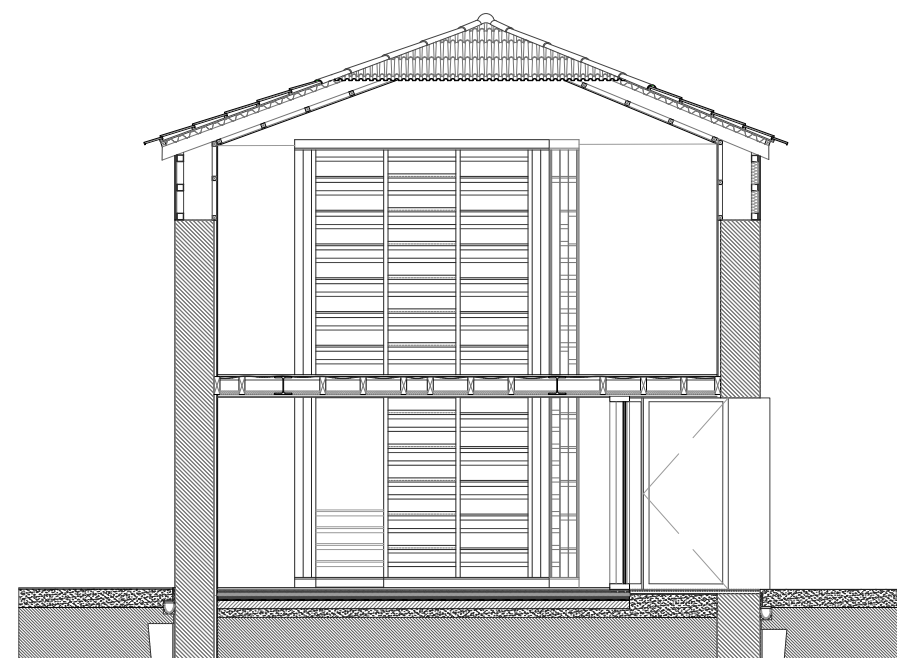


FIG. 106 CORTE EDIFÍCIO C

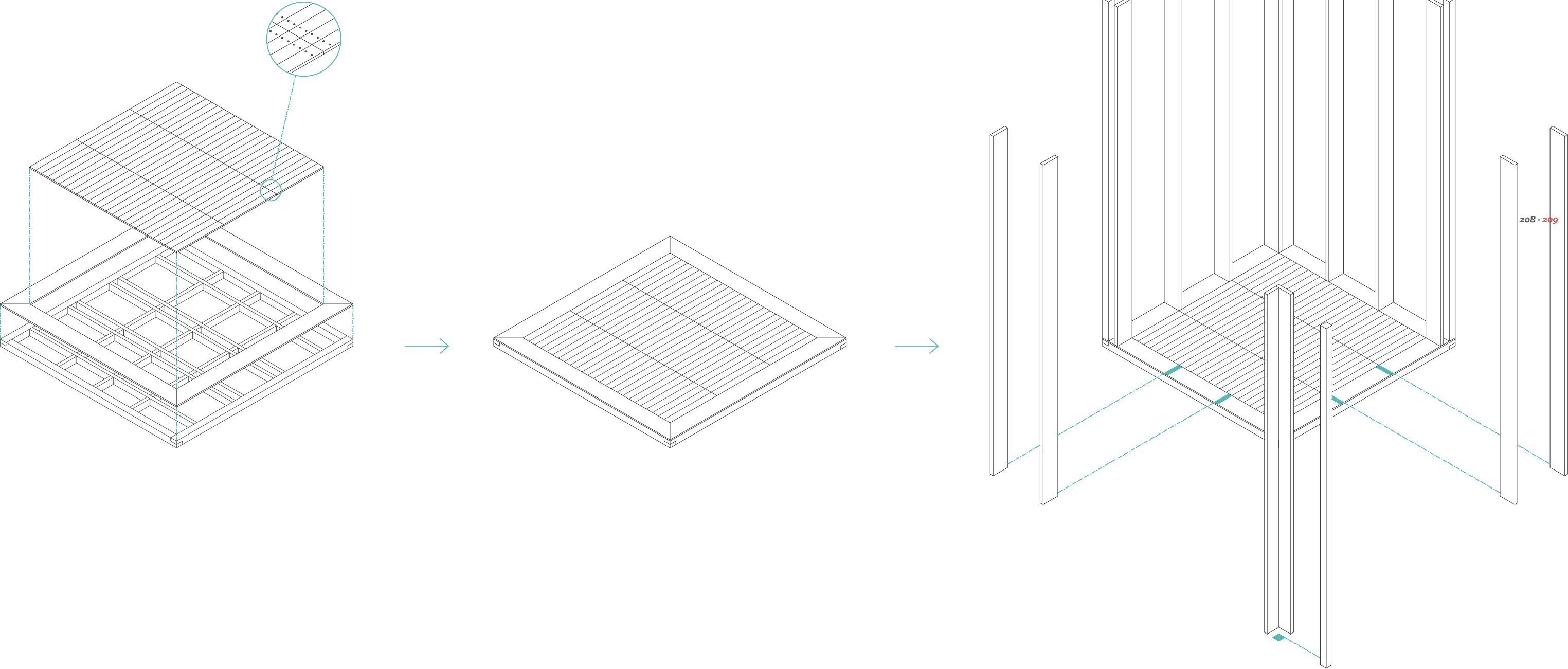


FIG. 107 AXONOMETRIA DA BIBLIOTECA

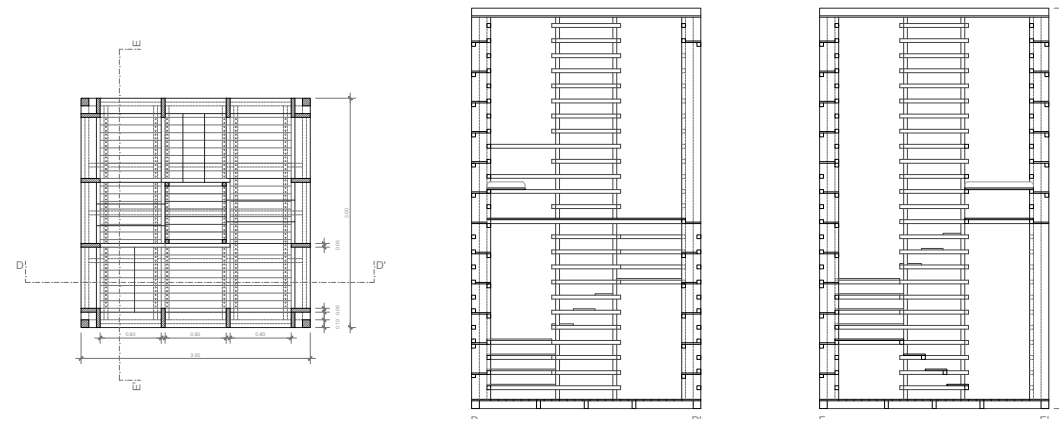


FIG. 108 PLANTA E CORTES DA BIBLIOTECA



FIG. 109 MAQUETA FINAL DA BIBLIOTECA



FIG. 110 MAQUETA FINAL DA BIBLIOTECA



FIG. 111 PORMENOR DA MAQUETA FINAL DA BIBLIOTECA



FIG. 112 PORMENOR DA MAQUETA FINAL DA BIBLIOTECA

· Considerações Finais Edifício C

O edifício C recebeu uma nova cobertura mantendo-se o sistema pré-existente de cobertura de três águas, de telha assente em estrutura de madeira. A estrutura do piso é composta por vigas de madeira reforçadas por vigas metálicas ao centro, em volta da escada/estante. O pavimento no piso superior é em soalho enquanto no piso térreo se mantem, tal como nos restantes edifícios, um piso contínuo em resina. Os vãos existentes a norte foram mantidos, recebendo novas caixilharias em madeira. A sul foi alterado o vão existente, com vista para o pátio exterior da escola primária, tornando-o abrangente aos dois pisos do edifício. O vão da entrada mantem-se no mesmo local do já existente mas recuado no volume do edifício de onde foi subtraído, ao nível do piso térreo, uma secção volumétrica. No exterior, junto à entrada foi colocado um tapete antiderrapante com grelha de alumínio tipo MATSÍNC. As caixilharias usadas no edifício C são do mesmo tipo dos restantes edifícios: caixilharias em madeira de pinho austríaco tipo GAULHOFER da OGIVA com vidro duplo, perfis verde-águas, vulgo “pingadeiras” do arco e da folha em perfis de alumínio lacados e em movimentos de aberturas de folha oscilo-batente e fixo nas janelas e batente nas portas.

· Passagens

As passagens ou passadiços aqui assim denominados são os corpos de ligação entre os três edifícios. São estruturas leves que asseguram o princípio de reversibilidade, compostas por perfis tubulares fixados às paredes exteriores, revestidos por contraplacado marítimo e isolamento pelo interior, em paredes, pavimento e cobertura. O revestimento exterior é feito em chapas de cobre tipo TUCU@CLASSIC da KME e o pavimento interior em soalho sobre uma camada de cortiça com 5mm de espessura.



FIG. 113 ESTUDO DOS PASSADIÇO EM MAQUETA

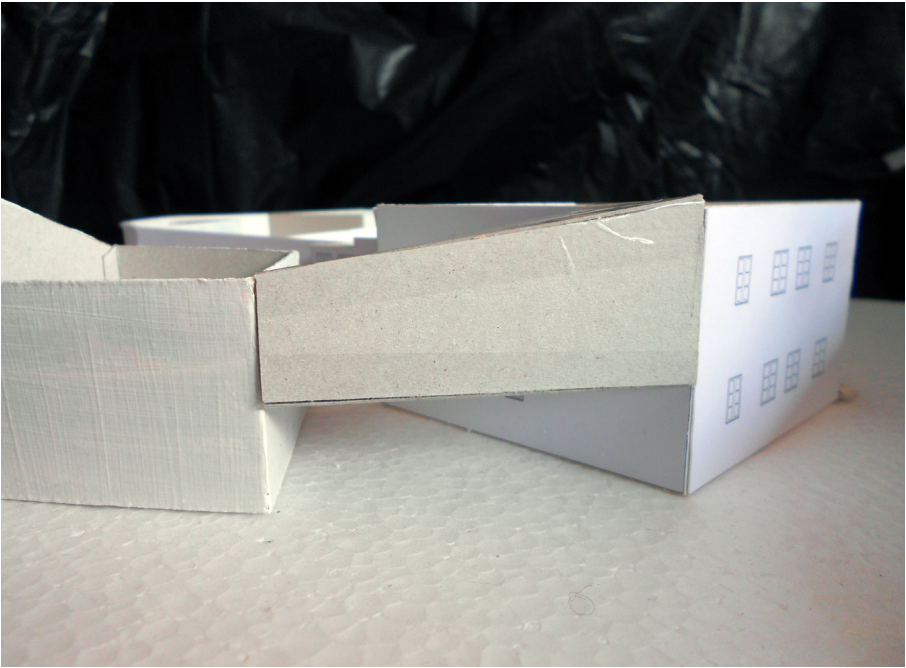
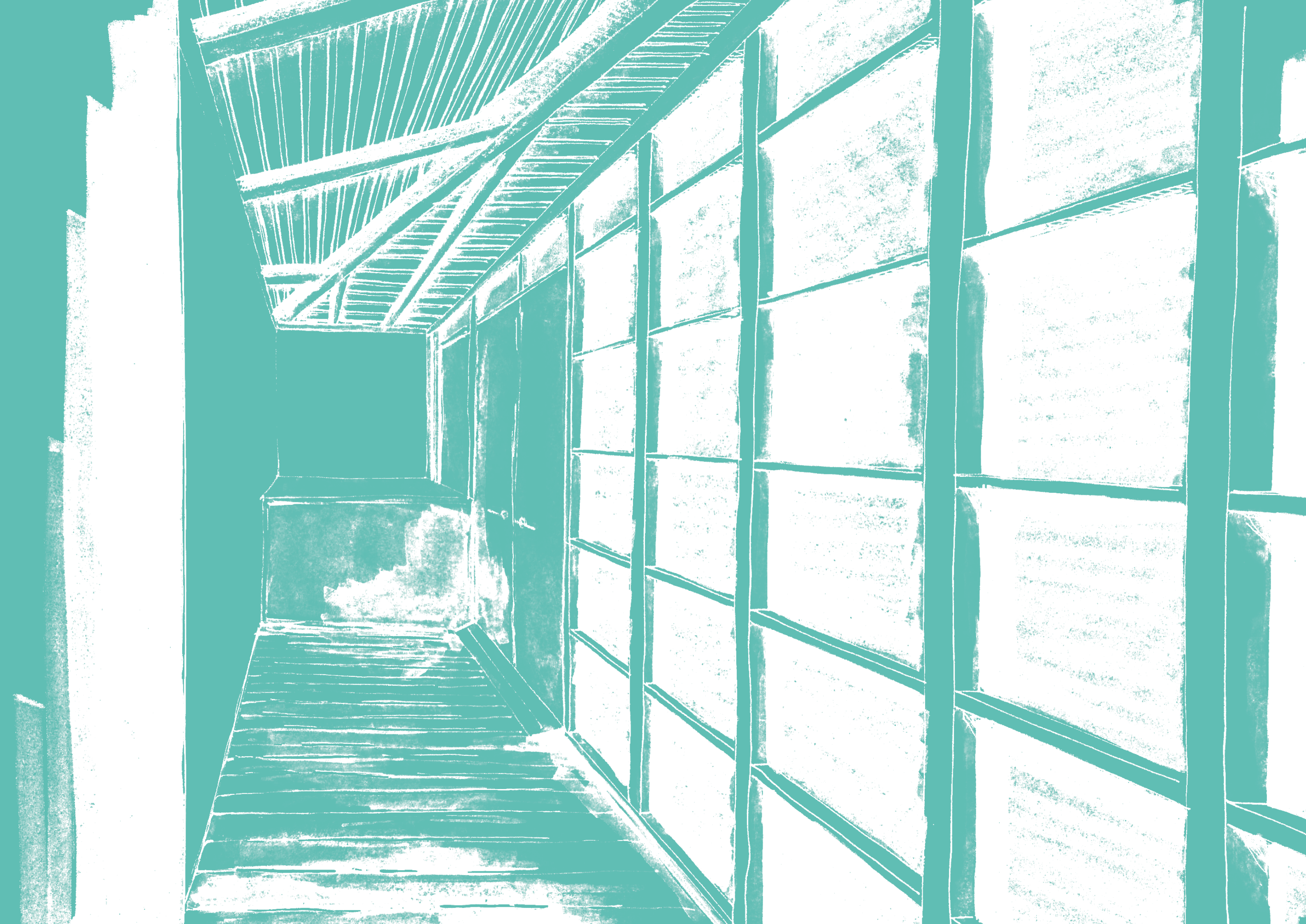


FIG. 114 ESTUDO DOS PASSADIÇO EM MAQUETA





5. *Conclusão*

Na realização desta tarefa de sintetização das principais ideias, estratégias e decisões adotadas ao longo do trabalho destacamos, para o desenvolvimento de uma proposta de projeto com vista a reabilitação de uma pré-existência para um público-alvo da terceira idade, o seguinte:

A importância e pertinência do tema de projetar para um grupo etário emergente e que carece o desenvolvimento de espaços e equipamentos que respeitem as suas características, limitações, mais-valias, vivências e memórias, influenciou a escolha do mesmo e motivou a investigação realizada com o objetivo de dar resposta a esta problemática. Assim, a questão do envelhecimento ativo, aplicado à conceção de um espaço, abrigou-nos a uma reflexão interpretativa de projetos existentes pela falta de estudos teorizados sobre as questões inerentes a projetar para a terceira idade, onde se fez sentir, sobretudo, a carência de exemplos nacionais.

212 • 217

Este trabalho pretende assim, demonstrar a aplicabilidade de algumas normas e orientações para o desenvolvimento do projeto de interiores para a terceira idade que entendemos tornar-se mais completo quando abordado sob uma perspetiva mais abrangente, isto é, englobando não só os interiores mas também um projeto concetual para os jardins exteriores, já que a relação do binómio interior/exterior é, muitas vezes, intrínseca. A intervenção sustem-se ainda no estudo dos princípios gerais de uma reabilitação e na análise construtiva do objeto de estudo, pois só do entendimento do edifício a reabilitar e do desenvolvimento de uma estratégia interventiva, poderá resultar uma proposta de projeto que respeite a arquitetura existente e que a dote de condições de funcionalidade, conforto e segurança, de acordo com o programa pretendido. Todavia salientamos que o objetivo primeiro do projeto proposto foi sempre a organização espacial e funcional do programa e a adequação das soluções criadas à condição da terceira idade e portanto, não foi feita uma abordagem extensiva às questões e soluções construtivas, quer da pré-existência, quer da proposta, mas apenas uma caraterização contextual.

A proposta apresentada não representa, naturalmente, nenhum tipo de solução ideal ou normativa na abordagem construtiva sugerida mas sim o resultado de um estudo aplicado a um caso particular de edifício a reabilitar. Reforçamos a ideia

de que cada situação, englobando o edifício a ser intervencionado e o programa previsto, merecerá uma ponderação detalhada de acordo com a sua própria especificidade e a interpretação criativa do autor.

A reabilitação de edificado antigo constitui uma das áreas de intervenção fundamentais da disciplina de design de interiores, contribuindo para o desenvolvimento sustentável das cidades. Curiosamente, o envelhecimento e o edificado antigo partilham algo em comum – o desejo incessante pelo novo. A sociedade atual atravessa uma época progressista onde prolifera a ideia da valorização do que é novidade e da alimentação do consumo com a vanguarda. Esta ideia é transversal na nossa cultura e estende-se ao campo social, valorizando-se os indivíduos mais novos, os mais ativos e os mais competitivos. Se por um lado a degradação ambiental e a falta de recursos têm despertado consciências para a importância e vantagens de uma prática de reabilitação urbana, porque não podem os estudos e previsões socioculturais sobre o envelhecimento da população e os casos que chegam a conhecimento público, ocorridos com idosos que sofrem com a solidão e a exclusão social, consciencializar para a necessidade de oferecer mais e melhores condições para um envelhecimento digno.

É entre estes dois temas que se situa a contextualização teórica do trabalho. O estudo repartido, ainda que se tenha valorizado um pouco mais o destinatário do projeto, permitiu aplicar de forma fundamentada uma estratégia de intervenção, de onde sobressaem a definição do grau de intervenção, após verificar-se o estado de conservação do edifício, a seleção das estruturas a manter ou reparar ou a eliminar, a correlação entre as exigências programáticas e a adaptabilidade do programa à pré-existência.

Com uma abordagem projetual a partir do interior para o exterior na qual a grande preocupação foi perceber que estruturas manter e quais das estruturas existentes teriam que ser demolidas, o projeto de intervenção passou essencialmente pela conversão da pré-existência conservando-se, ao longo do processo, um esforço no sentido de preservar a identidade e memória do edificado, pela adaptação das condições de funcionalidade e pela melhoria da qualidade, conforto e acessibilidade dos espaços. Manteve-se o “involucro” dos edifícios e todas as paredes estruturais e alguns elementos identitários dos espaços, e prescindiu-se do “recheio”, em concreto, das paredes em tijolo cerâmico e tabique, bastante degradadas, como constatado no estudo de patologias por nós realizado, precisamente para ficar a conhecer a realidade da construção e degradação do edificado. Ressalvamos que foi nossa intenção dotar a proposta de soluções construtivas unificadoras da leitura dos edifícios que se caracterizam, na pré-existência, pela diversidade aleatória de soluções. Nos interiores esta unidade fez-se, em grande medida, pela presença do elemento

autoportante com uma pele interior habitável e uma pele exterior que é o modelo de toda a intervenção. Derivados da estrutura da biblioteca, os elementos presentes em todos os edifícios caracterizados por um ripado em madeira, alternam entre função estrutural ou função decorativa consoante a aplicação. Por vezes é clara a relação entre interior e exterior, outras vezes, apenas se reflete no exterior, assumindo-se como revestimento.

O presente trabalho constituirá um caso de estudo de um projeto concetual de reabilitação, apoiado por uma sugestão construtiva, teoricamente enquadrado nas questões funcionais e integro na procura da desejada adaptabilidade das soluções propostas às pessoas que vão habitar o espaço.

Bibliografia

Abrahão, S. (2008). *Espaço público: do urbano ao político*. São Paulo: Annablume.

Aguiar, J. (1999). *A cidade do futuro já existe hoje. Algumas notas sobre reabilitação urbana*. Retirado em janeiro 4, 2012 de [http://mestrado-reabilitacao.fa.utl.pt / disciplinas/jaguiar/Jaguiaratic.pdf](http://mestrado-reabilitacao.fa.utl.pt/disciplinas/jaguiar/Jaguiaratic.pdf).

Akeroyd, S., Allaway, Z., Caldon, H., Cox, M. & Hendy, J. (2011). *Complete gardener's manual*. Londres: Dorling Kindersley Limited.

Alves, M. (2011). *O design com responsabilidade social*. Retirado em janeiro 27, 2012 de <http://www.webinsider.uol.com.br/2011/11/290-design-com-responsabilidade-social/>.

Appleton, J. (2011). *Reabilitação de edifícios antigos - patologias e tecnologias de intervenção*. Amadora: Orion.

Argvriades, M. (2011). *The nursing home of Aires Mateus Architects through the eyes of Fernando Guerra*. Retirado em agosto, 5, 2013 de <http://www.yatzer.com/The-Nursing-home-of-Aires-Mateus-Architects-through-the-eyes-of-Fernando-Guerra>.

Bachelard, G. (1989). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes Editora.

Biosfera (2010). *Biosfera 280. Da reabilitação à regeneração urbana*. Retirado em janeiro 4, 2012 de http://www.faroldeideias.com/arquivo_farol/index_2.php?programa=Biosfera&id=893.

Bonfim, C. & Saraiva, M. (1996). *Centro de dia. Condições de localização, instalação e funcionamento*. Lisboa: Direcção Geral da Acção Social.

Boschetti, M. A. (1990). *Reflections on Home: implications for housing design for elderly persons*. In Housing and Society. vol. 17, 3. 57-65.

Brandão, P. & Remesar, A. (coord.) (2000). *Espaço público e a interdisciplinaridade*. Lisboa: Centro Português de Design.

Broto, C. (2004). *Rehabilitación: nuevos conceptos*. Barcelona: Carles Broto I Comerma.

Cartens, D. (1993). *Site planning and design for the elderly: issues, guidelines and alternatives*. Nova Iorque: Jonh Wiley & Sons.

Carvalho, C. H. (2008). *Aproveitar as oportunidades da regeneração urbana*. In *Metrópoles*, 24. 3.

Casimiro, F. (2002). *O envelhecimento em Portugal: situação demográfica e socioeconómica recente das pessoas idosas*. In *Revista de Estudos Demográficos*, 32.185-208.

CCE (2006). *The demographic future of europe. From challenge to opportunity*. Bruxelas: Publicações da Comissão Europeia.

CML (2011). *Estratégia de reabilitação urbana de Lisboa – 2011/2024*. Retirado em janeiro 27, 2012 de <http://ulisses.cmlisboa.pt/data/002/004/prospectivos/1/estrategia.pdf>.

Cockhead, P. (s.d.). *Refechamento de juntas nas alvenarias de granito*. Retirado em setembro, 7, 2013 de <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/12/refechamento-de-juntas-nas-alvenarias-de-granito.pdf>.

Coelho, A. B. (2012). *Caracterização arquitectónica dos vãos exteriores: algumas notas*. Retirado em julho, 8, 2013 de http://www.lnec.pt/congressos/eventos/eventos/pdfs/Sessao1_02.pdf.

Collins, H. (2010). *Creative research: the theory and practice of research for the creative industries*. Lausanne: AVA Publishing.

Daré, A. C. (2006, agosto). *A percepção do idoso do meio ambiente doméstico: um processo inclusivo*. 7º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Panamá, Brasil.

David, A. (ed.) (2004). *Vazios urbanos – trienal de arquitectura de Lisboa*. Lisboa: Caleidoscópio.

Diário Imobiliário (2013). *Estado degradado do edificado em Portugal diminuiu 40%*. Retirado em julho 11, 2013 de <http://www.diarioimobiliario.pt/actualidade/estado-degradado-do-edificado-em-portugal-diminuiu-40/>.

Dvorsky, T. & Pettipas, J. (2004). *Elder-friendly design interventions. Implications*. vol. 02, 07, 1-5. Retirado em abril 23, 2012 de http://www.informedesign.org/_news/aug_v02-p.pdf.

Experimenta Design (2011). *Action for age. Apresentação e briefing*. Retirado em fevereiro 7, 2012 de <http://www.experimentadesign.pt/actionforage/pt/AFA-02-0103.html>.

Fadigas, L. (2010). *Urbanismo e natureza – os desafios*. Lisboa: Edições Sílabo.

Falcón, A. (2007). *Espaços verdes para ciudad sostenible – planificación, proyecto, mantenimiento y gestión*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Feddersen, E.& Lüdtke, I. (2011). *Living for the elderly – a design manual*. Basileia: Birkhäuser.

Feireiss, L. & Klanten, R. (ed.) (2009). *Buiib-on converted architecture and transformed buildings*. Berlim: Gestalten.

Fernandes, A. (1997). *Velhice e sociedade. Demografia, família e políticas sociais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.

Flusser, V. (2010). *Uma filosofia do design*. A forma das coisas. Lisboa: Relógio D’Água.

Fortuna, C. (2002). *Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico*. In *Revista crítica de Ciências Sociais*, 63. 123-148.

Freitas, V. (coord.) (2012). *Manual de apoio ao projeto de reabilitação de edifícios antigos*. Porto: Ordem dos Engenheiros da Região Norte.

Gaullier, X. (1999). *Les temps de la vie. emploi et retrait*. Paris: Éditions Esprit.

Gehl, J. & Gemzoe, L. (2002). *Novos espaços urbanos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Graça, M. S. (2006). *Espaços públicos e uso colectivo de espaços privados*. In Cultura Light, 1, 107-115.

Gracia, F. (1992). *Construir en lo construido. La arquitectura como modificación*. Hondarribia: Editorial Nerea.

Haller, R. & Kramer, C. (eds.) (2006). *Horticultural therapy methods. Making connections in health care, human service and community programs*. Nova Iorque: The Haworth Press.

Hertzberger, H. (1991). *Lições de arquitectura*. Amesterdão: Uitgeverij.

ICOMOS (2004). *Recomendações para a análise, conservação e restauro estrutural do património arquitectónico*. Braga: Universidade do Minho.

INE (2001). *Inquérito à ocupação do tempo. Principais resultados de 1999*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatísticas.

INE (2013). *Retrato territorial de Portugal 2011*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatísticas.

INE (s.d.). *Projeções da população residente por sexoe grupo etário*. Retirado em Julho 8, 2013 de http://www.inec.pt/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_p etarias&menuBOUI=13707095&contexto=pe&selTab=tab4.

Kweon, B. S., Sullivan, W.C. & Wiley, A. (1998). *Green common spaces and the social integration of inner-city older adults*. In Environment and Behavior, 30. 832-858.

Leal, J. (2008). *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX português*. Retirado em maio, 15, 2013 de <http://fims.up.pt/ficheiros/LivroFinalConferencias.pdf>.

Leleu, M. (1998). *Misère et insolence de la vieillesse*. Bruxelas: Éditions Labor.

Lourenço, P. (2003). *Reabilitação de edifícios em pedra*. Retirado em fevereiro 19, 2013 de http://planetacad.com/PresentationLayer/ResourcesUser/Documentos/estudos/STUDY_Reab_Pedra.pdf.

Madeira, C. (2009). *A reabilitação habitacional em Portugal*. Tese de Mestrado. Faculdade da Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

Martins, R. (2006). *Envelhecimento e políticas sociais*. In Millenium – Revista do ISPV, 32. 126-140.

Matos, J. C. (2010). *Centro de dia 2*. Retirado em janeiro 28, 2012 de <http://www.jcmnet.net/projectos/centro-de-dia-2/memoria>.

Melo, O. (2000). *Ambiente urbano e espaços verdes: uma perspectiva geográfica sobre a cidade do Porto*. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Nicolin, P. & Repishti, F. (2003). *Dictionary of today’s landscape designers*. Milão: Skira.

OMS (2007). *Global age-friendly cities: a guide*. Genebra: Organização Mundial de Saúde.

Papanek, V. (1995). *Arquitectura e design. Ecologia e ética*. Lisboa: Edições 70.

Pastoureau, M. (1997). *Dicionário das cores do nosso tempo*. Simbólica e sociedade. Lisboa: Editorial Estampa.

Peres, M. (2007). *Velhice, trabalho e cidadania: as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Perkins, B., Hoglund, J. D., King, D., Cohen, E. R. & Kliment, S. A. (s.d.). *Accommodations for seniors*. Retirado em abril 23, 2012 de [http://www.ncarb.org/en/continuing-education/~media/Files/PDF/Mini-Monographs/accomodationsfor seniorsMM.pdf](http://www.ncarb.org/en/continuing-education/~/media/Files/PDF/Mini-Monographs/accomodationsfor seniorsMM.pdf).

Pinho, A. (2009). *Conceitos e políticas europeias de reabilitação urbana. Análise da experiência portuguesa dos gabinetes técnicos locais*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

Portas, N. (1993, abril). *Pasado, presente y futuro de las ciudades patrimonio de la humanidad*. Congresso Internacional de Urbanismo y Conserveción de Ciudades Patrimonio de la Humanidad. Cáceres, Espanha.

Portas, N. (2005). *Os tempos das formas, vol. I: a cidade feita e perfeita*. Guimarães: Universidade do Minho.

Quaresma, M. (1998). *Melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas*. In proceedings of conferência dos seniores parlamento europeu. Bruxelas: Direcção-Geral da Acção Social. 30.

Rosa, M. (1993). *O desafio social do envelhecimento demográfico*. In Análise Social. XXVIII, 122. 679-689.

Santos, A. (2007). *A problemática dos espaços verdes nos centros históricos*. Tese de Mestrado. Universidade de Aveiro, Aveiro.

Sennett, R. (2002). *Vida urbana e identidad personal: los usos del orden*. Barcelona: Ediciones Península.

Silva, J. (2010). *Horticultura terapêutica*. Retirado em dezembro 17, 2011 de <http://www.correiodominho.com/cronicas.php?id=1443>.

Silva, L. (2007). *Espaços verdes urbanos: ordenamento, ambiente e implementação*. Tese de Mestrado. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Silva, M. (2012). *Reabilitação sustentável: adaptação conceptual de um edifício do século XIX do centro do Porto*. Tese de Mestrado. Escola Superior de Artes e Design, Matosinhos.

Silva, S. (2009). *Envelhecimento activo. Trajectórias de vida e ocupações na reforma*. Tese de Mestrado. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Silvano, F. (2002). *Antropologia do espaço*. Oeiras: Celta Editora.

Sol, C. P. (2012). *Quase três mil idosos encontrados mortos em casa ao longo de 2011*. Retirado em fevereiro 2, 2012 de http://www.rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=25&did=48980.

Tavares, A., Costa, A. & Varum, H. (2011). *Manual de reabilitação e manutenção de edifícios – guia de intervenção*. Retirado em fevereiro 18, 2013 de http://www.inovadomus.pt/fh/images/documentos/article/5/MANUAL_INOVADOMUS.pdf.

Tyson, M. (2007). *The healing landscape*. Therapeutic outdoor environments. Wisconsin: Parallel Press.

Zunthor, P. (2009). *Atmosferas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Lista de Figuras

14 Fig.1 Outdoor alusivo à distinção “cidade amiga das pessoas idosas” pela oms (da autora)

22 Fig.2 Pirâmide etária portugal 2009 (fonte -<http://www.Geoescola.Org/images/rsgallery/original/piramide%20de%20portugal.Jpg>)

23 Fig.3 Gráfico estimativa para 2030 (fonte - <http://visao.Sapo.Pt/quantos-seremos-em-2030=f719973>)

24 Fig.4 (fonte - <http://www.Google.Pt/imgres?Imgurl=&imgrefurl=http%3a%2f%>)

24 Fig.5 (fonte - <http://cdn.Controlinveste.Pt/storage/dn/2011/big/ng1453045.Jpg>)

26 Fig.6 Contraste cromático dos objetos no espaço | norra vram. Suíça, marge arkitekter (fonte - <http://stat2.Architizer-cdn.Com/mediadata/projects/392010/rx410/f8doc424.Jpg>)

27 Fig.7 Utilização de cor e diferentes texturas para auxiliar a orientação | hainburg nursing hme. Áustria, christian kronaus + erhard na-he kinzelbach (fonte - nursing-home-hainburg-interior-e1275948490729 - <http://architecture-view.Com/wp-content/uploads/2010/06/nursing-home-hainburg-interior-e1275948490729.Jpg>)

29 Fig. 8A e 8B o enquadramento da vista | museu de arte contemporânea da fundação de serralves. Portugal, siza vieira (fonte - http://farm1.Staticflickr.Com/2/1346314_f4f8d24209_z.Jpg) (fonte -http://1.Bp.Blogspot.Com/_ral2wpjocdw/s3gah2xwpji/aaaaaaaam/ovo3rtzvory/s1600-h/serralveso2.Jpg)

31 Fig. 9 Vista aérea | centro de dia de vialonga. Portugal, miguel arruda (fonte - <http://www.Designboom.Com/cms/images/erica/---arruda/arrudao2.Jpg>)

- 32
- Fig. 10 Área interior comum e pátio central | Centro de Dia de Vialonga. Portugal, Miguel Arruda
(fonte - <http://www.Designboom.Com/cms/images/erica/---arruda/arrudao1.Jpg>)
- 33
- Fig. 11 Área interior comum e pátio central | Centro de Dia de Vialonga. Portugal, Miguel Arruda
(fonte - <http://www.Designboom.Com/cms/images/erica/---arruda/arrudao4.Jpg>)
- 33
- Fig. 12 Área interior comum (receção) e pátio central | Centro de Dia de Vialonga. Portugal, Miguel Arruda
(fonte - <http://www.Designboom.Com/cms/images/erica/---arruda/arrudao3.Jpg>)
- 34
- Fig. 13 Área interior comum | Lar de Idosos de Alcácer do Sal. Portugal, Aires Mateus
(fonte - <http://www.Noticiasarquitectura.Info/especiales/house-elderly-people-mateus/6g.Jpg>)
- 35
- Fig. 14 Área interior comum | Lar de Idosos de Alcácer do Sal. Portugal, Aires Mateus
(fonte - <http://www.Architectural-review.Com/journals/8/files/2011/3/3/106.Jpg>)
- 36
- Fig. 15 Área interior comum | Lar de Idosos de Alcácer do Sal. Portugal, Aires Mateus
(fonte - <http://www.Skyscrapercity.Com/showthread.Php?T=1319491>)
- 37
- Fig. 16 Área interior comum | Lar de Idosos de Alcácer do Sal. Portugal, Aires Mateus
(fonte - <http://www.Skyscrapercity.Com/showthread.Php?T=1319491>)
- 38
- Fig. 17 Interior de um quarto | lar de idosos de alcácer do sal. Portugal, Aires Mateus
(fonte - <http://www.Skyscrapercity.Com/showthread.Php?T=1319491>)
- 39
- Fig. 18 Fachada poente | Habitação Para Idosos em Chur. Suíça, Peter Zumthor
(fonte - http://farm7.Staticflickr.Com/6046/6883741660_eb25eeb134_z.Jpg)
- 39
- Fig. 19 Galeria de distribuição | Habitação Para Idosos em Chur. Suíça, Peter Zumthor
(fonte - <http://www.Galinsky.Com/buildings/elderly/>)
- 40
- Fig. 20 Fachada norte | Habitação Para Idosos em Chur. Suíça, Peter Zumthor
(fonte - <http://media-cacheak0.Pinimg.Com/236x/29/14/a4/2914a4a26c3a96a7a5f86276of7dbf95.Jpg>)

- 40
- Fig. 21 Fachada nascente | Habitação Para Idosos em Chur. Suíça, Peter Zumthor
(fonte – <https://www.Google.Pt/>)
- 41
- Fig. 22 Anel de quartos que encerra o pátio e jardim central | Centro de Geriatria Santa Rita. Espanha, Manuel Ocanã del Valle
(fonte - http://www.Mimoa.Eu/images/2162_1.Jpg)
- 41
- Fig. 23 Sala de estar na zona azul | Centro de Geriatria Santa Rita. Espanha, Manuel Ocanã del Valle
(fonte - <http://c1038.R38.Cf3.Rackcdn.Com/group1/building1855/media/1251302809-0905-om-santarita-077.Jpg>)
- 41
- Fig. 24 Sala de estar na zona laranja| Centro de Geriatria Santa Rita. Espanha, Manuel Ocanã del Valle
(fonte - <http://ado10cdnd.Archdaily.Net/wp-content/uploads/2012/07/1251304376-0905-om-santarita-123-1000x666.Jpg>)
- 42
- Fig. 25 Sala de estar na zona verde| Centro de Geriatria Santa Rita. Espanha, Manuel Ocanã del Valle
(fonte - <http://ado10cdnd.Archdaily.Net/wp-content/uploads/2012/07/1251304259-0905-om-santarita-060.Jpg>)
- 42
- Fig. 26 Vista de um espaço omnidirecional na zona azul | Centro de Geriatria Santa Rita. Espanha, Manuel Ocanã del Valle
(fonte - <http://ado10cdnd.Archdaily.Net/wp-content/uploads/2012/07/1251304389-0905-om-santarita-126-1000x666.Jpg>)
- 43
- Fig. 27 Piscina nas instalações de fisioterapia na zona azul | Centro de Geriatria Santa Rita. Espanha, Manuel Ocanã del Valle
(fonte - <http://parq001.Archdaily.Net/wp-content/uploads/2009/06/0905-om-santarita-051-528x590.Jpg>)
- 43
- Fig. 28 Interior de um quarto | Centro de Geriatria Santa Rita. Espanha, Manuel Ocanã del Valle
(fonte - http://farm3.static.flickr.com/2497/4096084043_6cdba81435.jpg)
- 43
- Fig. 29 Entrada exterior para os quartos | Centro de Geriatria Santa Rita. Espanha, Manuel Ocanã del Valle
(fonte - http://farm3.static.flickr.com/2489/4096843840_efc99f898f.jpg)
- 44
- Fig. 30 Sala de estar na zona vermelha| Centro de Geriatria Santa Rita. Espanha, Manuel Ocanã del Valle

(fonte - http://www.imagensubliminal.com/sites/default/files/imagecache/main/imagensubliminal_files/galerias/288Geriatrico%20Santa%20Rita/0905%20om%20santarita%20079.jpg)

- 52 Fig. 31 Janela da fachada norte da pré-existência
(da autora)
- 53 Fig. 32 Localização geográfica do objeto de estudo
(fonte – google maps)
- 53 Fig. 33 Igreja românica das águas santas
(da autora)
- 54 Fig.34 Fonte de sta. Maria
(da autora)
- 55 Fig. 35 Vista para a quinta da pícua da rua d. Afonso henriques
(da autora)
- 55 Fig. 36 Entrada principal de acesso à casa senhorial
(da autora)
- 55 Fig. 37 Entrada para a casa senhorial
(da autora)
- 56 Fig. 38 Rua d. AfonsoHenriques -bifurcação para a rua da pré-existência
(da autora)
- 56 Fig. 39 Rua d. Afonso Henriques.
(da autora)
- 57 Fig. 40 Rua Manuel Francisco de Araújo
(da autora)
- 57 Fig. 41 Pré-existência na Rua Manuel Francisco de Araújo
(da autora)
- 57 Fig. 42 Edifícios da Rua Manuel Francisco de Araújo em frente ao objeto de estudo
(da autora)
- 58 fig. 43 pontos de interesse da envolvência
(fonte – Google maps)

- 58 Fig. 44 Implantação do objeto de estudo
(fonte – google maps)
- 59 Fig. 45 Zoneamento da pré-existência
(da autora)
- 60 Fig. 46 Vista para a pré-existência antes da ampliação da escola
(da autora)
- 60 Fig. 47 Vista para a pré-existência depois da ampliação da escola
(da autora)
- 61 Fig. 48 Limite poente da quinta da pícua (acesso à casa senhorial) – diversidade de flora
(da autora)
- 61 Fig. 49 Edifícios da rua manuel francisco de Araújo em frente ao objeto de estudo
(da autora)
- 62 Fig. 50 Limite sul da quinta da pícua (acesso à casa senhorial) – diversidade
(da autora)
- 62 Fig. 51 Limite sul da quinta da pícua (acesso ao objeto de estudo)
(da autora)
- 63 Fig. 52 Pré-existencia cobertura
(da autora)
- 65 Fig. 53 Pré-existencia | planta piso 0 à escala 1.20
(da autora)
- 67 Fig. 54 Pré-existencia | planta piso 1 à escala 1.20
(da autora)
- 69 Fig. 55 Pré-existência alçados
(da autora)
- 72 Fig. 56 Fachada norte - preenchimento
(da autora)
- 73 Fig. 57 Dependências para agricultura/pecuária – estrutura do piso superior (em ruína)
(da autora)

- 75

Fig. 58 Habitação 8 – parte inferior das escadas interiores de acesso à habitação 4 (da autora)
- Fig.59 Planta esquemática da pré-existência com a localização das fotografias
- 76

- levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)
- Fig.60 Planta da habitação 1 (1º piso) com a localização das fotografias -
- 84

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)
- Fig.61 Planta da habitação 2 (1º piso) com a localização das fotografias -
- 92

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)
- Fig.62 Planta da habitação 3 (1º piso) com a localização das fotografias -
- 96

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)
- Fig.63 Planta da habitação 4 (1º piso) com a localização das fotografias -
- 100

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)
- Fig.64 Planta da habitação 5 (rés-do-chão) com a localização das fotografias -
- 110

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)
- Fig.65 Planta da habitação 6 (rés-do-chão) com a localização das fotografias -
- 116

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)
- Fig.66 Planta da habitação 7 (rés-do-chão) com a localização das fotografias -
- 120

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)
- Fig.67 Planta da habitação 8 (rés-do-chão) com a localização das fotografias -
- 126

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)
- Fig.68 Planta da habitação 9 (rés-do-chão) com a localização das fotografias -
- 132

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)

- 136

Fig.69 Planta da habitação 10 (rés-do-chão) com a localização das fotografias - levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)
- Fig.70 Planta da habitação 11 (1º piso) com a localização das fotografias -
- 140

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)
- Fig.71 Planta da habitação 12 (1º piso) com a localização das fotografias -
- 146

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)
- Fig.72 Planta dos anexos (1º piso) com a localização das fotografias -
- 150

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)
- Fig.73 Planta das dependências (rés-do-chão) com a localização das fotografias -
- 156

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias. (da autora)
- Fig.74 Planta da cobertura dos três edifícios com a localização das fotografias -
- 162

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias (da autora)
- Fig.75 Planta da casa dos caseiros com a localização das fotografias -
- 166

levantamento fotográfico e identificação das principais patologias (da autora)
- Fig. 76 Número de idosos por idade (da autora)
- Fig. 77 Duração da permanência no centro de dia (da autora)
- Fig. 78 Atividades desenvolvidas por percentagem. (da autora)
- Fig. 79 Esquema funcional (da autora)
- fig. 80 Esquema edificios (da autora)

- 181
- Fig. 81 Esquema distributivo
(da autora)
- 183
- Fig. 82 Planta piso 0
(da autora)
- 185
- Fig. 83 Planta piso 1
(da autora)
- 186
- Fig. 84 Maqueta de estudo | corpo da receção
(da autora)
- 187
- Fig. 85 Maqueta de estudo | corpo da receção
(da autora)
- 189
- Fig. 86 Esboço do ginásio
(da autora)
- 191
- Fig. 87 Planta da cozinha e armazém à escala 1:100
(da autora)
- 192
- Fig. 88 Esboço do refeitório
(da autora)
- 193
- Fig. 89 Axonometria da escada interior do edifício a
(da autora)
- 194
- Fig. 90 Esquisso da entrada, pátio e corredor de distribuição
(da autora)
- 195
- Fig. 91 Estudo do pátio central através de maqueta
(da autora)
- 195
- Fig. 92 Estudo do pátio central através de maqueta
(da autora)
- 196
- Fig. 93A e 93B Casa collage | Espanha, Bosch.Capdeferro
(fonte - https://www.google.pt/search?q=casa+collage&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=_yCeUtXFBIrR7Abr1IDICA&ved=oCAcQ_AUoAQ&biw=1366&bih=652#facrc=_&imgdii=_&imgrc=d6MPQj36lLTQrM%3A%3BTDqOpUW8tyVyM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.metalocus.es%252Fcontent%252Fen%252Fsystem%252Ffiles%252Ffile)

- (fonte -https://www.google.pt/search?q=casa+collage&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=_yCeUtXFBIrR7Abr1IDICA&ved=oCAcQ_AUoAQ&biw=1366&bih=652#facrc=_&imgdii=_&imgrc=uGhVGLi8)
- 196
- Fig. 94 Proposta de desenho dos azulejos para as guardas
(da autora)
- 197
- Fig. 95 Esquisso da sala de estar
(da autora)
- 201
- Fig. 96 Estudo da estrutura do auditório
(da autora)
- 202
- Fig. 97 Planta do auditório
(da autora)
- 202
- Fig. 98 Corte do auditório
(da autora)
- 203
- Fig. 99 Esquisso ilustrado da entrada do auditório
(da autora)
- 204
- Fig. 100 Booktower | Inglaterra, Rintala Eggertsson
(fonte - https://www.Google.Ptsearch?q=rintala+eggertsson+architects+at+the+victoria+and+albert+museum+in+london&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=yiSeUpGnHcWM7QbrooCwAg&ved=oCacQ_AUoAQ&biw=1366&bih=652#facrc=_&imgrc=E-fiLWP)
- 205
- Fig. 101 Booktower | Inglaterra, Rintala Eggertsson
(fonte - https://www.google.pt/search?q=rintala+eggertsson+architects+at+the+victoria+and+albert+museum+in+london&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=yiSeUpGnHcWM7QbrooCwAg&ved=oCacQAUoAQ&biw=1366&bih=652#q=rintala+eggertsson+architects+at+the+victoria+and+albert+museum+in+london&tbm=isch&tbs=isz:l&facrc=_&imgdii=_&imgrc=M7rtza4V5g)
- 207
- Fig. 102 Axonometria da biblioteca
(da autora)
- 208
- Fig. 103 Alçados da biblioteca à escala 1:100
(da autora)
- 209
- Fig. 104 Estudo dos passadiço em maqueta
(da autora)

*Centro de Dia da Pícuia. Projeto de Design
de Interiores e Reabilitação de Um Espaço
Preexistente Para a Terceira Idade.*

Mestrado Em Design de Interiores

Mestranda

Diana Sofia Xavier Pinto

Orientadora

Armandina Désirée Tomás Pedro

.....

Design Gráfico

Daniela Pinto Pereira

Tipografia

Freigh Micro, Text & Sans,

Darden Studio · Joshua Darden

Software

Adobe InDesign CS6

Adobe Illustrator CS6

Adobe Photoshop CS6

.....

Dezembro de 2013

